



Elisabete Moreira dos Santos  
Foto: Paulo de Oliveira

# O escrevinhador

MEMÓRIAS DE CARLOS BAPTISTA SILVA

E A RECONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE HISTÓRICO-CULTURAL

1998 - 2005 - 1998



O ESCREVINHADOR: MEMÓRIAS DE CARLOS  
BAPTISTA SILVA E A RECONSTRUÇÃO DE  
NOSSA IDENTIDADE HISTÓRICO-CULTURAL

Elizabeth Marcia dos Santos  
João Pinto de Oliveira

São Tiago  
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP (Brasil)

Catalogação na Fonte

Santos, Elizabeth Marcia

S237e O escrevinhador: memórias de Carlos Baptista Silva e a reconstrução de nossa identidade histórico-cultural / Elizabeth Marcia Santos; João Pinto de Oliveira – São João del Rei: [s.n], 2024.  
171p.: il.

ISBN: 978-65-999595-2-3

1. Contos Brasileiros. 2. Literatura Brasileira. 3. Memórias. I. Oliveira, João Pinto da. II. Título.

CDD:B869.3

Do Campanário de meu coração  
Bimbalha, lúgubres, três sinos:  
Trinários dobres repassados hinos  
Ecoando pela ebúrnea soledade  
Rememorações de entes tão queridos.  
Carlos Silva<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Das lembranças do escritor João Pinto de Oliveira, durante sua juventude, em um dos poucos contatos que teve com o Sr. Carlos Silva.

## AGRADECIMENTOS

À editora Vertentes Cultural/ Sicoob Credivertentes por tornar possível a publicação desta obra.

A José Arimatéa Santos, pai da escritora Elizabeth, que foi guia nas expedições às terras onde outrora existira a Fazenda Saudade de Zélia e à casa da cachoeira do Sr. Carlos Silva.

A Antonio Ribeiro Jackson, filho de Carlos Silva, por todas as informações, fotos e histórias compartilhadas.

A Maria Ribeiro, filha de Carlos Silva, pela disponibilização das fotos da família e por todas as recordações a nós confiadas.

A Mariângela Silva, neta do Sr. Carlos Silva, pelos contatos a nós fornecidos e pelas histórias compartilhadas.

A Pablo Jackson da Mata Ribeiro, bisneto de Carlos Silva, pela valiosa contribuição.

A Otávio Vieira as fotos disponibilizadas sobre a cidade de Santa Rita do Rio Abaixo.

Ao Professor Geraldo Tibúrcio de Almeida e Silva por compartilhar, de seu arquivo pessoal, foto da Matriz de Ritópolis.

Às netas de D. Maria José Lara, Daisy Mara Campos Villas Boas, Maria de Fátima Auxiliadora Campos Serra e Marylaine do Carmo Campos, pela disponibilização da documentação de D. Maria José Lara, a dona Santinha.

A Mauro Peluzzi pelas informações sobre seu avô Francisco Peluzzi.

A Elgio Fernando Annanias de Souza Santos por nos auxiliar na localização de documentos sobre Conceição da Barra de Minas.

A Padre Thomas Andrade Gimenez Dias pelas informações sobre Tiburcinho, colega de escola de Sr. Carlos.

A Marcus Santiago pelas informações sobre Dom José Maria Parreira Lara.

A José Sebastião — Tião Viegas — por compartilhar memórias sobre Carlos Silva.

## DEDICATÓRIA

As palavras, se bem analisadas, têm poderes incríveis: podem ser mais assustadoras do que a ponta de uma lança afiada apontada em nossa direção e também podem curar uma alma adoecida. É pela palavra que as guerras são conquistadas ou perdidas. É por sua ausência ou por sua presença que amores são esquecidos ou vividos.

Para falarmos do poder da palavra, lembremo-nos de como a criação do mundo foi descrita no livro de Gênesis. Deus, aquele que precede todas as coisas, pronunciou sua vontade e, assim, o mundo foi criado. Bastou Ele dizer “faça-se”, e a palavra do criador ecoou no universo, e todas as coisas foram criadas. Então, o Senhor nomeou cada uma delas.

Também podemos falar do poder da palavra recorrendo à mitologia grega. Para os povos antigos, a palavra tinha força vital. Para eles, ao se pronunciar um nome, ou seja, dizer a palavra que nomeia algo, evocava-se a coisa em si, fosse ela representativa do bem ou do mal. Assim, era pela palavra que a história acontecia. Inspirados pelas musas, filhas de Mnemósine, a deusa da memória, os rapsodos, como eram denominados os poetas, tinham a tarefa de cantar os fatos para que eles, assim, acontecessem, uma vez que, pela palavra, coisas, pessoas, histórias, eventos etc. são lembrados ou esquecidos. A palavra, portanto, vivifica ou destrói!

Na Era Cristã, fomos lembrados do poder da palavra, quando, em João 3:16, lemos: “E o verbo de Deus se fez carne e habitou entre nós”. É o poder da palavra mais uma vez evocado, porque Deus é a palavra que faz acontecer, é ação, como era na criação, continua e continuará a ser.

Poderíamos discorrer sobre muitos pensadores, estudiosos, políticos e poetas que, compreendendo o poder da palavra, proferiram-na em profusão e tão acertadamente que ficaram marcados na história. Poderíamos ainda falar sobre comunidades nas quais a oralidade ainda é tão forte que as histórias nem precisam ser escritas, pois as palavras são repassadas em forma de contos, de geração a geração, mantendo vivos a cultura e os ensinamentos milenares desses povos.

Contudo, não é sobre isso que viemos falar. É sobre um *escrevinhador*, que, tendo consigo o dom e o gosto pelas palavras, escreveu sobre seu dia a dia, sobre os acontecimentos marcantes de sua vida e sobre sua vontade de escrever, quiçá, na esperança de que, um dia, seus filhos e parentes pudessem conhecer os seus sentimentos ou, talvez, simplesmente porque as palavras lhe brotassem na mente, e ele precisasse externá-las.

Dessa forma, para que essa história não fique esquecida, é preciso que seja (re) escrita e (re)lembrada. É necessário que a memória de um criador de memórias, como Carlos Baptista Silva, seja contada a outras gerações. É preciso que seu legado seja transmitido. Então, aqui estamos, usando as palavras, ora interpretando-as, ora adivinhando-as, na intenção de rememorar a vida de um homem que nasceu há 130 anos e quis, pela escrita, eternizar os momentos mais caros de sua existência.

Com todo o nosso carinho e o nosso respeito e com o mesmo gosto pelas palavras que o *escrevinhador* Carlos Silva, epíteto que ele mesmo usou para se autodescrever, nós dedicamos este livro a seu filho Antonio Ribeiro Jackson<sup>2</sup>, que também é um homem de palavras!

2 A fotografia de Antonio Ribeiro Jackson pode ser vista na figura 37.

## LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1 – Senhor Carlos Silva em sua juventude  
FIGURA 2 – Carlos Silva com 36 anos  
FIGURA 3 – Carlos Silva  
FIGURA 4 – Carlos Silva  
FIGURA 5 – Certidão de nascimento do Sr. Carlos Silva  
FIGURA 6 – Registro de Batismo do Sr. Carlos Silva  
FIGURA 7 – Casa da cachoeira  
FIGURA 8 – Casa da cachoeira e seus habitantes  
FIGURA 9 – Escombros da casa da cachoeira  
FIGURA 10 – Thomaz Ribeiro com 27 anos  
FIGURA 11 – Thomaz Ribeiro, a segunda esposa D. Olympia e filhos  
FIGURA 12 – Família de D. Olympia  
FIGURA 13 – Fazenda do Mato Dentro  
FIGURA 14 – Hormandina Mello  
FIGURA 15 – D. Glorinha e os filhos que se mudaram para São João del-Rei em sua companhia  
FIGURA 16 – Carlos Silva e D. Glorinha alguns anos após o divórcio  
FIGURA 17 – D. Glorinha, segunda esposa de Carlos Silva  
FIGURA 18 – Certidão do casamento Sr. Carlos Silva com D. Maria da Glória  
FIGURA 19 – Maria da Glória e os filhos  
FIGURA 20 – Certidão de óbito de Carlos Baptista Silva  
FIGURA 21 – Cidade de Ritópolis, início do século XX, sem data precisa  
FIGURA 22 – Largo da Matriz de Santa Rita de Cássia, em Ritópolis  
FIGURA 23 – Praça central de São Tiago com antigo coreto e Igreja do Rosário no início do século XX  
FIGURA 24 – São Tiago na primeira metade do século XX  
FIGURA 25 – São Tiago na primeira metade do século XX  
FIGURA 26 – Praça Ministro Gabriel Passos, na primeira metade do século XX  
FIGURA 27 – Ata de nomeação da Sra. Hormandina para a cadeira do sexo feminino da Escola Pública de Instrução Primária e Elementar da Parochia de São Thiago  
FIGURA 28 – Local onde existiu a Fazenda do Retiro  
FIGURA 29 – Inventário de D. Hormandina, sendo o inventariante o marido Carlos Silva  
FIGURA 30 – Glorinha em sua juventude  
FIGURA 31 – Morro da Cruz  
FIGURA 32 – Monsenhor João Alexandre de Mendonça  
FIGURA 33 – Dom José Maria Parreira Lara  
FIGURA 34 – Pe. Júlio José Ferreira 1844-1916  
FIGURA 35 – Pe. José Duque  
FIGURA 36 – Fazenda São Miguel  
FIGURA 37 – Sr. Antonio Ribeiro Jackson  
FIGURA 38 – Formatura de D. Maria José Lara (D. Santinha)  
FIGURA 39 – Uma das casas mais antigas de Conceição da Barra

# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO.....</b>	<b>10</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 GENEALOGIA .....</b>	<b>15</b>
<b>2 A REGIÃO E O TEMPO .....</b>	<b>39</b>
<b>2.1 Santa Rita do Rio Abaixo .....</b>	<b>39</b>
<b>2.2 Nossa Senhora da Conceição da Barra .....</b>	<b>42</b>
<b>2.3 São Tiago .....</b>	<b>43</b>
<b>3 A VIDA AFETIVA .....</b>	<b>50</b>
<b>4 A FÉ .....</b>	<b>58</b>
<b>5 AS TRÊS MORTAS .....</b>	<b>61</b>
<b>6 RELATOS DO SR. CARLOS SILVA .....</b>	<b>70</b>
<b>7 HISTÓRIAS E CURIOSIDADES SOBRE CARLOS SILVA .....</b>	<b>74</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>85</b>
<b>ANEXO A - AS TRÊS MORTAS, DE CARLOS SILVA .....</b>	<b>90</b>
<b>ANEXO B - RELATOS DO SR. CARLOS SILVA .....</b>	<b>117</b>

## PREFÁCIO

(por Elizabeth Marcia dos Santos)

Certa vez, quando fazia minhas pesquisas para a escrita da dissertação de mestrado, entrevistei o Sr. Antonio Ribeiro Jackson, pessoa muito admirada em nossa comunidade e conhecedor de muitas histórias sobre os antigos habitantes de São Tiago e região. Na ocasião, fui agraciada com muitas histórias sobre sua família; uma delas sobre um crime acontecido há tempos longínquos — em 1863 —, envolvendo uma tia distante cujo marido fora assassinado por seus escravos. Essa história acabou se tornando um capítulo de minha dissertação<sup>3</sup> e, de certa forma, me abriu portas, além de estreitar minha amizade com o Sr. Jackson, pessoa a quem muito devo e que, vez ou outra, vou visitar para ouvir e enlevar-me com outras tantas narrativas.

Um dia, conversando com Sr. João Pinto de Oliveira<sup>4</sup> sobre este capítulo de minha dissertação e sobre o quanto eu estava interessada pela história do crime acontecido na Fazenda do Retiro, a ponto de ir conhecer as terras que outrora abrigaram o espaço, ele me informou que havia um manuscrito que eu deveria ler, escrito pelo Sr. Carlos Silva, disponível na Biblioteca Kalil Gibran — Instituto São Tiago Apóstolo.<sup>5</sup>

O Sr. Carlos Silva era pai do Sr. Jackson e, portanto, sobrinhoneto da esposa do senhor Romualdo, assassinado pelos escravos, e ambos, tia e sobrinho, haviam morado na Fazenda do Retiro. Na biblioteca, encontrei o título *As três mortas*, li e muito me impressionou a forma poética com que Sr. Carlos escrevia sobre as coisas mais rotineiras, como o seu amor pela família, sua devoção a Deus e ao seu trabalho.

Alguns meses depois, quando me reencontrei com o Sr. João, ele me disse que tinha outra obra escrita pelo Sr. Carlos Silva. Foi nesta ocasião que cogitamos a ideia de escrever este livro, na intenção de manter vivos a memória e os escritos de Carlos, já que restavam tão poucos textos.

Entre a primeira vez em que essa ideia foi verbalizada e o início da escrita do livro, passaram-se, pelo menos, dois anos, tempo necessário para que juntássemos toda a documentação. Foram anos de intensas pesquisas e levantamento de dados. Durante esse processo, fui percebendo a grande tarefa que tinha em minhas mãos.

A real possibilidade de escrever sobre Carlos Silva me deixava maravilhada e assustada, sobretudo por experimentar uma certa angústia, fruto da consciência que tinha sobre o tamanho da minha responsabilidade. O poeta e escritor pouco frequentara os bancos escolares, mas trazia na alma a inspiração necessária para dar vida às palavras, um dom nato que dificilmente alguma instituição pudesse ensinar e o qual ele nomeava “veia de escrevinhador”.<sup>6</sup>

Ciente de todo esse valor, questionava: poderei eu escrever sobre a vida de um homem “escrevinhador” que já registrara fatos de sua vida nas páginas de

3 SANTOS, Elizabeth Marcia. **Resistência escrava**: as fugas de escravos na Comarca do Rio das Mortes 1871-1888. 2020. 173 f. Dissertação (Mestrado em História) – PGHIS/UFESJ, São João del-Rei. 2020.

4 Presidente do Sicoob Creditverentes, escritor, apoiador da cultura local, incentivador das pesquisas históricas, pesquisador de nossa história, fundador do *Boletim Sabores e Saberes* e parceiro na escrita e organização desta obra.

5 Os manuscritos aqui utilizados — *As três mortas e Relatos do Sr. Carlos Silva* — foram repassados, nos primeiros anos da década de 1980, ao Instituto São Tiago Apóstolo, por Dona Alva Romeiro Silva, nora do Sr. Carlos Silva. Dona Alva nasceu em Bom Sucesso, aos 30/08/1921, falecendo em São Tiago, aos 19/02/1985.

6 SILVA, Carlos Baptista. **As três mortas**. Manuscrito. Fl. 39.

um caderno? Como despertar interesse pela leitura desta biografia se os escritos originais do Sr. Carlos Silva seriam, certamente, mais atrativos, posto que já haviam sido por ele poetizados? Essas questões afligiram-me o pensamento. Por isso, torna-se muito importante compartilhá-las com o leitor, não para obter respostas diretas, mas, sobretudo, para justificar a minha ainda imatura habilidade com as palavras, principalmente quando diante dos preciosos escritos do Sr. Carlos Silva. Assim, caro leitor, antecipo o pedido de desculpas, peço paciência e esclareço que, ao refletir sobre tais questionamentos, cheguei a uma conclusão: o personagem principal precisava ser, também, o autor principal. E, sem pestanejar, foi o que tentei fazer. Contudo, não o fiz sozinha. Como idealizador do livro e profundo conhecedor das histórias do nosso povo, o Sr. João Pinto se juntou a mim nessa tarefa. Foram muitas conversas, muitos encontros e bastantes informações trocadas para que pudéssemos resgatar a obra de Carlos Silva.

Ressalta-se que a intenção deste livro é, antes de tudo, recuperar parte da nossa história ao tornar públicos alguns textos do Sr. Carlos Silva, um memorialista que nasceu em finais do século XIX e, ao que se sabe, gostava de escrever e falar em público. Porém, de seus escritos pouco restou, como já dito, e o que conseguimos são duas de suas obras, aqui apresentadas em forma de capítulos e, na íntegra, anexas ao texto principal. Os nomes são idênticos aos da transcrição, ou seja, As três mortas e Relatos do Sr. Carlos Silva. Nesses capítulos, buscamos apresentar os lugares e algumas pessoas citadas nos escritos originais, conectando esses personagens e as situações descritas à nossa memória coletiva.

O primeiro capítulo, denominado “Genealogia”, é dedicado à apresentação de Carlos Silva aos leitores. Os capítulos seguintes “A região e o tempo”, “Vida afetiva” e “Fé” exploram os assuntos identificados como os mais recorrentes nas obras do nosso escrevinhador. À medida que pessoas foram sendo contatadas, novos casos surgiam, e, para que essas histórias sobre Carlos Silva fossem contadas, houve a necessidade de inserir mais um capítulo neste livro.

Para tornar as obras acessíveis a todos, fomos garimpando informações que pudessem elucidar fatos e narrativas feitas pelo autor, já que se referem aos anos finais do século XIX e início do século XX. Outras vezes, para conhecer melhor o contexto no qual vivera, os lugares e os indivíduos mencionados nas narrativas, procuramos ouvir pessoas e analisar documentos. Assim, acrescentamos ao trabalho memórias de seus filhos Antonio Ribeiro Jackson e Maria Ribeiro, fontes documentais encontradas, fotos e outros tipos de informações relevantes.

Além do mais, considerando a dificuldade de leitura dos manuscritos, decidimos transcrevê-los para facilitar a divulgação e a preservação da obra. Esses textos encontram-se anexos, como dito anteriormente. Por isso, também, optamos por não mencionar cada uma de suas memórias nos capítulos escritos, já que o leitor terá acesso a elas pela leitura das obras originais.

Nessa empreitada, coube-nos o papel de tecelões, alinhavando alguma informação, juntando aqui e ali memórias de pessoas que conheceram o senhor Carlos Silva. Com muita gratidão e muito respeito, procuramos relembrar a história desse homem que não foi nenhum personagem célebre da história, mas que, na simplicidade de sua existência, se tornou extraordinário.

## INTRODUÇÃO

(por João Pinto de Oliveira)

A memória histórica, seja ela de ordem pessoal ou coletiva, é fundamental na construção da identidade/identificação cultural de uma sociedade, registrando conhecimentos, reafirmando valores, estruturas e representações do cotidiano a nós transmitidos pela aguerrida ancestralidade. Essa é, portanto, a importância da memória como visão consciencial-coletiva compartilhada, segundo a expressão de Jacques Le Goff.<sup>7</sup> Sob essa ótica, a memória histórica envolve a fixação, a conservação, as lembranças, o reconhecimento dos acontecimentos e das mentalidades e nos ajuda, por conseguinte, a pensar sobre o mundo, de forma crítica e plural, a interagir e a nos inserir efetivamente na sociedade, na nacionalidade, na racionalidade. Através da memória, as raízes do passado ressurgem, reincorporam-se, ecoam na consciência coletiva, como precioso legado do tempo às gerações futuras.

Ademais, a reflexão sobre pessoas, comuns ou especiais, que, em lugares e tempos distintos, exerceram relevante influência na vida da família e da comunidade, deverá ser valorizada e exercitada. Tais indivíduos, assim como Carlos Silva, são como pedras trabalhadas e regidas pelo estoicismo, pela ética e pela sobriedade e tornam-se alicerces, pilares de nossa existência, oferecendo-nos um inigualável repertório — humano, cívico e histórico — e contribuindo para a afirmação de nossa regionalidade e para a construção de nossa humanidade.

Muitas vezes, a história que nos é contada oficialmente é deveras autoritária, convencionalista, moldada pela lógica do poder político, do capital, atendo-se a critérios meramente seletivos, historicistas, elitistas, com preterição no tempo e no espaço às vozes marginalizadas, silenciadas. Nietzsche destaca que “precisamos da história, mas não como precisam dela os ociosos que passeiam no jardim da ciência”<sup>8</sup>. Na contraposição dessa visão opressiva, o filósofo alemão Walter Benjamin, crítico do historicismo, considera de máxima importância se pensar a história ao reverso, a contrapelo: por outras visões, outros panoramas, outros discursos. Diz ele: “O passado traz um índice misterioso que o impele à redenção. Pois não somos, enfim, tocados pelo sopro do ar que foi respirado antes? Não existem nas vozes que escutamos ecos de vozes que emudeceram?”<sup>9</sup> Não seria então plausível, algumas vezes, pensarmos à maneira de Jean-Pierre Vernant, para quem “a memória é o deciframento do invisível, uma geografia do sobrenatural, a rememoração do passado, cuja contrapartida necessária é o esquecimento do tempo presente<sup>10</sup>”, e nos voltarmos ao passado e escutar as vozes outrora silenciadas?

Certa vez, a historiadora Emília Viotti da Costa disse que “um povo sem memória é um povo sem história. Um povo sem história está fadado a cometer, no presente e no futuro, os mesmos erros do passado”. Assim, uma sociedade sem

7 LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

8 BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 5. ed. Tradução: Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Obras escolhidas I). p. 228.

9 BENJAMIN, 1993, p. 228.

10 VERNANT, J. P. **Mito e pensamento entre os gregos**. 2. ed. Trad. Haigunush Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 143.

memória, sem história, é uma tragédia; é uma sociedade em que faltam solicitude, afeto e não se fixam as impressões da alma. Daí, nossa firme preocupação em lutar contra a amnésia coletiva, de forma a nos fortalecer como sujeitos, reais atores das relações sociais e culturais.

A publicação de obras como esta sobre Carlos Baptista da Silva é uma forma de resgatar, de restaurar, de reescrever com imagens e ideias as experiências do passado; é uma maneira de redescobrir nossa rica cultura, de tornar nossas vozes includentes, reconhecidas. Obra, em si, valiosa pepita soterrada no tempo e ora aflorada, trazida ao rés do solo, por força de três fatores básicos: 1. estarem os registros sob guarda da família e da biblioteca/banco de dados culturais do Instituto São Tiago Apóstolo; 2. contar com os trabalhos de pesquisa e redação da abnegada professora Elizabeth Marcia dos Santos (Beth); 3. receber o imprescindível apoio da Editora Vertentes Cultural/ Sicoob Crediverentes, instituição que vem se destacando na revalorização e na redescoberta da memória histórica e cultural entre nós.

Feitas tais considerações, o olhar deve, pois, focar o nosso autor. Embora desprezioso em sua autoavaliação, Carlos Silva exhibe educação e cultura assaz avançadas para os padrões de então — aluno que fora dos Colégios Chantal e São Luiz. Talvez, por isso mesmo, seja algo perturbador, inquietante, diferenciado, excêntrico, quando não rejeitado, infelizmente como sói em segmentos de nossa cultura, por se ser velho ou oriundo de classes não letradas, não elitizadas e afins.

Homem da poesia, da oratória, da arte, eis a voz silenciada, por tempos, que retorna a nós e é levada ao domínio público. A presente edição possibilita-nos, pois, a reconstituição de parte de nossa cultura, a reescrita da historiografia local-regional, o reatamento dos laços e do diálogo passado-presente, extraindo-se dos refolhos e dos escaninhos das escritas de Carlos Silva sensíveis pérolas de sabedoria, alegoria, confidências. Não apenas memória pessoal-familiar, mas social, institucional, grupal, representativa, cujos relatos e imagens — como águas submersas e profundas vindas à tona, deslocando-se e misturando-se às da superfície — ocupam igualmente espaços de consciência, de confluência, de existência. Um prêmio, um deleite para todos nós, leitores e familiares. Para o pensador inglês Halbwachs<sup>11</sup>, a memória pessoal é a memória do grupo e esta, como esfera maior da tradição, representa a memória coletiva e latente de cada sociedade.

As memórias do “escrevinhador”, como Carlos Silva se intitula, quem sabe um “esquadrinhador” do tempo, são um mergulho na psicologia pessoal-familiar e social, uma aula de vitalidade e capacidade de assertividade intertemporal, um testemunho vivo de fortaleza, de superação existencial e grupal. Para nós, situados no século XXI, o contato com o passado épico, vivido, comovido de nossos antepassados — qual o relato de Carlos Silva — faz-nos, sem dúvida, evocativos, remissivos, repondo-nos a alma no tempo, ressignificando-nos a memória de lembranças, de emotividade, de afetividade, de reencontro com o mundo que, até há pouco, se julgava perdido...

Se marginalizada, se depreciada a política do passado, ainda assim, pela ar-

---

11 HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

queologia da paciência, da diligência, podemos extrair e prospectar, até mesmo dos escombros, todo um acervo de lembranças. É possível reconhecer os seus artefatos, revitalizar suas formas, reproduzir seus textos e contextos e, dessa forma, exibir aos pósteros toda uma era reconstituída. E, como todos os humildes e laboriosos visionários do passado e do presente — vistos até mesmo como lunáticos e desocupados — podemos compartilhar, nos reconhecer na voz e nos versos de Carlos Drummond de Andrade.<sup>12</sup>

“Doido,  
Moído,  
Caído  
Perdido  
Curtido  
Morrido  
Eu sigo  
Persigo  
Ó lunar intento  
Pela justiça do mundo  
Luto, iracundo”

---

<sup>12</sup> Parte do poema O derrotado invencível, de Carlos Drummond de Andrade. CERVANTES, M. de; PORTINARI, C.; ANDRADE, C. D. de. **D. Quixote, Cervantes, Portinari, Drummond**. Rio de Janeiro: Diagraphis, 1973. p. 1973.

## 1 GENEALOGIA

FIGURA 1 – Senhor Carlos Silva em sua juventude



FONTE: BOLETIM SABORES E SABERES, n. 6, v. 68, maio 2003

FIGURA 2 – Carlos Silva com 36 anos



FONTE: Arquivo pessoal Maria Ribeiro, filha de Carlos Silva

FIGURA 3 – Carlos Silva



FONTE: Arquivo pessoal Maria Ribeiro, filha de Carlos Silva

FIGURA 4 – Carlos Silva




FONTE: Arquivo pessoal Maria Ribeiro, filha de Carlos Silva


Na Fazenda Retiro, localizada em Santa Rita do Rio Abaixo, nascia, em 27/10/1893, Carlos Baptista da Silva, filho de Thomaz Ribeiro da Silva (15/06/1853 – ?) e D. Ambrosina Cristina Mendes de Almeida (14/07/1856 – 21/01/1907). Ele foi batizado em 8 de novembro de 1893, pelo Pe. Júlio Ferreira<sup>13</sup>, e seus padrinhos foram Francisco José da Silva e Inez Maria de Jesus.

13 Pe. Júlio José Ferreira nasceu em 25 de agosto de 1844, em Piedade das Gerais, que, na época, pertencia a Bomfim. Ordenou-se padre em 26/01/1868 e foi designado para pároco em setembro do mesmo ano para a freguesia de São Tiago, onde ficou até 1901, ausentando-se por motivo de perseguição política. Faleceu em 1916. De temperamento enérgico, “era um líder da localidade, interferia nos direcionamentos sociais da comunidade e orientava os paroquianos até nas questões políticas”. FONTE: Base de dados Family Search. Brasil, Minas Gerais, Registros da Igreja Católica, 1706-1999. A figura 34 traz um retrato de Padre Júlio.

FIGURA 5 – Certidão de nascimento do Sr. Carlos Silva



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS



**CERTIDÃO DE NASCIMENTO**

NOME  
**CARLOS BAPTISTA DA SILVA**

CPF: Nada consta

MATRÍCULA: 036980155 1893 1 00002 069 0000113 37

DATA DE NASCIMENTO POR EXTENSO: vinete e sete de outubro de mil oitocentos e noventa e três

HORA: 14:00 NATURALIDADE: Ritápolis - MG DIA MÊS ANO: 27/10/1893

MUNICÍPIO DE REGISTRO E LINHA DE FEDERAÇÃO: Ritápolis-MG LOCAL, MUNICÍPIO DE NASCIMENTO E UF: (em fazenda sita no Capem Comprido, Ritápolis - MG) SEXO: Masculino

PAIS: THOMAS RIBEIRO DA SILVA, AMBROZINA CRISTINA DE ALMEIDA

MÃES: FRANCISCO RIBEIRO DA SILVA e ANNA ANTONIA DE REZENDE  
FRANCISCO MENDES DE ALMEIDA e JERECINA CANDIDA DE ALMEIDA

GENÉRIO: NÃO NOME E MATRÍCULA DOS GENÉRIOS: \_\_\_\_\_

DATA DO REGISTRO POR EXTENSO: vinete e oito de outubro de mil oitocentos e noventa e três NÚMERO DA DECLARAÇÃO DE NASCIMENTO: \_\_\_\_\_

AUTENTICAÇÃO/ABONATÓRIA A ACESSOR: Carlos Baptista da Silva casou-se com Maria da Glória Oliveira no dia 25 de fevereiro de 1930, em Conceição da Barra. Vide o aviso do oficial do Registro Civil.

ANOTAÇÕES DE CADASTRO


TIPO DOCUMENTO	NÚMERO	DATA E EXPIRAÇÃO	GRUPO EMISSOR	DATA DE VALIDADE
RG	---	---	---	---
PIS/PIS-INS	---	---	---	---
Passaporte	---	---	---	---
Cartão Nacional de Saúde	---	---	---	---


TIPO DOCUMENTO	NÚMERO	ZONA/REGIÃO	MUNICÍPIO	UF
Título de Eleitor	---	---	---	---

CEP Residencial: --- Grupo Sanguíneo: ---

As assinaturas de autenticação/abonatória de terceiros e pelo responsável da secretaria de Registro Civil, quando exigidas, serão exigidas em duplicado do original, remetidas para distribuição de seu poder. O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé. Ritápolis-MG, 14 de março de 2023.

**PODER JUDICIÁRIO - TJ/MG**  
**COLEGEDORIA - GERAL DE JUSTIÇA**  
Cartório de Registro Civil e Notas de Ritápolis-MG - MG  
Selo Consultivo: F0Y48703 - Cod. Sig  
7309.8411.9691.7690 - Cod. e Quantidade doc(s) at(o)s  
Praticado(s): 1 (7800) - 1 (7801) Ass(s) Praticado(s) por  
**GILBERTO STELLIO DE SOUZA JUNIOR - OFICIAL** -  
Empol: R\$ 65,20 - T.J. Judic.: R\$ 10,48 - Total: R\$ 65,68  
ISS: R\$ 1,96  
Consulte a validade no site: <https://selos.tjmg.jus.br>



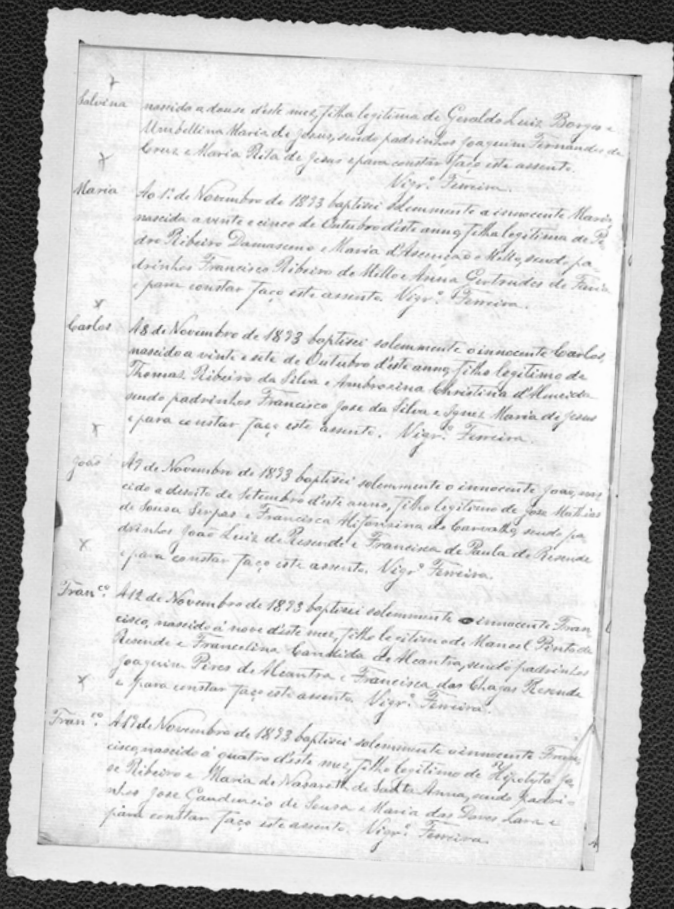
  
Assinatura do Oficial Substituto

**REGISTRO CIVIL E TABELAÇÃO DE NOTAS DE RITÁPOLIS-MG**  
CNPJ 20.312.906/0001-59  
*Gilberto Stello de Souza Junior*  
Rua José Cosário, 57A - Centro  
CEP 36335-000 - Ritápolis-MG

REGISTRO CIVIL E TABELAÇÃO DE NOTAS DE RITÁPOLIS-MG-AA 011618284 MG-P

FONTE: Registro civil e tabelação de notas de Ritápolis-MG

FIGURA 6 – Registro de Batismo do Sr. Carlos Silva



FONTE: Base de dados Family Search. Brasil, Minas Gerais, Registros da Igreja Católica, 1706-1999

Carlos Silva era um homem inteligente, um visionário que ousara pensar para além do convencional. Foi um homem de verve poética, que discorria sobre vários assuntos e que, provavelmente, por tudo isso, tenha causado estranheza — quando não perplexidade — a muita gente. Gostava de política, de poesia, de ler e de escrever<sup>14</sup>, mas, vivendo em uma região pouco desenvolvida e com pouca atividade intelectual e cultural, seus gostos pareciam extravagantes.

Lembremos que São Tiago, na primeira metade do século XX, era ainda um

14 Há informações de que o Sr. Carlos colaborava com o jornal *Lar católico de JFA*. O periódico teve duas fases: na primeira, era bissemanal e tinha como diretor o Padre Venâncio Ribeiro de Aguiar Café, conhecido como Padre Café. Retornou em 1912, com a segunda fase, quando era proprietário da Sociedade Propagadora Esdeva, ligada à Congregação do Verbo Divino. Surgiu para substituir o jornal *A Bússola*. Além de contribuir com o periódico, há notícias de que Sr. Carlos se correspondia com o poeta Tristão de Ataíde.

pequeno arraial, com instituição de ensino precária e acessível a poucos privilegiados, com meios de transporte e comunicação escassos. Como complicador, adicione-se o fato de Carlos Silva ser um homem cujas tradições familiares estavam vinculadas à terra e aos negócios, à luta pela prosperidade e pela riqueza, o que era diametralmente oposto à sua paixão pela escrita, pela oratória. Isso o fazia mal compreendido pela comunidade e considerado, por muitos, um louco fantasioso.

O homem alegre, otimista e entusiasta que escreveu as páginas dos manuscritos não parece ter sido o mesmo homem mais velho, conforme sugerem alguns depoimentos de pessoas que o conheceram e o descreveram como solitário e reservado. Sr. Carlos Silva provavelmente tenha se tornado um homem introspectivo ao perceber que suas ideias não podiam ser compreendidas.

Foi ousado, construiu uma casa em cima de uma pedra, com vista para a cachoeira.<sup>15</sup> Para a época, um projeto audacioso. Aproveitou a natureza do local, que lhe forneceu alicerces e parede para a moradia. Por isso, também fora considerado louco por alguns contemporâneos, mas a verdade é que filhos e netos, ao falar da residência, lembram da beleza que circundava o ambiente, da vista incrível para a cachoeira e das paredes de pura rocha que havia no banheiro e no corredor do imóvel<sup>16</sup>. Hoje, o que resta da casa da cachoeira são escombros, histórias e a saudade deixada nos familiares.

FIGURA 7 – Casa da cachoeira<sup>17</sup>



FONTE: Arquivo de Maria Ribeiro, filha de Carlos Silva

15 A cachoeira pode ser vista da rodovia, no terreno que hoje é propriedade do senhor Marinho Serpa.

16 A filha Maria Ribeiro nos contou que o pai cismara que a casa onde moravam ia desabar. Então, mudou-se com a família para o retiro improvisado como moradia naquele momento e iniciou a demolição da casa antiga para construir a casa da cachoeira.

17 Note a cachoeira à direita na foto, motivo pelo qual todos se referem à casa como casa da cachoeira.

FIGURA 8 – Casa da cachoeira e seus habitantes<sup>18</sup>



FONTE: Arquivo pessoal de Maria Ribeiro

FIGURA 9 – Escombros da casa da cachoeira



FONTE: Os autores (2020)

18 A casa da cachoeira foi construída pelo Sr. Antônio Capim, conforme relatos de Sr. Jackson. A filha Maria Ribeiro relembra que vários pedreiros trabalharam na obra, dada a exigência do pai. Ele aproveitou uma laje natural para servir de parede, levou todo o material da casa do Retiro, que desmanchou, para construção da nova moradia. Depois, Carlos Silva fez um retiro lá perto para produção de leite. Esta casa foi o local onde morou com a segunda esposa D. Glorinha.

Como um autêntico Ribeiro da Silva não se furtou a suas tradições: viveu da terra, ampliou a propriedade, investiu em gado, criou sua família com os frutos retirados da natureza e do trabalho. Se não pôde se dedicar, integralmente, à poesia e à oratória, não se absteve de fazê-lo nos momentos em que teve oportunidade; e é isso que nos permite hoje dizer que, talvez, tenha sido o primeiro de nossa comunidade a registrar suas próprias memórias. Nesse sentido, para entender as suas origens, este capítulo é dedicado às informações obtidas sobre sua família.

Do lado paterno, predominava o temperamento forte, enérgico e dinâmico, exigido aos desbravadores e aos homens de negócios. Os Ribeiro da Silva formaram fortuna na região, por meio de diversificadas atividades econômicas, como agricultura de gêneros variados, pecuária e extração aurífera<sup>19</sup>, explorando a mão de obra escrava e, estrategicamente, unindo-se em matrimônio a pessoas com um status social elevado, contribuindo, assim, para o aumento de suas posses e, conseqüentemente, de seu poderio econômico. Lembremos que a história dessa família se inicia no Brasil com a vinda de Portugal do casal Antônio e Antônia, ou seja, estrangeiros para quem o estabelecimento de alianças era importante para o sucesso dos negócios.<sup>20</sup>

Do lado materno, não fora muito diferente, já que a origem da família nascia do casamento de um membro dos Ribeiro da Silva, no caso a filha Genoveva (1742–1840), já concebida em território brasileiro e batizada na capela de São Gonçalo do Brumado (Caburu), com o comerciante português Manoel Coelho dos Santos (1736–1785), natural da freguesia de São Tiago do Marco, couto de Alcobaca, Patriarcado de Lisboa.<sup>21</sup>

O pai de Carlos Silva se chamava Thomaz Ribeiro da Silva.<sup>22</sup> Ele se casara em primeiras núpcias com D. Ambrosina Cristina Mendes de Almeida (14/07/1856 – 21/01/1907) e, dessa união, nasceram José Augusto da Silva, Carlos Baptista da Silva, João Batista da Silva, Maria José do Coração de Jesus e Antonio Evangelista da Silva, o Toniquinho do Bananal.

D. Ambrosina fora batizada com um mês e oito dias de vida, tendo como padrinhos o Comendador Mariano Ribeiro da Silva Castro e sua esposa D. Mariana Cândida Castro. Aos 16 anos e 8 meses de idade, casou-se com Thomaz Ribeiro da Silva, sendo testemunhas, no ato religioso, por parte da noiva, Francisco Coelho dos Santos Monteiro e, do noivo, senador Gabriel Mendes dos Santos.<sup>23</sup>

19 Mais informações em: RIBEIRO, Isaac Cassemiro. **Família e povoamento na Comarca do Rio das Mortes: Os “Ribeiro da Silva”, fronteira, fortunas e fazendas** (Minas Gerais, séculos XVIII e XIX). 2014. 218 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, Departamento de Ciências Sociais, Política e Jurídicas, São João del-Rei: UFSJ, 2014.

20 Em relação às estratégias matrimoniais adotadas nos séculos XVIII e XIX, ver: BRÜGGER, Silvia M. Jardim. **Minas patriarcal: família e sociedade** (São João del-Rei – Séculos XVIII e XIX). São Paulo: Annablume, 2007.

21 Mais informações disponíveis no site do Projeto Compartilhar, coordenado por Bartyra Sette e Regina Moraes Junqueira. Acesse: <http://www.projeto compartilhar.org/DocsMgMZ/manoelcoelhodosantos1785.htm>

22 Encontramos uma história escrita pelo professor Antonio de Lara Resende sobre os tempos de juventudes de Thomaz Ribeiro e gostaríamos de compartilhar com o leitor. Antes de fazê-lo, porém, apresentaremos brevemente o escritor. Antonio de Lara Resende nasceu na Fazenda do Vale Novo, em São Gonçalo da Ponte, município de Belo Vale/MG, e faleceu em 10/01/1988, aos 93 anos. Passou parte da infância em Resende Costa, antigamente Lage, tema de seu livro *Do Belo Vale ao Caraça*, do qual extraímos a história que compartilharemos. Seu pai, Antonio Sebastião Resende Lara, nascido em 20/01/1861, exercia, no arraial da Lage, as atividades de pequeno agricultor e pirotécnico (fabricante de fogos de artifício). Antonio Lara de Resende foi fundador do colégio “Padre Machado”, em 1921, na cidade de São João del-Rei, educandário transferido para Belo Horizonte em 1940. O professor é pai do famoso escritor Otlo Lara Resende (1922-1992) e foi o primeiro presidente do sindicato dos estabelecimentos de ensino (escolas particulares) de Minas Gerais-SINEP, entre os anos de 1947-1948. Além de trabalhar no magistério, foi gramático e memorialista.

23 BOLETIM SABORES E SABERES. São Tiago: Sicoob, v. 2, n. 61, jan. 2009.

Após o falecimento de D. Ambrosina, Thomaz casou-se, em segundas núpcias, com D. Olympia Resende, aos 12/10/1907, em Conceição da Barra de Minas. Esse casamento deixara lembrança em Sr. Carlos Silva, conforme escrevera no livro *As três mortas*, “eu era mocinho, então fugido do Colégio Chantal, e aí preparando um bom terninho para ir ao casamento de Papai com D. Olympia, em Conceição da Barra, a realizar-se logo após, em 12/10/1907”.<sup>24</sup>

Do segundo matrimônio, nasceram um casal de filhos, Conceição Ribeiro, casada com o Sr. Sinval Francia, e Thomaz Ribeiro da Silva Filho, também conhecido por Thomazinho.<sup>25</sup>

FIGURA 10 – Thomaz Ribeiro com 27 anos



FONTE: Arquivo pessoal Maria Ribeiro. Foto de 1880

24 SILVA, Carlos Baptista. *As três mortas*. Manuscrito. Fl. 41.

25 Thomazinho herdara a Fazenda do Rio do Peixe, que havia pertencido a Eusébio Ribeiro de Resende, irmão de Thomaz Ribeiro da Silva, tendo sido comprada por Thomaz, e, depois, deixada de herança a Thomazinho.

FIGURA 11 – Thomaz Ribeiro, a segunda esposa D. Olympia e filhos<sup>26</sup>



FONTE: Arquivo pessoal Maria Ribeiro, neta de Thomaz

26 Da esquerda para direita: Maria José, (conhecida como Sinhá, filha do 1º casamento de Thomaz Ribeiro), Conceição e Thomazinho (filhos do casal).

FIGURA 12 – Família de D. Olympia<sup>27</sup>



FONTE: Acervo do Sr. Antônio Fernandes Lara Coelho

Aprofundando um pouco mais na genealogia de Carlos Silva, sabe-se que tanto o pai quanto a mãe eram descendentes da família Ribeiro da Silva, que tem sua origem em terras brasileiras com a vinda do alferes Antônio Ribeiro da Silva (1695 – 1776) e D. Antônia Maria de Almeida para o país. O casal se estabeleceu nas proximidades da vila de São João del-Rei, na antiga Comarca do Rio das Mortes, capitania de Minas Gerais, na década de 1730.<sup>28</sup>

Dessa união, nasceram 12 filhos: Antônio Ribeiro da Silva (1730 – 1808), Mariana de Almeida e Silva, Pe. Damaso Ribeiro da Silva (1735 – 1785); alferes Manoel Ribeiro da Silva (1740 – 1830); Genoveva de Almeida e Silva (1742 – 1840); capitão José Ribeiro de Oliveira e Silva (1746 – 1801); Pe. Miguel Ribeiro da Silva (1746 – 1825); Pe. Barnabé Ribeiro da Silva (1750 – 1822), alferes Luiz Ribeiro da Silva (1752 – 1817); alferes Inácio Ribeiro da Silva (1755 – 1815); Ana de Almeida e Silva<sup>29</sup>; Antônia Maria de Almeida (1757 – 1800).

Da quinta filha do casal Antônio e Antônia, D. Genoveva Maria de Almeida, que se casou com Manoel Coelho dos Santos, na Capela de Santa Rita do Rio

27 Em pé, da esquerda para a direita, Geraldo Procópio (Nhô), Antonio Procópio Resende, esposa de Gabriel Procópio, Gabriel Procópio, Laura Procópio, José Procópio, Alcemira Resende, Carlos Procópio. Sentados, da esquerda para a direita, esposa de Geraldo Procópio (Nhô), com uma criança de colo, Thomaz Riberio da Silva, Olímpia Resende, Ana Carolina de Andrade (matriarca), João Procópio de Resende (patriarca), Norvinda Procópio, Esperança Procópio. Sentados ao rés do chão: crianças: Thomazinho e Conceição. Foto tirada em Conceição da Barra de Minas, 1919.

28 RIBEIRO, Isaac Cassemiro. *Família e povoamento na Comarca do Rio das Mortes: Os “Ribeiro da Silva”, fronteira, fortunas e fazendas (Minas Gerais, séculos XVIII e XIX)*. 2014. 218 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, Departamento de Ciências Sociais, Política e Jurídicas, São João del-Rei: UFSJ, 2014.

29 Ana de Almeida e Silva era a 11ª filha do casal Antônio Ribeiro da Silva e Antônia Maria de Almeida, casada com o capitão Joaquim Pinto de Góes e Lara, quinta avó de nosso coautor João Pinto de Oliveira.

Abaixo, em novembro de 1759, nasceram Juliana Maria de Almeida e capitão José Coelho dos Santos, entre outros filhos.<sup>30</sup>

Juliana Maria de Almeida<sup>31</sup> casou-se com Thomaz Mendes dos Santos<sup>32</sup>, na capela de Santa Rita do Rio Abaixo, aos 08/02/1779. O quinto filho do casal Juliana e Thomas era o tenente **Francisco Mendes de Almeida e Silva**, que foi batizado em 19/08/1793. Além do tenente Francisco, Thomaz Mendes e Juliana eram pais de Thomaz (ou Ananis) Mendes dos Santos; Ana Joaquina de Jesus; Pe. José Mendes dos Santos, este foi pároco de São Tiago de 1824 a 1868; Lauriana Maria de Jesus Nazaré e o desembargador Gabriel Mendes dos Santos, este juriconsulto e senador do Império; Antônia Maria da Assunção e Genoveva Maria de Almeida.

Por sua vez, o capitão José Coelho dos Santos (1768 – 11/07/1851) era pai de **Jesuína Cândida de Almeida**. José Coelho se casara com Francisca de Paula Morais, e foram os proprietários da Fazenda do Engenho, em Santa Rita do Rio Abaixo.<sup>33</sup> Ele era irmão de Juliana Maria de Almeida, portanto, Jesuína e Francisco Mendes de Almeida e Silva eram primos e ambos descendentes dos Ribeiro da Silva. Sendo D. Ambrosina filha do tenente Francisco Mendes de Almeida e Silva e de D. Jesuína Cândida de Almeida<sup>34</sup>, era duplamente neta de Juliana.

O nono filho do casal Antônio e Antônia era o alferes Luiz Ribeiro da Silva, que foi batizado em 1752, no arraial de São Gonçalo do Brumado. Ele casou-se com Maria Joaquina de Góes e Lara (1758-1824), sendo o casal dono de um patrimônio considerável para a época. A esposa do alferes Luiz Ribeiro era a filha mais velha do capitão Francisco Pinto Rodrigues e de dona Ana Maria Bernardes de Góes e Lara. Dona Ana Maria Bernardes era filha do português Pedro Bernardes Caminha, capitão de ordenanças da Vila de São João del-Rei. Sua mãe, Ângela de Góes e Lara, descendia de importante linhagem paulista, figurando, em sua ascendência materna, o tataravô bandeirante Lourenço Castanho Taques, o Velho.<sup>35</sup> O casal teve três filhos, o guarda-mor Antônio Ribeiro da Silva, que, no século XIX, iria se tornar, por força de inúmeros negócios, dono de uma das maiores fortunas da região do Rio das Mortes; ele era bisavô do Sr. Carlos Silva.<sup>36</sup> Além dele, tiveram o guarda-mor Joaquim Ribeiro da Silva e Maria Bernardes da Silva.

O alferes Luiz Ribeiro faleceu em 1817, aos 65 anos, em sua Fazenda do Mato Dentro. Ele também era proprietário da fazenda Boa Vista (herdada da

30 Relação de todos os filhos de Genoveva: Joaquina Tomásia da Silva; Juliana Maria de Almeida; Manoel Coelho dos Santos, Padre José Coelho dos Santos, Capitão Francisco Coelho dos Santos; João Coelho dos Santos; Antonia Joaquina de Almeida; Thomás Coelho dos Santos, Tenente; Mariana Bernarda; Antonio Felisberto dos Santos. Mais informações no site do Projeto compartilhar. Disponível em: <http://www.projetocompartilhar.org/Familia/cap05GenovevadeAlmeidaeSilva.html>.

31 Juliana Maria de Almeida era natural da freguesia de Santa Rita do Rio Abaixo, filha de Manoel Coelho dos Santos e Genoveva de Almeida e Silva. Mais informações em: <http://www.projetocompartilhar.org/Familia/cap05GenovevadeAlmeidaeSilva.htm>

32 Thomaz Mendes era natural de SamPayo de Fam, Concelho de Barcelos, Braga. Filho de Domingos Mendes e Domingas Francisca. Seu testamento foi redigido aos 12/11/1821 na Fazenda Engenho do Rio do Peixe. Faleceu em 02/08/1923. Mais informações em: <http://www.projetocompartilhar.org/DocsMgMZ/tomasmen-des1823.htm>

33 Mais informações em: IPHAN-SJDR. Inventário de D. Francisca de Paula Morais, caixas 441 e 843.

34 Da união do Tenente Francisco Mendes de Almeida e Silva e D. Jesuína Cândida de Almeida sabe-se que nasceram, pelo menos, mais três filhos, além de D. Ambrosina, mãe de Carlos Silva. Eram Jesuína, Francisco e Júlia. Mais informações em: <http://www.projetocompartilhar.org/Familia/cap05GenovevadeAlmeidaeSilva.htm>

35 RIBEIRO, 2014, p. 42.

36 GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. **A princesa do Oeste e o Mito da decadência de Minas Gerais**: São João del-Rei (1831-1888). São Paulo: Annablume, 2002.

sogra) e Rio Acima, herdada do pai. Esta fazenda passaria, posteriormente, ao filho Dâmaso Ribeiro da Silva, homônimo do tio avô paterno.

FIGURA 13 – Fazenda do Mato Dentro



FONTE: Arquivo pessoal Sr. Jackson

O guarda-mor Antônio Ribeiro da Silva (1783 – 28/04/1863), nascido e batizado na aplicação de São Gonçalo do Brumado, casara-se com Constança Cândida de Jesus. São filhos do casal: Antônio Ribeiro da Silva, Ana Cândida de Jesus, Luiz Ribeiro da Silva, (homônimo do avô), Francisco Ribeiro da Silva, Dâmaso Ribeiro da Silva. Antônio Ribeiro da Silva também teve filhos naturais com Beralda, que foram reconhecidos em seu testamento: Miguel Ribeiro da Silva, com 56 anos, viúvo, e Norberta Umbelina da Silva, com 54 anos e também viúva.

O guarda-mor datou seu testamento em 03/12/1857, na Fazenda do Mato Dentro, sendo este aberto em 21/08/1863. Nomeou, como testamenteiros, em primeiro lugar, D. Constança Anna de Jesus e seu filho Dâmaso Ribeiro da Silva, em um só corpo; em segundo lugar, Geraldo Ribeiro de Resende (genro) e, em terceiro lugar, o capitão Flávio José da Silva (compadre).<sup>37</sup>

Sabemos que o guarda-mor Antônio Ribeiro herdou a Fazenda do Mato Dentro, terras provavelmente regularizadas e confirmadas, por meio de requerimentos de sesmaria<sup>38</sup>. Um despacho do governador Luís Antônio Furtado de Mendonça,

37 Mais informações em: IPHAN/SJDR. Testamento/Inventário de Antônio Ribeiro da Silva, caixas 124 e 244, 1863/1865.

38 Luiz Ribeiro da Silva fizera petição neste sentido, em 1796 – APM SG, caixa 31, DC 10 Projeto Compartilhar.

datado de 2 de outubro de 1793, acata pedido de concessão de terras, na Vila de Santa Rita, em nome de Luiz Ribeiro da Silva e Pe. Barnabé Ribeiro da Silva.

Do avô, Antônio Ribeiro herdaria não só o nome, mas a vitalidade e o desassombro nos negócios. Formou fortuna e se tornou um grande proprietário de terras na região. Dono da Fazenda do Mato Dentro, da Fazenda do Retiro e outras, como Fazenda do Mato Grosso e Fazenda da Boa Vista, no distrito da Lage. Em 1863, era proprietário de 5.474 hectares, praticamente dobrando o tamanho das terras deixadas por seu pai, cerca de 2.894 hectares inventariados em 1817.<sup>39</sup> Possuía, ainda na época de seu inventário, 49 escravos e estava entre os dez maiores fazendeiros da região, segundo as dimensões territoriais de suas fazendas.<sup>40</sup>

Nas palavras do senhor Jackson, Antônio Ribeiro da Silva era uma lenda.

Ele era um homem geniosíssimo, o guarda-mor tinha uma força incrível. Ele lutava com os bois crioulos que ele criava. Tinha tanta força que torcia o chifre do boi e saía com as duas cascas do chifre nas mãos. Ele era temível, tinha muitos escravos, um movimento muito grande. Era esse português besta mesmo que achava que escravo não sentia dor, escravo era um objeto, sabe? Quando ele tava enraivado e precisava vir no cafezal, montava num escravo forte lá e vinha apear aqui. Quase uma légua!<sup>41</sup>

Filho do guarda-mor, Francisco Ribeiro da Silva, avô de Sr. Carlos Silva, era natural de Santa Rita do Rio Abaixo, nascido por volta de 1823<sup>42</sup>, aos 18 de junho de 1845. Casou-se com Ana Antônia de Resende, filha do cirurgião Thomaz da Silva Fraga e de Francisca de Paula Fortunata de Rezende — proprietários da Fazenda da Papunça. Antônia faleceu aos 3 de novembro de 1904. Francisco então se casou, em segundas núpcias, com Maria Joaquina da Silva. Ele faleceu em setembro de 1912, em Conceição da Barra, com testamento redigido aos 20 de agosto de 1908, em São Tiago, termo de Bom Sucesso, Comarca de Lavras, na casa de José Joaquim Ferreira. Em seu testamento, declarou sua naturalidade e sua filiação e instituiu, por herdeiros da metade disponível de seus bens, os filhos de sua segunda mulher, e Adolpho Ribeiro da Silva, “filho de Felícia”, sem mencionar quem era Felícia ou qual era a relação que os unia.

Do primeiro casamento, teve os seguintes filhos: Thomaz Ribeiro da Silva, Eusébio Ribeiro de Resende, Carlos Ribeiro da Silva, José Ribeiro de Resende, Maria Constança de Resende, Francisco Ribeiro de Resende — mandante da morte do cunhado<sup>43</sup>, esposo de Thereza —, Thereza Maria de Jesus, Joaquim Ribeiro de Resende, Antonio Ribeiro de Resende. Os filhos do segundo casamento foram: Belarmina Cândida de Jesus, Cornélia Augusta de São José, Ambrosina Carolina de Jesus, Maria Izabel da Silva, Maria Libânia da Silva — esta casada

39 Mais informações em: IPHAN/SJDR. Inventário Testamento de Luiz Ribeiro da Silva, caixa 147, 1817.

40 GRAÇA FILHO, 2002, p. 125.

41 JACKSON, Antonio Ribeiro. Tataraneto do guarda-mor Antônio Ribeiro da Silva. Entrevista concedida a Elizabeth Marcia dos Santos e Saulo Vieira. Arquivo de vídeo. São Tiago, 20 de maio de 2018.

42 Na lista nominativa de 1831, ele apareceu com oito anos e, no inventário do pai, em 1863, com 40 anos. Portanto, deduzimos o ano de seu nascimento.

43 Mais informações em: IPHAN/SJDR. Processo-crime 33-12, de Romualdo Gomes de Moraes, 1873.

com o Sr. Chantal —, José Joaquim da Silva, Joaquim José da Silva, Francisco Cipriano da Silva, Raphael Archanjo da Silva, Ubaldina Maria da Trindade. E, provavelmente, também seria pai de Adolpho Ribeiro da Silva, filho de Felícia.<sup>44</sup>

Francisco, na época do inventário do pai, era morador na Fazenda do Mato Dentro, em uma casa no lugar denominado Retiro. Herdou parte das terras dessa fazenda, dois escravos por nomes João Crioulo e Agostinho Africano, animais, açúcar, arroz, feijão, aguardente e algumas ferramentas, além da quantia de \$993. Com os demais bens, soma-se a quantia de 4:497\$992 de sua legítima paterna: “1 morada de casas, no lugar denominado ‘Retiro’, situada nesta Fazenda, em cuja casa mora o herdeiro Francisco Ribeiro da Silva, com moinho, tudo coberto de telha, curral, e quintal cercado de pedra, já deterioradas as ditas benfeitorias, avaliadas em 350\$000.”<sup>45</sup> Em 1863, o local foi palco de uma grande tragédia para a época. Lá morou sua filha Thereza Maria de Jesus, que foi casada com Romualdo Gomes de Moraes, este assassinado por seus escravos.<sup>46</sup> Posteriormente, a fazenda passaria a Thomaz Ribeiro, irmão de Thereza e, mais tarde, ao filho de Thomaz, Carlos Silva.

O inventário de Francisco Ribeiro menciona “34 e meio alqueires de cultura na Fazenda do Rio do Peixe, a 150\$000, 5:175\$000 e 21 alqueires de campos na mesma Fazenda, a 80\$000, 1:680\$000”<sup>47</sup>, mas não esclarece qual parte ficou com qual herdeiro, pois, na partilha, consta somente o valor que os herdeiros receberam em terras. No entanto, pelas informações de Sr. Jackson, bisneto de Francisco, sabe-se que a Fazenda do Rio do Peixe ficara para o seu tio Sr. Eusébio e, posteriormente, seu avô Thomaz Ribeiro compraria a propriedade. Já a Fazenda do Retiro ficou para Thomaz Ribeiro da Silva. E, mais tarde, as referidas fazendas ficaram, respectivamente, para os filhos Thomazinho, do segundo casamento de Thomaz Ribeiro, e para Carlos Silva, filho do primeiro casamento.

A Fazenda do Engenho, onde nasceu e cresceu D. Ambrosina. Aí, ao casar com Thomaz, foi levada para a Fazenda do Retiro, numa casa de retireiro mesmo, muito ruim, de pau a pique. Ela saiu do palacete que era o Engenho. Thomaz era muito seguro, a casa no pé da varge, muito barro, o ribeirão do sítio inundava tudo aquilo. Então tinha muito mosquito. A esposa falava:

— Thomaz, a casa tá muito ruim!

— Sra., casa quanto cabe, dinheiro quanto haja. Eu preciso comprar a fazenda do tio Eusébio. E acabou comprando.

Aí, ele foi explorar a Fazenda do Rio do Peixe, e Sr. Carlos ficou sozinho lá no Retiro. Mais tarde, ele se casou com D. Hormandina, e ela foi morar nessa casa. Lá ainda nasceram os filhos Maria Geny, Aurélio, Carlinhos e Rubens. A partir do quinto filho é que Sr. Carlos Silva construiu uma casa nova. Era arejada. Esta nova casa foi construída pelo Sr Nicolau.<sup>48</sup>

44 Mais informações em: IPHAN/SJDR. Inventário de Francisco Ribeiro da Silva, caixa 667, 1912.

45 Mais informações em: IPHAN/SJDR. Inventário de Antônio Ribeiro da Silva, caixa 244, 1863.

46 SANTOS, 2020.

47 Mais informações em: IPHAN/SJDR Inventário de Francisco Ribeiro da Silva, caixa 667, 1912.

48 De acordo com informações do Sr. Mauro Pelluzi, neto do Sr. Nicolau, ele era descendente de italiano. O pai de Nicolau se chamava Francesco e era militar, veio para o Brasil junto a Francesco Matarazzo, um em-

Pelo inventário de Ana Antônia de Resende e Francisco Ribeiro da Silva, datado de 4 de novembro de 1904<sup>49</sup>, Thomaz Ribeiro da Silva tinha, na ocasião, 51 anos de idade, o que nos leva a deduzir o ano de seu nascimento, 1853, e, pelas informações de Sr Jackson, ele vivera até os 84 anos.

No dia em que eu nasci, ele fez 75 anos, já estava ceguinho. Eu estava com nove anos quando ele faleceu. Ele já morava na Fazenda do Mato Dentro. Ele não morava aqui não, ele morava na fazenda do filho. O filho Thomaz Ribeiro da Silva, Thomazinho, sabe, filho do segundo casamento dele e que ficou com a Fazenda do Rio do Peixe. Então, eu fui visitar ele com nove anos de idade; eu fui lá visitar meu avô. Aí, que eu fiquei conhecendo-o, guardei uma lembrança dele.<sup>50</sup>

Quanto ao Sr. Carlos Baptista Silva, como já mencionado, nascera na antiga Fazenda do Retiro, e no local, mais tarde por ele nomeado Fazenda Saudade de Zélia, onde passou a maior parte de sua vida, constituiu família, viu seus filhos nascerem. “Foi ali, sem dúvida nesse recanto, bendito que eu e meus irmãos vimos o clarão do sol primeiro! E foi aí igualmente que, mais tarde, me tornei pai de numerosa e adorada família que a Providência “me confiara!”<sup>51</sup> Carlos Baptista Silva casou-se duas vezes. A primeira, em 1914, com a Sra. Hormandina Mello, de família são-joanense. A segunda, em 1930, com a Sra. Maria da Glória de Oliveira, da cidade de Conceição da Barra de Minas, de quem se divorciaria em 1959.

Sobre a descendência de D. Hormandina Mello Silva, sabe-se que era filha de Rita Clara de Mello e Lindolpho de Mello.

---

presário italiano, radicado no Brasil, que criou, um dos maiores complexos industriais de navio da América Latina, no início do século XX. A primeira esposa do senhor Nicolau era do povoado dos Melos, Josefa Lara Mendonça. Ela era filha de Sérgio Mendonça. A Sra. Josefa faleceu em 1918 pela gripe espanhola, deixando três filhos, sendo o caçula o senhor Francisco Pelluzi, o Sr. Quito, que ficara órfão da mãe com poucos meses de vida. Então, Sr. Nicolau se casou com a segunda esposa e teve mais três filhos.

49 Mais informações em: IPHAN/SJDR Inventário de Ana Antônia de Resende, caixa 64, 1904.

50 JACKSON, Antonio Ribeiro. Tataraneto do guarda-mor Antônio Ribeiro da Silva. Entrevista concedida a Elizabeth Marcia dos Santos e Saulo Vieira. Arquivo de vídeo. São Tiago, 20 de maio de 2018.

51 SILVA, Carlos Baptista. **As três mortas**. Manuscrito. Fl. 19.

FIGURA 14 – Hormandina Mello



FONTE: Arquivo pessoal Sr. Jackson

D. Rita fora casada, em primeiras núpcias, com Hipólito de Faria, nascido em 05/08/1839<sup>52</sup>, um homem de negócios que herdara a veia desbravadora da família materna e que, em uma expedição a Goiânia, acabara se perdendo na mata. Quando encontrado, já não podia resistir aos ferimentos ocasionados pelas mordidas de insetos e à fraqueza de dias sem comida. Falecera, deixando a viúva ainda moça e desolada, com uma filha para criar, Maria dos Anjos Mello. Anos após a morte do esposo, Rita se casara com Lindolpho, nascendo, dessa união, duas filhas, D. Hormandina e Maria José, conforme nos contou Sr. Jackson.

Já D. Maria da Glória de Oliveira, a segunda esposa de Carlos Silva, nasceu em 20/07/1908. Era natural de Itutinga, conforme consta na sua certidão de

52 Hipólito José de Faria era neto do casal que teria dado origem ao sobrenome Gaudêncio, nas terras são-tiaguenses. A família Gaudêncio oriunda da região de São Tiago teve início com o casal José de Souza de Oliveira, nascido por volta de 1775, e Joaquina Maria do Espírito Santo, nascida por volta de 1773, ambos naturais de Conceição da Barra de Minas. O casal teve quatro filhos, sendo o primeiro José de Souza Oliveira, nascido por volta de 1800, que faleceu solteiro e sem filhos; Patrício Lopes de Souza — famoso sertanista —, nascido por volta de 1807, também faleceu solteiro e sem filhos; Joaquim Gaudêncio de Souza, nascido por volta de 1809 — seria o pai de Hipólito, e, muito provavelmente, foi o primeiro indivíduo da família a assinar Gaudêncio como sobrenome — e, por fim, Maria Thereza de Souza, nascida por volta de 1813, casada e mãe de seis filhos. Joaquim Gaudêncio de Souza, natural de Conceição da Barra de Minas, nasceu por volta de 1808. Casou-se com Bárbara Cândida do Amor Divino, na Capela de São Tiago, aos 24/01/1838. Na data do casamento, Bárbara contava com idade aproximada de 26 anos e Joaquim em torno de 30 anos de idade. Tiveram mais oito filhos, além de Hipólito. Essa senhora, de alta linhagem, descendia de importantes desbravadores do Brasil, bem como dos primeiros habitantes da região de São Tiago. A mesma veia de desbravador, que a família da mãe possuía, Hipólito herdara. Foi durante uma de suas expedições a Goiânia que o mesmo sucumbira. Hipólito era irmão de José Gaudêncio de Souza, este pai do médico José Gaudêncio Júnior, de quem falaremos adiante. Para maiores informações sobre a família, consultar: BOLETIM SABORES E SABERES, São Tiago: Sicoob, n. 15, v. 168, set. 2021.

casamento. Seus pais eram Felipe Francisco de Oliveira e D. Mecia Maria da Conceição. Maria da Glória e Carlos Silva casaram-se em Conceição da Barra de Minas, em 1930, e divorciaram-se em 1959.

Depois do divórcio, ela mudou-se de São Tiago, indo viver em São João del-Rei, inicialmente em uma pensão, com 7 dos 11 filhos. Nessa época, já havia perdido a filha Nilce, e os filhos Ibsen e Alceu já estavam casados. João Bosco decidiu ficar na fazenda junto ao pai para ajudar nos trabalhos do retiro e na administração da parte materna. Após a partilha dos bens, D. Glorinha pôde comprar uma casa, para onde se transferiu com os filhos.<sup>53</sup>

Apesar das dificuldades pelas quais passaram nos primeiros tempos após o divórcio, conforme lembranças de Maria Ribeiro, D. Glorinha contou com a ajuda de muitos amigos. Como alfabetizara seus filhos na fazenda, aos poucos, eles foram prestando exames de admissão nas escolas são-joanenses e iniciaram os estudos, alguns já muito adiantados. Como era costureira, voltou a exercer o ofício e, assim, criou os filhos e pôde vê-los estudados. D. Glorinha faleceu em São João del-Rei, no dia 3 de novembro de 2000, com 92 anos.

FIGURA 15 – D. Glorinha e os filhos que se mudaram para São João del-Rei em sua companhia



FONTE: Arquivo pessoal de Maria Ribeiro

53 RIBEIRO, Maria. Entrevista concedida a Elizabeth Marcia dos Santos. São João del-Rei, em 28 de março de 2023.

FIGURA 16 – Carlos Silva e D. Glorinha alguns anos após o divórcio



FONTE: Arquivo pessoal de Maria Ribeiro, filha do casal

FIGURA 17 – D. Glorinha, segunda esposa de Carlos Silva



FONTE: Arquivo pessoal de Maria Ribeiro




FIGURA 19 – Maria da Glória e os filhos<sup>54</sup>



FONTE: Arquivo pessoal de Maria Ribeiro, irmã de Maria da Glória

54 Maria da Glória era filha do primeiro casamento de Carlos Silva.

FIGURA 20 – Certidão de óbito de Carlos Baptista Silva



**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
**REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS**

**CERTIDÃO DE ÓBITO**

NO ME: **CARLOS BATISTA DA SILVA**

CPF: **Nada consta**

SEXO: **Masculino** RAÇA: **Branca** MATRÍCULA: **0386990155 1976 4 00008 154 0000010 63**

RESIDÊNCIA: **RITÁPOLIS - MG** ESTADO: **MG** DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO: **desqualificado, com 82 anos de idade**

DECLARANTE: **THOMAZ RIBEIRO DA SILVA e AMBROSINA CHRISTINA DE ALMEIDA** SÍTIO DA LAGE CONCEIÇÃO DA BARRA DE MINAS - MG

DATA DE FALECIMENTO: **03 de setembro de mil novecentos e setenta e seis às 21:30 horas** DA MES. ANO: **03/09/1976**

LOCAL DE FALECIMENTO: **SÍTIO DA LAGE em CONCEIÇÃO DA BARRA DE MINAS - MG**

DOMICÍLIO: **SÍTIO DA LAGE em CONCEIÇÃO DA BARRA DE MINAS - MG**

CEMITÉRIO PAROQUIAL DE CONCEIÇÃO DA BARRA DE MINAS - MG

DECLARANTE: **JOAQUIM COELHO DE PAULA**

INSCRIÇÃO DE ÓBITO: **03**

RESUMO: **O falecido nasceu em 27/10/1963. Era casado em primeiras núpcias com Osmândina Melo e Silva, deixando desse enlace 5 filhos maiores. Casado em segundas núpcias com Maria da Glória de Oliveira e desqualificado, deixando deste casamento 9 filhos maiores de Minas. Retificação feita nos termos do inciso V, art 110 da Lei nº 6015/1973, incluído pela Lei nº 13.484, de 2017.**

TIPO DE DOCUMENTO	NÚMERO	DATA EMISSÃO	ÓRGÃO EMISSOR	DATA DE VIGÊNCIA
RG	...	...	...	...
PI/SIVIS	...	...	...	...
Passaporte	...	...	...	...
Cartão Nacional de Saúde	...	...	...	...

TÍTULO DE ELEITOR	NÚMERO	ZONA	MUNICÍPIO	UF
CEP Residencial	...	...	...	...

Grupo Sanguíneo: **...**

Ofício de Registro Civil das Pessoas Naturais com Atribuição Notarial  
Oficial: Gabriel Carlos Costa Lobato  
Rua Onofre Teixeira de Oliveira, nº3 Centro  
Conceição da Barra de Minas-MG (32)99616-6730  
oficial@oficial.com

Ofício de Registro Civil das Pessoas Naturais com Atribuição Notarial  
Oficial: **Marcelo Silva Aguiar**  
Rua Onofre Teixeira de Oliveira, nº3 Centro  
Conceição da Barra de Minas-MG (32)99616-6730  
oficial@oficial.com

CPF: 121.914.834-24  
Escritório Substituto

ARECIVIL BE 000141329 BRP

FONTE: Registro civil e tabelionato de notas de Ritópolis-MG

## 2 A REGIÃO E O TEMPO

Analogamente ao título de sua obra *As três mortas*, que faz referência a três mulheres que marcaram a vida do escrevinhador e pelas quais ele nutriu profunda admiração, este capítulo abordará resumidamente a formação de três das principais cidades que, no curso de vida do Sr. Carlos Silva, foram importantes em sua trajetória e na de seus familiares. São elas: Santa Rita do Rio Abaixo, São Tiago e Conceição da Barra de Minas.

Santa Rita do Rio Abaixo, porque é onde, majoritariamente, estavam localizadas as terras da família Ribeiro da Silva. São Tiago, uma vez que foi o local escolhido pela família para viver a maior parte da vida, dada a proximidade física com as terras das fazendas, que, embora pertencentes a atual Ritópolis, ficam mais próximas daquele município. Além disso, São Tiago também foi a cidade na qual o Sr. Carlos Silva batizou alguns dos filhos, e onde a família frequentava a igreja e festas, tendo sido escolhida, posteriormente, por alguns de seus filhos para morar. Conceição da Barra de Minas, por ser o local onde Sr. Carlos frequentara o Colégio São Luiz, onde ele e sua primeira esposa buscaram tratamento de saúde e, por fim, onde seus pais e ele foram enterrados.

No início do século XX, os três municípios eram chamados de arraial e pertenciam, em sua origem, à Comarca do Rio das Mortes. São Tiago esteve vinculado a São João del-Rei até 1872, depois passou a pertencer a Bom Sucesso, cidade da qual se emancipou em 1948. Pela importância desses lugares na trajetória do Sr. Carlos, apresentaremos um pouco da formação dessas cidades que fizeram parte de sua história.

### 2.1 Santa Rita do Rio Abaixo

Pelos relatos da tradição oral, sabe-se que a Vila de Santa Rita do Rio Abaixo nasceu com a construção da capela principal, por volta de 1713. Isaac Cassemiro Ribeiro, em sua dissertação intitulada *Família e povoamento na Comarca do Rio das Mortes*, traça a trajetória da família Ribeiro da Silva, que veio para o Brasil no início do século XVIII, por volta do ano de 1733, e se estabeleceu nas proximidades da Vila de São João del-Rei, na antiga Comarca do Rio das Mortes, capitania de Minas Gerais. Comprando terras e escravos e formando alianças matrimoniais dos seus filhos com outras famílias já consolidadas na região desde seu povoamento, os Ribeiro da Silva buscaram agregar, além do conhecimento que esses grupos possuíam “do modo operandis que prevalecia no local”<sup>55</sup>, novas terras sobre as quais poderiam alicerçar fortuna.

O casal fundador da família Ribeiro da Silva, Antônio Ribeiro e Antônia Maria de Almeida, migrou de Portugal para a capitania de Minas Gerais na década de 1730, fundando lavras de ouro e fazenda de engenho na região de São João del-Rei, mais especificamente na paragem do Rio do Peixe, entre os arraiais de São Gonçalo do Brumado e Santa Rita do Rio Abaixo.<sup>56</sup>

55 RIBEIRO, 2014, p. 53.

56 RIBEIRO, 2014, p. 53.

Tais terras teriam sido compradas e foram regulamentadas em 1748, quando Antônio recebeu a carta de sesmaria, assinada pelo governador Gomes Freire de Andrade, na qual se lia:

[...] era senhor e possuidor de terras e matos [...], tinha escravos e fábricas para nelas exercitar a agricultura, e o que fazer sem controversia com os vizinhos além da posse que o suplicante tinha das referidas terras por compra que delas fizera, as queria possuir por título e mercê de carta de sesmaria de meia légua em quadra.<sup>57</sup>

Um pequeno relato do mineralogista e botânico Johnn Baptist Emanuel Pohl nos fornece indícios dos primórdios do lugar. Pohl era cientista da Missão Austríaca que veio ao Brasil acompanhando a comitiva da Arquiduquesa Leopoldina, depois Imperatriz do Brasil, em função de seu casamento com o Príncipe D. Pedro. Johnn Baptist Emanuel Pohl aqui permaneceu de 1817 a 1821.

A expedição saiu do Rio de Janeiro, em 6 de setembro de 1818, e chegou em Barbacena, no dia 3 de outubro de 1818, onde permaneceu por oito dias. Em 11 de outubro, o grupo segue rumo a São João del-Rei. No dia 21 de outubro de 1818, ao meio dia, deixa São João del-Rei, saindo

[...] pela pequena e agradável localidade de Matozinhos. Segue um caminho [...] extremamente monótono e aborrecido, passando por muitas lavras de ouro [...]. No solo granítico por que passava, atravessado por abundante quartzo, nem o mais favorável clima, nem as chuvas mais propícias conseguem produzir vegetação viçosa. A região que deparamos era erma e descalvada [...], foram nossas companhias, morros, vales estéreis e cavalos até o Arraial de Santa Rita, onde pernотamos num rancho [...]. Santa Rita, esta localidade fica numa eminência escavada, de onde se avistam extensos campos e consta de uns vinte casebres de barro, sem janelas, que recebem a luz e ar apenas pelas portas [...].<sup>58</sup>

Pelo relato do mineralogista, aproximadamente 100 anos após a construção da capela, o retrato que temos de Santa Rita do Rio Abaixo é de uma localidade com poucas e precárias moradias. Porém, os dados que localizamos na lista nominativa de 1831 e no Censo de 1871, nos fazem pensar em um arraial já muito mais povoado. Em 1831, havia 130 fogos e um total de 1.327 habitantes, sendo 653 livres e 674 cativos; já em 1872, 3.136, sendo 2.628 livres e 508 cativos.

57 RIBEIRO, p. 99. Localizamos ainda alguns requerimentos dos filhos do casal Antônio e Antônia, referentes a cartas de sesmaria, regulamentando suas terras nas paragens de Santa Rita do Rio Abaixo. 02/10/1793 – requerimento dos padres Miguel Ribeiro da Silva e Barnabé Ribeiro da Silva, referente à carta de sesmaria de uma fazenda na Aplicação de Santa Rita do Rio Abaixo. (APM SG, caixa 25, doc. 22); 17/04/1795 – requerimento dos padres Barnabé Ribeiro da Silva e Miguel Ribeiro da Silva de prorrogação de tempo para medirem a sesmaria que possuem, localizada no Rio do Peixe na Aplicação de Santa Rita do Rio Abaixo, termo da Vila de São José do Rio das Mortes, devido a impedimentos que tiveram (APM SG, caixa 28, doc. 14); 04/07/1796 – requerimento de Luís Ribeiro da Silva, morador da freguesia de São João del-Rei, referente à carta de sesmaria de meia légua de terra em quadra, de uma fazenda de cultura e campos que ele possui em Santa Rita do Rio Abaixo por título de compra (APM SG, caixa 31, doc. 10).

58 POHL, Johann Emanuel. **Viagem ao interior do Brasil**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo Itatiaia, 1976, p. 89.

FIGURA 21 – Cidade de Ritápolis, início século XX, sem data precisa



FONTE: Arquivo pessoal Geraldo Tibúrcio de Almeida e Silva

FIGURA 22 – Largo da Matriz de Santa Rita de Cássia, em Ritápolis



FONTE: Autoria e data desconhecidas. Foto disponibilizada por Otávio Vieira

## 2.2 Nossa Senhora da Conceição da Barra

De acordo com Antônio Gaio Sobrinho, o povoamento de Boa Vista, atual Conceição da Barra de Minas, tem suas origens ligadas aos transeuntes do Caminho Velho.<sup>59</sup> Segundo ele, Fernão Dias saiu de São Paulo em 1674, em busca de esmeraldas. Entretanto, como o tempo não ajudava, foi forçado a passar a estação chuvosa em Serra Negra — Ibituruna — e, somente em março do ano seguinte, quando terminou a chuva, pôde prosseguir a busca pelas pedras preciosas. Seguindo inicialmente direção paralela ao curso do Rio das Mortes, atravessou regiões que seriam depois Conceição da Barra e São Gonçalo do Brumado.

A rota inaugurada por Fernão Dias ficou conhecida como Caminho Geral do Sertão ou, ainda, como Caminho Velho, em oposição ao Caminho Novo, aberto em seguida, a partir do Rio de Janeiro, por seu filho Garcia Rodrigues Paes. Assim, foi a bandeira das esmeraldas de 1674 o fator inicial do assentamento de povoações em Minas Gerais.

Afirmção parecida também fez Saint Hillaire, que passou por Nossa Senhora da Conceição da Barra, em 1819.

O arraial de Conceição faz parte da paróquia de São João del-Rei e é uma das sucursais. Deve sua fundação ao ouro que antigamente havia na vizinhança, principalmente nas margens do Rio das Mortes. As minas se esgotaram, e os moradores de algum recurso foram estabelecer-se em outras partes, os que ainda se veem em Conceição são quase todos homens de cor que a passagem de algumas caravanas impede apenas de sucumbirem.<sup>60</sup>

No entanto, ainda na década de 1720, conforme destaca Antônio Gaio Sobrinho, o povoado de Boa Vista já alcançara significativa importância e desenvolvimento por estar na rota de quem subia de São Paulo. Prova disso foi que, em 1724, seus moradores, que, na época, viviam na região de forma mais ou menos esparsa, sentiram necessidade de terem um lugar para cumprirem o seu dever cristão, como batismos, enterros e missas. Por isso, solicitaram ao Frei Antônio de Guadalupe, do Bispado do Rio de Janeiro, uma licença para construção de uma capela.

Em 19 de dezembro de 1725, veio a autorização e, no final de 1726, a capela já estava funcionando.

Em 1765, uma provisão episcopal considerou o povoado como capela filial da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de São João del-Rei, sinal de que, nesse ano, muitas casinhas já se adensavam em derredor da pequena capela. Em 1825, foi erigida a freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Barra e, no final do século XVIII, a capela já se encontrava em precário estado

59 GAIO SOBRINHO, Antônio. *Memórias de Conceição da Barra de Minas*. São João del-Rei: Imprensa Universitária, 1990.

60 HILLAIRE, Auguste de Saint. *Viagens às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1944, p. 128.

de conservação e insuficiência em tamanho para acolher todos os devotos do lugarejo.<sup>61</sup>

Por isso, edificou-se e inaugurou-se, nos primeiros anos do século XIX, a igreja matriz que tanto impressionou o viajante Saint Hillaire, em 1819, principalmente porque se contrastava com a falta de recursos do lugar. Segundo observações do viajante,

a povoação de Conceição está edificada sobre o dorso de um morro pouco elevado. As casas que a compõem, em número aproximado de cem, são muito pequenas, baixas, quase quadradas, cobertas umas de telhas, outras de sapé, na maior parte afastadas umas das outras. Jamais devem ter oferecido muita comodidade e hoje caem em ruínas, não apresentam mais do que o aspecto da miséria e do abandono. No meio dessas moradas tão pobres, fica-se admirado de ver uma igreja bastante grande para o lugar e muito bem conservada.<sup>62</sup>

A bela igreja levou o bispo da diocese de Mariana a cuidar de sua elevação à categoria de matriz. Como à época a Igreja era subordinada ao Estado pelo regime de padroado, a criação da nova matriz e da nova freguesia deu-se por força de alvará imperial, de 29 de agosto de 1825.

Embora Conceição da Barra de Minas tivesse sua origem ligada à exploração aurífera regional, a atividade agrícola, com o passar do tempo, foi se tornando cada vez mais frequente. Também o açúcar assumira posição de destaque no quadro da produção de vários dos atuais municípios, entre eles Conceição da Barra de Minas, com o total de dez fazendas dedicadas ao cultivo de cana-de-açúcar, superando as demais localidades. O comércio também fora outrora ativo, já que Conceição era rota de viajantes.<sup>63</sup> Os dados que temos sobre a população de Conceição da Barra de Minas são do início do século XIX, de Raimundo José da Cunha Matos (1981). Segundo o autor, “Barra tem 221 fogos e 1.174 almas.” Pelo censo de 1872, a população total de Nossa Senhora da Conceição da Barra era de 2.178 pessoas, sendo que 1.456 destas eram livres e 722 escravos.<sup>64</sup>

### 2.3 São Tiago

A origem da cidade de São Tiago também remonta ao século XVIII e está ligada à abertura da Picada de Goiás, como estrada real consolidada para adentramento do Brasil.<sup>65</sup> A busca frenética por ouro e pedras preciosas levaria ao surgimento

61 GAIO SOBRINHO, 1990, p. 31.

62 HILLAIRES, 1944, p. 128.

63 GAIO SOBRINHO, 1990.

64 RESENSEAMENTO Geral do Império 1872. **Base de dados Internet Archive**. Disponível em: <https://archive.org/details/recenseamento1872bras>. Acesso em: 12 ago. 2023.

65 REZENDE, Ana Maria Nogueira. **Fluxos globais no século XVIII: a produção do *modus vivendi* e *operandi* no entorno da estrada real Picada de Goiás**. 2017. 320 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, 2017.

de inúmeros caminhos, em sua maioria a partir do Rio de Janeiro e de São Paulo, ampliados por entradas e expedições bandeirantes, acompanhando as trilhas indígenas a que se iam somando os desvios, as mudanças de trajetos, as novas sendas ao longo do tempo, fossem oficiais ou clandestinas. Daí, a autorização da coroa para “abertura da Picada de Goiás, estrada real que ligava São João del-Rei à cidade de Goiás. Esse trajeto tinha como objetivo alcançar as minas de Cuiabá, que tiveram sua exploração iniciada em 1718, e as de Goiás, descobertas posteriormente em 1722”.<sup>66</sup>

Em 05/08/1736, é concedida autorização para abertura da Picada de Goiás pelo governador do Rio de Janeiro e encarregado de administrar Minas Gerais, Gomes Freire de Andrade. Em 29/03/1737, o governador interino Martinho de Mendonça de Pina e Proença (1736-1737) concede sesmaria a Roque de Sousa, denominada “Almas” (Rio do Peixe), a primeira autorizada no Caminho Novo dos Goyazes”.<sup>67</sup> A partir de então, há certa recorrência na concessão de sesmarias na região. Em 25/04/1747, o governador Gomes Freire de Andrade concede a Domingos da Costa Afonso uma sesmaria “na picada que ia da Com<sup>a</sup> do Rio das Mortes para Goyazes na paragem chamada a do Capão Grosso tr. Da V de São José, da mesma comarca.”<sup>68</sup> E ainda concessão a outros sesmeiros na Paragem do Rio do Peixe, como José Manoel da Rosa<sup>69</sup>, Antonio Monteiro<sup>70</sup>, contribuindo para a povoação da região.

A região do Rio das Mortes, cuja sede era a Vila de São João del-Rei, tornar-se-ia uma passagem obrigatória para todos aqueles que, vindos de São Paulo e do Rio de Janeiro, transpondo a Serra da Mantiqueira e o Rio Grande, buscavam jazidas auríferas, ou com o destino a Vila Rica, Sabará, Alto Paranaíba, Triângulo Mineiro e Goiás. A partir dos núcleos mineradores, consolidaram-se, na época, inúmeros distritos e vilas, como São José del-Rei, Santa Rita do Rio Abaixo, Nossa Senhora da Conceição da Barra, São Tiago, entre outros.<sup>71</sup>

No trajeto para Goiás, uma incipiente rede urbana foi se formando, apesar das dificuldades que a estrada apresentava. Como citado anteriormente, o objetivo dos caminhos que adentravam por Minas Gerais era procura de ouro, porém algumas localidades surgiram aquém deste ideal, buscando servir de apoio para os viajantes, desbravadores e aventureiros que seguiam para o oeste mineiro. Partindo de São João del-Rei, na direção de São Tiago, Morro do Ferro, Oliveira, Formiga, Bambuí, Araxá e finalmente Paracatu, onde os caminhos se uniam e seguiam para Góias.<sup>72</sup>

66 REZENDE, Ana Maria Nogueira. A abertura da picada de Goiás – A necessidade da construção de estradas para fortalecimento da infraestrutura e surgimento de novas cidades. In: SEMINÁRIO IBEROAMERICANO ARQUITETURA E DOCUMENTAÇÃO, 5., 2017, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2018. não paginado.

67 ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Cartas de sesmaria. *Revista do APM*, Ouro Preto, v. 3, p. 796, 1898.

68 ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Cartas de sesmaria. *Revista do APM*, Ouro Preto, livro n. 90, p. 94, 1746-1750.

69 ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Cartas de sesmaria. *Revista do APM*, Ouro Preto, livro n. 90, p. 78-79, 1746-1750.

70 ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Cartas de sesmaria. *Revista do APM*, Ouro Preto, livro n. 90, p. 87, 1746-1750.

71 SANTOS, 2020.

72 REZENDE, 2018, não p.

Contudo, a origem de São Tiago, segundo a oralidade, de forma unânime, é anterior à concessão da sesmaria a Roque de Souza, em 1736.<sup>73</sup> Seria no ano de 1708, quando chegaram os primeiros brancos, vindos da Espanha, nas terras do atual município de São Tiago, atraídos pelo ouro presente em Minas Gerais, e que, posteriormente, em devoção a São Tiago Maior, ergueram uma tosca ermida ao santo de sua devoção. Paragem do Rio do Peixe e/ou Paragem de Santo Antônio do Rio do Peixe foram as primeiras denominações dadas às terras desse município, que, primeiramente, esteve ligado ao território da Vila de São José del-Rei e esta, à Comarca do Rio das Mortes.

A cabeça da Comarca do Rio das Mortes e centro do distrito eleitoral teve seu foral de Vila em 1712 e foi elevada a essa categoria em 8 dezembro de 1713.<sup>74</sup> Já a Vila de São José del-Rei, antes de se tornar vila, chamava-se Arraial de Santo Antônio. No final do século XVII, Tomé Portes del Rei chegou à região e descobriu ouro próximo ao Rio das Mortes. Entre 1708 e 1710, a Coroa portuguesa criou o Arraial de Santo Antônio. Em 1718, o arraial foi elevado a vila com o nome de Vila de São José del-Rei.<sup>75</sup>

Embora não seja possível precisar o período exato da nomeação, acredita-se que São Tiago passou a ser assim denominada na época da construção da capela, por volta de 1761. Isso porque a documentação localizada licenciando a construção do espaço faz referência a terras situadas entre o Rio do Peixe e o do Jacaré. Mesmo nas concessões de sesmarias anteriores a esta data, em documentos de teor jurídico/administrativo, a referência é feita como terras na Paragem do Rio do Peixe ou Santo Antônio do Rio do Peixe, conforme já dito. A partir da construção da igreja, a menção ao lugar vai modificando e assumindo o nome atual.

Alguns registros, do início do século XX, que descrevem o local nos faz pensar em um arraial pouco desenvolvido. Os relatos que transcrevemos logo abaixo são de dois estrangeiros que estiveram em São Tiago. O primeiro é do escritor João Lúcio Brandão<sup>76</sup>, que ficou por um tempo no arraial e descreveu a localidade em seu romance *Pontes & comp.*, o que acabou lhe custando a antipatia dos moradores. O segundo relato é do Sr. Octavio Leal Pacheco, “que chegou, a cavalo, ao ‘velho arraial’ de São Tiago, distrito de Bom Sucesso, com população em torno de 5.000 habitantes”<sup>77</sup> pelos idos de 1920. Este, diferente de Brandão, chegou e ficou. Fez mais, como vereador e posteriormente prefeito por dois mandatos, com um discurso

73 Além da oralidade, há indícios documentais que nos faz supor que esta origem seria de fato anterior à concessão de terras a Roque de Souza. “Em 1733, falecia D. Maria de Siqueira Paes, na roça de Paulo Vieira, seu terceiro marido, lugar chamado Campo Alegre, Aplicação de São Tiago”. A esse respeito, ver: BOLETIM SABORES E SABERES. São Tiago: Sicoob, n. 15, v. 177, jun. 2022.

74 GRAÇA FILHO, 2002, p. 32.

75 BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário histórico e geográfico de Minas Gerais**. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995, p. 350-351.

76 Vivendo em São Tiago no final do século XIX (1896-1900), esteve João Lúcio Brandão, um ilustre escritor. Nascido em Ouro Fino, aos 15/04/1875, principiou seus estudos em sua terra natal e, aos 15 anos, foi levado para Londres por um tio, oficial da marinha, onde permaneceu por dois anos cursando ali o “Sunny Hill School, Streatham”. Retornando ao Brasil em 1892, realizou seus estudos preparatórios em São Paulo, matriculou-se depois na Escola de Farmácia de Ouro Preto, onde se diplomou em 1895 e veio tentar a profissão no interior de Minas, estabelecendo-se em São Tiago. Aqui, em 1899, participou em banca examinadora das alunas da escola pública de instrução primária distrital do sexo feminino de São Tiago. De sua passagem pelo arraial de São Tiago, nasceu o livro *Pontes e Cia*, lançado em 1912, que se ocupa dos costumes mineiros. Embora não haja menção direta ao antigo arraial, os personagens descritos sob a ótica ficcional são estereótipos de moradores locais do final do século XIX. Ver: BRANDÃO, João Lúcio. **Pontes & Comp**. Costumes mineiros. 2. ed. Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira Ltda, 1944.

77 ASSIS, 2009, p. 117.

modernizador tão comum no lugar de onde vinha, Rio de Janeiro, e tão distante naquele momento do arraial onde chegara, Pacheco ousou modernizar São Tiago.

O ambiente descrito no romance *Pontes & comp.* caracteriza uma paisagem bucólica e bela, que contrastava com a sensação de abandono e atraso do local.

Nada mais pitoresco que essas casas disseminadas pela encosta íngreme, como que brotadas espontaneamente naquele meio agreste. [...] Era um arraial primitivo. Em de-redor, cercando-o protetoramente, erguiam-se colinas verdes, de aclive suave e, mais além, matas virgens erguiam os robles altaneiros. [...] O lardo era o coração do povoado: do lado superior erguia-se a igreja, velho templo com uma só torre e partes de outra cujas obras paralisadas em começo deixavam um aleijão no desgracioso edifício. [...] Do largo se abriam quatro ruas estreitas, tortuosas, esburacadas e com poucas edificações... A despeito, porém, da sensação de triste abandono que a vista do arraial causava — de qualquer ponto rasgavam-se aos olhos do observador, compensação benfazeja, encantadores trechos de paisagem, lances de vista admiráveis.<sup>78</sup>

A sensação que se tem ao ler o romance é de um arraial quase abandonado e desconectado com o restante do mundo.

Um arraial, que recebia duas vezes por semana o correio, às quintas e aos domingos, com correspondências resumida: poucos jornais, algumas cartas comerciais; reclames e almanaques para o João Botica, um jornal religioso para o Vigário, um outro ofício para o mestre e o “Jornal do Comércio”, para o Pontes.<sup>79</sup>

Ailton Assis analisou o arquivo pessoal de Leal Pacheco e nos apresenta fragmentos sobre impressões que o ex-prefeito tinha do então arraial.

[...] São Tiago, que, nos idos de 1920, então ostentava, em beleza e conforto, apenas a sua privilegiada configuração topográfica. A sede Distrital, desprovida de iluminação, era de aspecto desolador [...]. Suas ruas e praças sem passeios eram tortuosas e inúmeros becos davam a impressão de terra abandonada. Seu contacto exterior era feito pelos primitivos meios de transporte e por estradas ínvias e sem conservação. Não havia água potável suficiente para o abastecimento dos lares existentes, servindo-se a população de chafarizes esparsos pelo arraial. Não havia grupo escolar, e a Igreja do Rosário [...] apresentava desolador aspecto externo. Ao redor da Matriz, tético cemitério, circundado por muro de pedras, empanava a imponência daquele templo que, por sua vez, desprovido de passeios em derredor, dava-nos a impressão de um corpo sem pés.<sup>80</sup>

78 BRANDÃO, 1944, p. 10-11.

79 *Ibidem*, p. 19.

80 PACHECO *apud* ASSIS, 2009, p. 118-119.

Na visão de Octávio Leal Pacheco, por tais motivos, era preciso modernizar. Por isso, ele

abriu e prolongou ruas, suprimiu becos, colocou meios-fios e construiu sarjetas ao longo de vários logradouros públicos da antiga sede distrital; extinguiu, por completo, antigo cemitério existente em derredor da Igreja Matriz, exumando os cadáveres e trasladando seus restos mortais para o novo cemitério local; demoliu o muro de pedra que até então circundava o antigo Campo Santo e, com o material resultante, construiu o passeio que ainda existe em volta do majestoso Templo Católico desta Cidade. Reformou a rodovia entre São Tiago e São João del-Rei e construiu grande trecho da que nos liga à cidade e município de Oliveira. Construiu, igualmente, a ponte sobre o Rio Jacaré, entre esta cidade e Morro do Ferro.<sup>81</sup>

FIGURA 23 – Praça central de São Tiago com antigo coreto e Igreja do Rosário no início do século XX



FONTE: Arquivo Sicoob Credivertentes (Autor desconhecido)

81 BOLETIM SABORES E SABERES. São Tiago: Sicoob, n. 8, v. 92, maio 2015, p. 6.

FIGURA 24 – São Tiago na primeira metade do século XX



FONTE: Arquivo Sicoob Credivertentes (Autor desconhecido)

FIGURA 25 – São Tiago na primeira metade do século XX



FONTE: Arquivo Sicoob Credivertentes. (Autor desconhecido)

FIGURA 26 – Praça Ministro Gabriel Passos, na primeira metade do século XX



FONTE: Arquivo Sicoob Credivertentes. (Autor desconhecido)

Ao apresentarmos informações sobre essas três cidades, nossa intenção foi mostrar um pouco da região por onde Carlos Silva passara. Buscamos fotos das localidades no início do século XX, momento em que ele registrou suas memórias ou, pelo menos, vivenciou a maioria dos acontecimentos nelas registrados, para que, assim, os leitores possam conhecer, ainda que minimamente, esses espaços tão importantes para o escrevinhador. Contudo, há que se mencionar que a escassez de registros documentais e fotográficos para o período nos permitiu localizar poucas fotos, algumas das quais publicamos aqui. Ressaltamos, porém, que a maioria não tem referência exata ao período em que foram tiradas. Vale destacar também que, mesmo contando com ajuda de outras pessoas da localidade, não localizamos nenhuma foto da praça ou de ruas de Conceição da Barra de Minas.

Ademais, com este capítulo, buscamos mostrar ao leitor o quanto essas cidades ainda eram precárias na infraestrutura e, se já haviam avançado em relação ao período de sua formação, muito distante estavam do que hoje conhecemos. Esse fato nos dá a dimensão e a compreensão das dificuldades enfrentadas por Carlos Silva e sua família, fosse ao se deslocar a cavalo para buscar tratamento de saúde, fosse para fazer o parto de sua esposa porque não havia ninguém que chegasse a tempo, ou mesmo para compreender por que reuniões como os saraus para jovens eram tão malvistas por alguns e, sobretudo, por que seu gosto pela escrita e pelos discursos era motivo de escárnio.

### 3 A VIDA AFETIVA

Teria nosso personagem, quando jovem, afeiçoado-se aos prazeres mundanos e, como ele mesmo relata em algumas passagens de seus escritos, prazeres que lhe ocasionaram um sofrimento enorme. O maior deles, talvez, tenha sido descobrir-se sifilítico e, por isso, ao lado de sua primeira esposa, tivera que amargar a perda dos três primeiros filhos. Walter Silva, nascido morto em 25/11/1914, Walmer, natimorto em 15/09/1915, e Conceição, nascida morta em 11/08/1916.

Tangidos por profunda dor, depois de tentarem vários tratamentos, o casal viajou, no dia 1º de janeiro de 1917, ao arraial de Conceição da Barra, enfrentando tempestade e intempéries de toda a espécie para, juntos, curarem-se do mal que os turvava a felicidade.

Tolhendo a passo aos nossos animais, diferentes corcéis, sibilava a ventania, espalhando água, jorrada em grosas (ilegível) relâmpagos horríveis, (ilegível) dando com os nervos da gente, em (ilegível) de medo, enquanto trovões formidáveis reboavam por aquelas longínquas quebradas, parecendo antes o bramido da morte! Arre! Jamais na minha vida colheu-me tempestade tão dantesca!<sup>82</sup>

Lá chegando, desencontram-se do médico, Dr. Cyro Peçanha<sup>83</sup>, que fora chamado a Victoria para um caso grave de enfermidade. Aguardando o regresso do doutor, permaneceram oito dias na localidade. Conseguiram se curar, tiveram outros nove filhos — talvez os tivessem tido mais, não fosse a morte prematura da esposa!

O fato que importa, no entanto, é que as orgias da juventude cessaram tão logo conheceu sua Mandica, apelido carinhoso que ele deu a sua esposa D. Hormandina Mello Silva. Não cansou de render a ela os créditos pela transformação em sua conduta e de externar-lhe, com palavras, o amor que sentia por ela.

Carlos Silva e Hormandina conheceram-se em São João del-Rei,

Foi num dia de riso e de festas, na poética S. João d'El Rey, a formosa odalisca que abre as portas às regiões do sul de Minas, momentos depois que saíramos da igreja, onde se festejava solenemente a N. S. das Mercês, com a alma nimbada de unção e fé, dirigimo-nos, eu, meu irmão e o Luccas, o nosso velho Luccas de tia Camilla, para a casa nº 39, na rua Rezende Costa, em visita à família Mello, a quem, até então, não tivera a satisfação de conhecer... E fora aí que te vi pela vez primeira vez, santa e inesquecível Mandica! Parecias feita pedacinho de minh' alma!<sup>84</sup>

82 SILVA, Carlos Baptista. *As três mortas*. Manuscrito. Fl. 72.

83 Cyro Teixeira Peçanha, nascido na cidade de São João del-Rei, a dezessete de fevereiro de mil oitocentos e sessenta e quatro (1864), filho legítimo de Theophilo de Babo Peçanha e de Iria Esméria Teixeira de Almeida, médico, casado com Hormezinda Cândida de Jesus Peçanha, que, na época do falecimento do marido, tinha 16 anos. Dr Cyro faleceu no dia 3 de abril de 1927, na Fazenda do Bom Jardim, Distrito de Conceição da Barra, deixara uma filha por nome Gentil Ávila Peçanha, nascida em 30/11/1923. Mais informações em: IPHAN – São João del Rei, Inventário ano 1927, caixa 643. Disponível em: Projeto Compartilhar.

84 SILVA, Carlos Baptista. *As três mortas*. Manuscrito. Fl. 41.

Entretanto, foi em 1911, durante a festa na qual se comemorava o enlace de João Pereira Santiago e da senhorinha Mariquinha Resende, realizado em 8 de maio de 1911, que o casal se reencontrara. Nas palavras do Sr. Carlos,

eu, como mau dançarino que era, preferi dançar na sala de dentro, donde se dançava mais despreocupadamente. Entretanto, pela madrugada, julgando-me convenientemente ensaiado, flanei em direção à sala de fora, onde, nesse momento, reinava certa quietude. Atravessei a sala e, ao assentar-me em frente, deparei com dois lindos olhos voltados para mim, fitando-me da maneira mais cativante deste mundo. Contente, fitei-os com o mesmo ardor, e, de resto, tomado de vivo interesse pela dona daqueles olhos, descubro aí não já a menina pálida de pouco antes, mas, sim, uma criatura encantadora, pois que a vira agora bem de perto! Era, sem mais nem menos, a garotinha da casa nº 39, transformada em moça de dezessete anos, com os lindos ademanes de mademoiselle educada.<sup>85</sup>

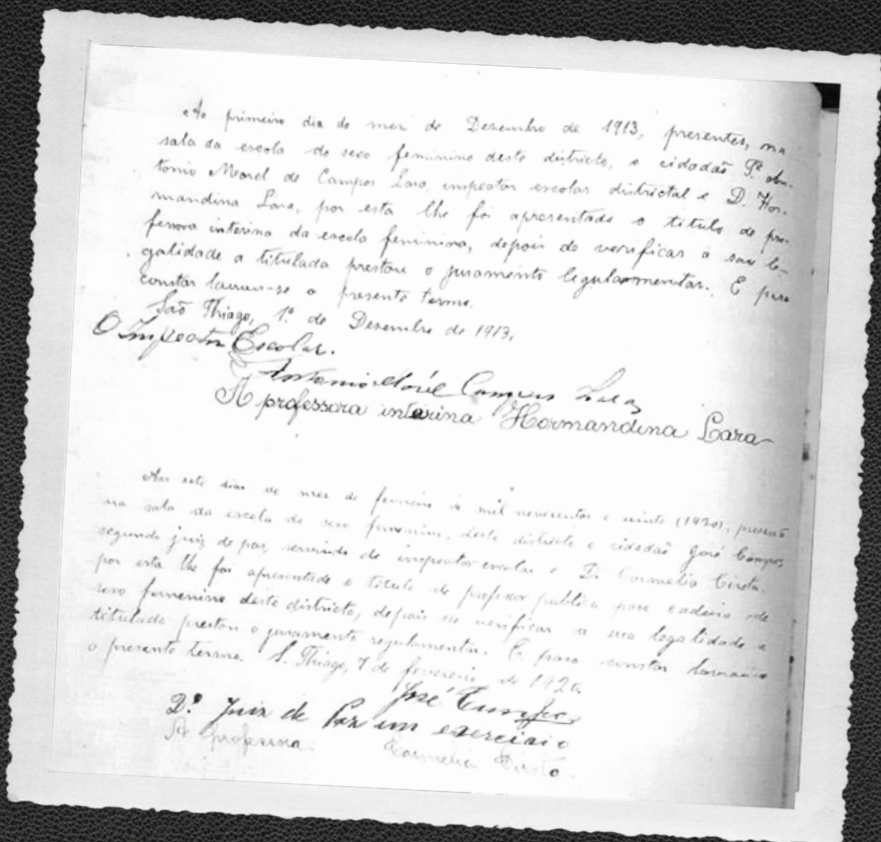
Em meados de 1913, D. Hormandina fora nomeada para reger a cadeira do sexo feminino da Escola Pública de Instrução Primária e Elementar da Parochia de São Thiago, em São Thiago, vacante pela professora Luizinha Andrade, casada com o Sr. João Baptista Ferreira, em suas primeiras núpcias, e que fora transferida para a cidade de Candeias. Luizinha Andrade provavelmente fora algum apelido dado à professora Ana Virgínia de Andrade (Dona Sinhá),<sup>86</sup> professora que assumira a cadeira de instrução primária para o sexo feminino, criada em 23/10/1878, em São Thiago, e da qual estivera como professora regente até o ano de 1909, pelo menos, quando seu nome consta, pela última vez, na ata de exames da Escola Pública de Instrução Primária e Elementar da Parochia de São Thiago. No ano de 1910, a professora Maria José Barreto assumiu a cadeira.<sup>87</sup> Em 1º de dezembro de 1913, essa mesma cadeira viria a ser ocupada por D. Hormandina Mello, que, na ata de nomeação, fora descrita como Hormandina Lara, provavelmente um equívoco quanto ao seu sobrenome.

85 SILVA, Carlos Baptista. **Relatos do Sr. Carlos Silva**. Manuscrito. Fl. 48.

86 VIEGAS, Augusto das Chagas. **Notícia histórica do Município de São Thiago**. Belo Horizonte: Imprensa oficial, 1972. p. 51.

87 Arquivo da atual Escola Estadual Afonso Pena Júnior. **Livro de atas de exames**. 1875/1826, p. 31.

FIGURA 27 – Ata de nomeação da Sra. Hormandina para a cadeira do sexo feminino da Escola Pública de Instrução Primária e Elementar da Paróquia de São Thiago



FONTE: Arquivo da atual Escola Estadual Afonso Pena Júnior. Ano 1913

Em finais de 1913, o Pe. José Duque<sup>88</sup>, pároco de São Tiago, retornava de uma grande viagem de peregrinação a Roma, e os fiéis paroquianos se preparavam para recebê-lo. Após os protocolos festivos religiosos, os rapazes organizaram um baile e lá, mais uma vez, Sr. Carlos e D. Hormandina se reencontraram.

Depois do tal baile, certo de ser ela sua eleita, não tardou a consultar o pai, Sr. Thomaz, que residia naqueles tempos na Fazenda do Rio do Peixe, para obter sua aprovação para o matrimônio. Com a bênção de seu pai, tratou o jovem rapaz de falar com a eleita sobre seu afeto. Pediu-lhe a mão em casamento, e ela aceitou. Casaram-se em 21/02/1914.

88 Figura 35, no final do texto.

Como ia dizendo, o 21 de fevereiro fora de sol intenso, e, ao declinar desse dia, eu e minha gentil noiva, ao lado de nossas testemunhas, João Baptista e Antônio Guerra, recebíamos a bênção nupcial das mãos do então Padre José Parreira, que viera propositalmente de longe para esse fim. Findo o ato, fomos até o altar onde Mandica, como ofertório, depositou um bonito ramallete. E, ao sairmos da igreja, e já seguindo largo acima, virei-me para ela e disse-lhe na maior satisfação deste mundo: “Então és minha e toda minha santamente!” Ao que ela, muito risonha e sempre linda, retrucou. “Sua só e sempre sua eternamente”.<sup>89</sup>

Do casamento com D. Hormandina, nasceram doze filhos, sendo os três primeiros sem vida, conforme já dito, e os outros nove, nesta ordem: Maria Geny (12/11/1917), Aurélio (25/01/1919), Carlos Silva Júnior, o Carlinhos, (15/03/1920), Rubens Ribeiro da Silva (08/05/1921), Eugênio (18/07/1922), Zélia Ribeiro (27/08/1923), Maria Ignês, a Ignezita, (04/02/1925), Maria da Glória (14/03/1927), Antonio Ribeiro Jackson, (15/06/1928).

Não bastasse terem perdido os três primeiros filhos, a pequena Zélia partiu, com 10 meses de vida. A morte da filha marcou o pai tão profundamente que ele jurou não a deixar ser esquecida. Por isso, em sua homenagem, a Fazenda do Retiro passou a se chamar Fazenda Saudade de Zélia.<sup>90</sup>

FIGURA 28 – Local onde existiu a Fazenda do Retiro<sup>91</sup>



FONTE: Arquivo pessoal de Maria Ribeiro

89 SILVA, Carlos Baptista. **Relatos do Sr. Carlos Silva**. Manuscrito. Fl. 62.

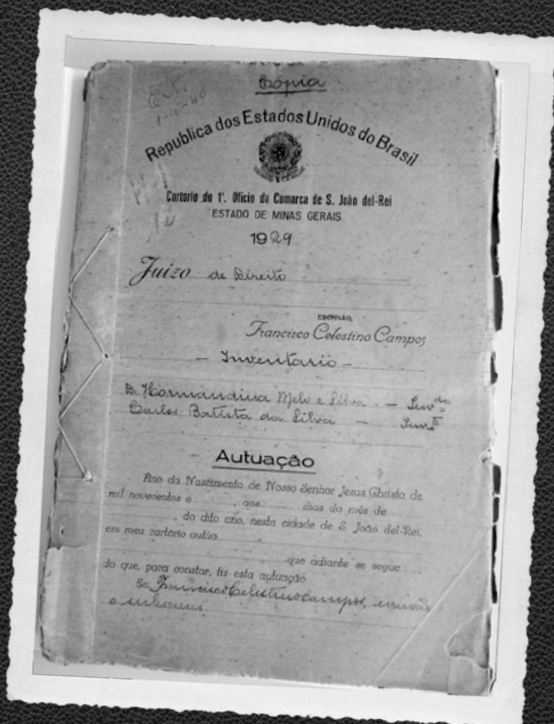
90 JACKSON, Antonio Ribeiro. Entrevista concedida a Elizabeth Marcia dos Santos e Saulo Vieira. Arquivo de vídeo. São Tiago, 20 de maio de 2018.

91 A área cimentada na frente era parte da casa antiga, conforme relatos de Maria Ribeiro. A casa da foto foi construída pelo filho de Carlos Silva, Ibsen, quando herdou a parte da propriedade.

No curso da vida, a dor da perda sempre batia à porta dessa família. Dessa vez, o patriarca sofria com a morte da esposa. Acometida de uma tuberculose, D. Hormandina Melo e Silva desencarnou em 16/02/1929, com 35 anos de idade, deixando o filho caçula, o pequeno Jackson, com apenas 8 meses de idade, e todo o restante de sua prole órfãos de seu amor.

Sr. Carlos procedeu então com o inventário dos bens do casal, tendo, para isso, nomeado por advogado o Sr. Augusto das Chagas Viegas. Chorou a morte da esposa, deixando registrado o quanto a amara nas páginas de seus escritos. Contudo, embora a saudade fosse grande, a vida continuava. Assuntos de ordem prática, como a criação dos filhos, exigiam que encontrasse uma nova esposa, para lhe acalmar o espírito inquieto de homem, que, no auge dos 36 anos, não conseguia seguir sem uma companheira.

FIGURA 29 – Inventário de D. Hormandina, sendo o inventariante o marido Carlos Baptista Silva



FONTE: IPHAN-São João del-Rei, caixa 711

O drama do viúvo era tanto que precisou ser aconselhado por Dom Antonio dos Santos Cabral, arcebispo de Belo Horizonte e fundador do diário social do município, que acalmasse o espírito e pedisse a Nossa Senhora para protegê-lo. O religioso estava de passagem por São Tiago para realização da cerimônia do

Crisma e, ouvindo as queixas do paroquiano sobre sua dificuldade em ficar sem mulher, teria o aconselhado, conforme relatos do seu filho Sr. Jackson.

O próprio Carlos registrou a tormenta desses tempos em seus escritos.

Não me conformando, entretanto, de maneira nenhuma com o viver sem mulher, e como não o poderia conseguir por outro meio lícito que não o matrimônio, a princípio, tornei-me objeto de molejo pelo irrefletido (ilegível) com que procurava consorciar-me de um para o outro. Três escusas diretas e indiretas, outras tantas eu tomara pelo (ilegível) em que me via.<sup>92</sup>

A vida de cada um de nós é marcada por acontecimentos que vão, de certa forma, nos transformando. Nessa mutação permanente, vamos definindo nossa personalidade. Há, contudo, acontecimentos que, sem dúvida, nos marcam tão profundamente, fazendo-nos irreconhecíveis até para nós mesmos. Vez ou outra, o passado parece nos visitar; às vezes, na forma de medo, às vezes, na forma dos vícios que pensávamos já esquecidos, fazendo-nos mal compreendidos por aqueles que conosco convivem. Então, o que nos resta é rogar aos céus o alívio para as dores e o socorro necessário para as tormentas da vida. Foi isso que o escrevinhador fez, aceitou o conselho do bispo, rogou a Nossa Senhora a proteção necessária e, pouco tempo depois, conheceu aquela que viria a ser sua segunda esposa, D. Glorinha.

FIGURA 30 – Glorinha em sua juventude



FONTE: Arquivo pessoal de Maria Ribeiro

92 SILVA, Carlos Baptista. *Relatos do Sr. Carlos Silva*. Manuscrito. Folha sem numeração 1.

Um ano depois da morte de D. Hormandina, em 18/01/1930, na Fazenda do Rio do Peixe, por ocasião do batizado de Maria Edir, filha de seu irmão Antoniquinho e Júlia, a quem fora representar como padrinho, conheceu aquela que viria a ser a sua segunda esposa.

Carlos Silva e Maria da Glória casaram-se poucos dias depois, em 26/02/1930. Dessa união, nasceram onze filhos: Maria Nilce (17/12/1930), Sebastião Ribeiro Ibsen<sup>93</sup> (27/03/1932), Alceu (14/08/1933), cujo nome fora dado em homenagem ao pensador católico Tristão de Ataíde, João Bosco (24/04/1935), em homenagem ao D. Bosco, e, por fim, Maria Nilza (14/11/1936), Rosita (19/11/1938), Paulo Ribeiro de Oliveira (23/10/1940); Maria Celeste (23/11/1942), Pedro Ribeiro (07/02/1944), Maria de Lourdes (29/07/1947) e Maria Ribeiro (29/12/1949).

Os desafios para criar os filhos eram grandes, e retirar dos braços o sustento para a família exigia disciplina. Se as demonstrações de afeto do pai pareciam pouco usuais no dia a dia dos filhos, a mãe procurava compensá-los com dedicação e carinho. D. Glorinha fora uma mulher virtuosíssima, que, além de assumir a prole numerosa do marido, dedicando-lhe amor maternal, ainda se ocupava da alfabetização de muitos dos filhos, conforme recorda a caçula Maria Ribeiro.<sup>94</sup>

Uma mulher tão grandiosa e cujas atitudes e dedicação emocionam ainda hoje o caçula do primeiro casamento do Sr. Carlos Silva, Sr. Jackson Ribeiro, ao se lembrar de como a dedicação e o amor de D. Glorinha lhe salvaram a vida.

Quando minha mãe morreu, eu era ainda um bebê. Como ela adoecera, eu fui retirado do seu peito abruptamente e, nesses primeiros tempos de vida, andava muito doente. Minha mãe morrera quando eu tinha 8 meses, e, logo depois, papai se casara com D. Glorinha. Ela, além de assumir todos os filhos de papai, se deparou com um orfãozinho muito doente. Andava preocupada com a minha situação. Então, um dia quando dormia, sonhou com a minha mãe. No sonho, a mamãe disse para ela que viria me buscar, no que D. Glorinha perguntou pesarosa por que faria isso, já que ela gostava tanto de mim. Mamãe então respondeu que, se quisesse ficar comigo, ela deveria ir na bica d'água que havia na fazenda e pegar um pé de erva São João, fazer um chá e me dar. Como D. Glorinha era muito moça, tinha aproximadamente seus 20 anos, sentiu medo. Então, pediu que, se fosse de fato para ela me dar o chá, que mamãe confirmasse a orientação, e não deu outra. Foi só ela fechar os olhos à noite, sonhou novamente. Então, no outro dia, foi na bica, apanhou o único pé do chá que havia por ali, já que o terreno naquele local não era adequado para o nascimento dessa erva, fez o chá, e eu estou vivo até hoje. Ela salvou minha vida!<sup>95</sup>

93 Embora Carlos Silva não mencione em seus registros o motivo da escolha do nome Ibsen, acreditamos ter sido escolhido em homenagem ao maior dramaturgo norueguês do século XIX, Henrik Johan, (20/03/1828 – 23/05/1906). Henrik foi considerado um dos criadores do teatro realista moderno. Foi também poeta e diretor teatral, sendo considerado o pai do drama em prosa.

94 RIBEIRO, Maria. Entrevista concedida a Elizabeth Marcia dos Santos. São João del-Rei, em 28 de março de 2023.

95 JACKSON, Antonio Ribeiro. Entrevista concedida a Elizabeth Marcia dos Santos e Saulo Vieira. Arquivo de vídeo. São Tiago, 20 de maio de 2018.

A vida do casal foi marcada por outros momentos difíceis, talvez o pior deles tenha sido a morte da filha mais velha, Maria Nilce, aos 18 anos de idade. A jovem foi acometida por uma dor na barriga e precisou ser submetida a uma cirurgia de apêndice. Após sete dias de operada, ela veio a óbito, causando profunda dor em seus pais.

As memórias de como conheceu D. Glorinha, apelido de D. Maria da Glória, também foram registradas nos escritos de senhor Carlos Silva e a elas acrescentamos uma história contada por seu filho Sr. Jackson sobre a referida ocasião.

A D. Glorinha, que era uma exímia costureira, estava lá na Fazenda do Rio do Peixe para fazer o enxoval da tia Conceição. Quando, por ocasião do batizado de Maria Edir, filha do tio Toninho do Bananal, papai estava prestes a chegar na fazenda, os empregados trataram logo de prevenir a moça que estava chegando um viúvo, assanhado e doido para casar. E ainda disseram que ele já tinha 8 filhos atrás dele. Mediante a aproximação do viúvo, D. Glorinha disse que não podia casar, porque tinha comprado uma máquina Singer e estava devendo esta máquina. A pressa do papai em se casar era tanta, que ele pagou a máquina para adiantar o casamento. Casaram-se.<sup>96</sup>

Dos filhos de Sr. Carlos Silva, estão vivos Jackson Ribeiro da Silva (95 anos), do primeiro casamento, que vive em São Tiago-MG; do segundo casamento, os filhos: Pedro Ribeiro (com 79 anos, morador de Santos-SP), Maria de Lourdes (com 76 anos, vive em Belo Horizonte-MG), Maria Nilza (87 anos) e Maria Ribeiro (74 anos), as duas últimas residem atualmente em São João del-Rei, MG.

---

96 JACKSON, Antonio Ribeiro. Entrevista concedida a Elizabeth Marcia dos Santos e Saulo Vieira. Arquivo de vídeo. São Tiago, 20 de maio de 2018.

## 4 A FÉ

Há lugares impregnados de experiências do passado, há pessoas que trazem consigo a história das comunidades com as quais estiveram intrinsecamente ligadas, e há aquelas que, agraciadas com o dom da palavra e da escrita, mantêm vivas a sua história e a história de seu povo. Cada uma, à sua maneira, contribui com a preservação da memória, e a memória conecta passado e presente.

Quando nos propomos a trabalhar com a memória por meio da análise de arquivos pessoais, precisamos estar atentos não só ao que está escrito ou documentado, mas devemos também levar em consideração “o contexto por trás do texto, as relações de poder que conformam a herança documental e que dizem tanto, se não mais, que o próprio assunto que é o conteúdo do texto. Nada é neutro. Nada é imparcial”.<sup>97</sup> O ato do escritor, do memorialista ou do colecionador de selecionar os fatos que irão ser contados; o ato de arquivar, seja pelas instituições a quem os arquivos são confiados, ou pela própria família, no caso dos arquivos pessoais; e o ato do historiador de selecionar as fontes a serem utilizadas, tudo isso é voluntário. Segundo Ailton Assis, “mesmo que inconscientemente, há por trás do arquivamento um sujeito construindo a memória que deseja legar”.<sup>98</sup>

O Sr. Carlos fora agraciado com o dom da palavra e não foi sem intencionalidade que usou esse dom quando registrou a história de sua família e procurou guardar recordações. Por meio de suas obras preservadas pela família e as quais tivemos acesso, percebe-se que fora um homem de fé e quis que esse traço de sua personalidade e de sua vida fosse lembrado, já que, em seus escritos, por inúmeras vezes, faz referência à sua devoção quando invocava a Deus e a Nossa Senhora para proteger sua família.

Era católico praticante e fervoroso, devoto de Nossa Senhora do Rosário, por meio de quem, segundo ele, por sua maternal intercessão junto a Deus, fora contemplado com inúmeras graças ao longo da vida. Fora à boa mãe do Rosário que comparara a esposa D. Hormandina, no livro *As três mortas*. “Tu gozas da beatífica presença de Deus! Afortunada que és, mas não te esqueças de que te tornaste o nosso anjo tutelar, a nossa medianeira entre a Boa Mãe do Rosário e o sólio de Deus Todo Poderoso!”<sup>99</sup>

A Nossa Senhora do Rosário também rogou pedindo as bênçãos para sua união e de D. Hormandina,

de modo que dispondo agora de plenos poderes para agir à vontade, rendi louvores a Deus e era incansável em suplicar, de N. Sra. do Rosário, a sua bênção para mim e para aquela que já considerava minha noiva, embora só um mês após é que lhe fizera eu o meu pedido de casamento.<sup>100</sup>

E também fora a ela que recorrera para encontrar sua segunda esposa, D. Glorinha.

97 COOK, 1998, p. 139-140 *apud* ASSIS, 2009, p. 33-34. Para maiores detalhes, conferir: COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 129-149, 1998.

98 ASSIS, 2009, p. 48.

99 SILVA, Carlos Baptista. *As três mortas*. Manuscrito. Fl. 33.

100 SILVA, Carlos Baptista. *As três mortas*. Manuscrito. Fl. 57.

[...] bastante auxiliado por boa saúde, consegui acalmar-me, entregando-me mais confiantemente à proteção de Nossa Senhora do Rosário, já (ilegível) tão conhecida e de quem tanto houvera eu despendido no decorrer de minha agitada existência.<sup>101</sup>

A fé lhe fora ensinada por sua mãe, D. Ambrosina, através das orações, dos costumes e dos cânticos religiosos que entoava no dia a dia.

Ao contrário dos costumes de hoje, em que as matronas, no desempenho de seus serviços caseiros, o fazem cantarolando canções e sambas carnavalescos, ela, qual cigarra, deleitava constantemente a família com sua voz de eleição, repetindo este ou outro dos muitos cânticos sacros, de que ela possuía inúmeros. Cantava com sentimento e com alma. Ao terminar o seu canto, banhavam-se lhe os olhos nas lágrimas de seu afeto.

Um filho que se despertasse e caísse na labuta quotidiana, sem que primeiro houvesse rezado as orações da manhã, era logo chamado à ordem! E o catecismo ali na ponta da língua. Era a Mamãe um espírito eminentemente voltado para as causas do céu, e só os que não se privaram com ela poderão duvidar da exatidão dessa verdade.<sup>102</sup>

A fé também o sustentara diante da morte da esposa,

Aí de mim! Se me não ampara o baluarte da fé, que me aponta deveres indeclináveis a cumprir, lobrigando além da felicidade de nos unirmos de novo, transcendendo a alegria dos bem-aventurados que contemplam a Deus! Mas, ah! Até que isto se dê!... o que me resta!?... Viúvo de teus carinhos, imerso na solidão de meu isolamento.<sup>103</sup>

E da sua amada filhinha Zélia.

A Zélia, inesquecível e adorada, que só lograra viver 10 meses, tendo a ventura de passar dos nossos para os braços seus divinos Protetores, no dia da festividade do S. S. Coração de Jesus, a 27 de junho de 1924, que a divina Providência cumular-nos de igual benefício, mimoseando-nos com a cópia precisa e fiel de Zélia na pessoa de Iñezita, que parece preencher, de algum modo, o vácuo cavado pelo desaparecimento de sua irmãzinha, tão prematuramente roubada ao carinho dos que a amavam tanto.<sup>104</sup>

101 SILVA, Carlos Baptista. **As três mortas**. Manuscrito. Fl. Sem numeração 1.

102 SILVA, Carlos Baptista. **As três mortas**. Manuscrito. Fl. 27.

103 SILVA, Carlos Baptista. **As três mortas**. Manuscrito. Fl. 33.

104 SILVA, Carlos Baptista. **As três mortas**. Manuscrito. Fl. 34.

A fé que o fazia abençoar cada um de seus filhos, por ocasião de seu nascimento, consagrando-os a Jesus e a Maria, ao Sagrado Coração de Jesus, ou mesmo dando-lhes nomes em homenagem aos santos de sua devoção, como o fez com o filho João Bosco, pela ordem de nascimento, o quarto do segundo casamento.

Desejei-te, meu caro filho, tal qual o és, para receberes o bonito e valoroso nome que tens; por isso estamos de parabéns, louvado seja Deus, e quero que te cresças em todo digno de teu grande e predestinado Xará. Por isso que és também, do mesmo modo, consagrado à sagrada família, sob cuja (celestial) proteção confio e espero viverem todos meus amados filhos.<sup>105</sup>

Sr. Carlos foi, sem dúvida, um homem de fé, que procurou vivenciar os ensinamentos de Cristo, aplicando-os diariamente na oração do terço em família. Com sua mãe, aprendeu a rezar e transmitiu esses ensinamentos a seus filhos. Na observância do santo Evangelho, na oração, sempre procurou o lenitivo para as dores do corpo e da alma.

Se andou errante em alguns momentos de sua juventude, lutou para que seus erros fossem dirimidos e aceitou seu calvário, rogando a Deus a cura para os seus males. Passou por várias perdas em sua vida. E, conforme se depreende de seus escritos, o perder sempre lhe fora doloroso. Por isso, talvez, tenha encontrado, na oratória, na escrita e na fé, um refúgio para a dor.

---

105 SILVA, Carlos Baptista. **Relatos do Sr. Carlos Silva**. Manuscrito. Fl. 80.

## 5 AS TRÊS MORTAS

Quem conheceu o Sr. Carlos conta o quanto ele gostava de fazer discursos e declamar poesias. Por isso, muitas vezes, fora incompreendido pelos seus contemporâneos. Para alguns, era um gênio, para outros, um louco. Ele mesmo registrara o seu gosto pela oratória, que aqui segue:

Reinava, naquela zona, por aquela época, acirrado espírito de política, em que os partidos pareciam arranjar pretextos para se hostilizarem reciprocamente. Era um Deus nos acuda! Eu, com a minha linguinha de palmo e meio, fiz subir à serra a muita gente boa.<sup>106</sup>

A sua habilidade para falar em público era tão conhecida que chegou aos ouvidos de Tancredo Neves, conforme contou Sr. Jackson.

Papai ia com frequência a São João del-Rei porque na cidade não havia banco, e ele era cliente do banco Almeida Magalhães naquela cidade. Numa dessas ocasiões, estava o Sr. Mozar Novaes conversando com Tancredo Neves, quando Sr. Novaes, vendo papai, fala para o Sr. Tancredo Neves:

— Tá vendo aquele ali? Faz discurso melhor que você.

Aí, o Tancredo se aproximou e perguntou ao papai qual era o grau de estudo dele. Papai respondeu:

— Passei aqui, passei ali e não tenho nenhum.

— Então como se explica isso? Falar com uma vivacidade incrível, com um português corretíssimo — perguntou Tancredo. Ao que ele respondeu:

— Não sei.<sup>107</sup>

E não ficou só nos discursos. Há relatos de que tenha produzido muitos escritos, mas de sua obra restaram apenas dois manuscritos: *As três mortas* e um segundo, um caderno de anotações, que aqui chamaremos de *Relatos do Sr. Carlos Silva*. A obra *As três mortas* está preservada da página treze em diante. Contudo, a letra que escreveu o manuscrito não foi a do senhor Carlos Silva, mas de sua filha Geny, que teria transcrito o original, conforme informações do seu filho Antonio Ribeiro Jackson.

A obra foi escrita por capítulos. A página treze tem o final do capítulo V e o início do capítulo VI. Ao ler o texto, percebe-se que a intenção do autor foi dividir suas memórias em três partes, referindo-se, em cada trecho, a uma mulher que havia sido importante em sua vida: sua mãe, D. Ambrosina Cristina Mendes de Almeida; sua primeira mulher, Hormandina Mello e Silva, e sua cunhada Maria dos Anjos.

106 SILVA, Carlos Baptista. *Relatos do Sr. Carlos Silva*. Manuscrito. Fl. 27.

107 JACKSON, Antonio Ribeiro. Entrevista concedida a Elizabeth Marcia dos Santos e Saulo Vieira. Arquivo de vídeo. São Tiago, 20 de maio de 2018.

Embora essas mulheres sejam significativas a ponto de darem nome à obra, os escritos não se limitam a elas. À medida que constrói o texto ressaltando os predicados de cada uma, vai registrando suas memórias sobre situações variadas, como perdas familiares, doenças, passeios, a sua rotina, a de seus familiares e amigos. Vale ressaltar que alguns fragmentos foram retirados da outra obra *Relatos do Sr. Carlos Silva*.

Nos primeiros capítulos da obra *As três mortas*, ele conta um pouco da memória de seus pais, de seu avô materno, o tenente Francisco Mendes de Almeida e Silva, por quem demonstra grande admiração, mesmo não o tendo conhecido.

Ao contrário do que acontecia com os grandes senhores feudais, meu avô, que era possuidor de algumas das melhores fazendas do município, possuindo para mais de mil alqueires de terra, era tido, felizmente, como um virtuoso chefe de família e honrado cumpridor de seus deveres sociais.<sup>108</sup>

Além disso, menciona a beleza da Fazenda do Engenho, propriedade de Francisco, e de todo o movimento que nela havia.

[...] a Fazenda do Engenho, no seu caráter duplo de duas fazendas em um só curral, era como que duas irmãs caminhando de mãos dadas, na maior intimidade e na mais invejável harmonia, alimentando-se, mutuamente, do mesmo sentimento, voltadas para o mesmo ideal de progresso, de concórdia e de amor! Em uma delas, no “arranha-céus”, ao qual subia-se por uma escadaria, trabalho antigo e bem feito e era de fato um magnífico sobrado, moravam meus avós, tendo sido aí o berço e mais tarde o álamo nupcial de mamãe. A outra, que ficava em frente e a pouca distância, pertencia a Cândido Coelho dos Santos, casado em primeiras e segundas núpcias, com duas de minhas tias, com as quais criou numerosa família [...]. Na ermida da fazenda, celebravam-se missas, as quais eram ouvidas pela vizinhança, que corria satisfeita a privar-se mais uma vez com aquela boa gente.<sup>109</sup>

Como a parte preservada do manuscrito inicia-se no final do capítulo V, foi possível ler o final de um relato feito pelo Sr. Carlos sobre os apuros que seu avô Francisco Mendes passara para administrar a fazenda em certa ocasião.

Evidentemente, do relato feito por meu avô em que, por ele, o Papai tivera conhecimento da morosidade de seus negócios, com “déficit” de ano para ano, deveria ser mesmo com grande (ilegível) de sua parte poder constar a grande diferença nas colheitas e disciplina impressa ao pessoal. De facto, era outro o espetáculo observado! E os próprios cativos, libertos do marasmo e velho torpor, eram como que a imagem viva do valor em evidência. Pareciam ocultar-se no regozijo de seus chefes e igualmente se beneficiavam naquela fartura e abastança.<sup>110</sup>

108 SILVA, Carlos Baptista. *As três mortas*. Manuscrito. Fl. 18.

109 SILVA, Carlos Baptista. *As três mortas*. Manuscrito. Fl. 16-17.

110 SILVA, Carlos Baptista. *As três mortas*. Manuscrito. Fl. 13.

Embora parte da história tenha se perdido, foi possível reconstruí-la por meio das lembranças do Sr. Jackson, que ouvira de seu pai o relato sobre o referido acontecimento.

Thomaz Ribeiro se casou com Ambrosina Cristina Mendes de Almeida. O sogro dele, também um fazendeirão, família Mendes, uma família passiva, boa, gente que jamais fazia dessas coisas, sabe? Aí, meu avô Thomaz Ribeiro ficou sendo genro da importante Fazenda do Engenho, que desmancharam agora, que é um crime, era a coisa mais linda do mundo!

Seu sogro falou assim:

— Ô Thomaz Ribeiro, eu vejo você, tem fartura na sua fazenda. Eu tenho essa quantidade de negro aqui e tá em tempo de ser preciso eu comprar mantimento pra tratar desses pretos, eu vejo lá a fartura que você colhe.

— Mas é claro, o senhor não tem energia com esses pretos — falou Thomaz Ribeiro — esses pretos fazem o que entendem, o senhor vai chegar nesse ponto mesmo.

E era um fazendeirão, tinha até senador da República na família. Então, o sogro pediu se ele podia ir pra lá para administrar por uns tempos. Ele foi. Ah! Eu não sei como eles não mataram ele lá. O Thomaz Ribeiro foi um tal de dar coro nos negros, mas, quando viu, o negócio fez vup! A produção de açúcar foi embora naquela quantidade, crioulinho que ficava lá comendo açúcar, ele ficava só vigiando de longe, assim:

— Oh negrinho, a lá! O pau lá vai comer aí!

Ninguém trabalhava também não. Ele foi, botou todo mundo para trabalhar, foi uma modificação total. Energia excessiva, desumana.<sup>111</sup>

Sr. Carlos Silva, mesmo sem ter vivido na fazenda, na época de seu avô, descreve com riqueza de detalhes a vida naquele lugar, que, para ele, mais parecia um pedaço do paraíso.

Num crescente de sadio entusiasmo, aumentava, de ano para ano, a safra de seus canaviais, a lavoura preferida pelos donos e da predição dos cativos, porque, aí, podiam fartar-se, à vontade, do grosso melado e embarcaram o seu cuité de cachaça, nunca, porém, a ponto de se tornarem “pau d’água”. De modo que, noite e dia, gemiam as moendas de cilindro de seu colossal engenho, para dar saída aos amontoados de cana, transportada dos canaviais pelos antigos e sempre reforçados carros de boi, sob a guiada do carreiro cativo, cantarolando a meia voz, a modinha tediosa que aprendera com seu velho parceiro [...]. Enquanto isso, as negrinhas, nédias e

111 JACKSON, Antonio Ribeiro. Entrevista concedida a Elizabeth Marcia dos Santos e Saulo Vieira. Arquivo de vídeo. São Tiago, 20 de maio de 2018.

lindas, sobraçavam grandes lenções de açúcar, arrancando as formas, e estendiam-nos por sobre o estendal imenso de taquaras, adrede preparado por pai João, o mais antigo prior daquele rancho! Eram como enxames de formigas, aos quais vinham juntar-se algumas tanajuras, nas pessoas de algumas pretas velhas e equi-disformes. Nesse afã, elas se arrevesavam, nunca, porém, afastando-se do cuidado de massacrar e revolver devidamente o açúcar aberto ao sol do meio-dia. Era justo que alguns quilos se perdessem na deglutição daquela gente laboriosa.<sup>112</sup>

Pelos relatos contidos nas primeiras páginas desse manuscrito, Sr. Carlos Silva menciona ter a sua mãe uma saúde sensível, o que dificultara a concepção dos filhos. Apenas após 14 anos de casamento, ela conseguira engravidar, porém, infelizmente, a criança faleceu logo após o nascimento. A doença da mãe afetara o pai profundamente por alguns anos, causando-lhe um envelhecimento precoce, mas, tão logo a saúde de sua consorte melhorara, este retomara com firmeza os negócios, modernizando a produção e expandindo seus domínios.

O tempo passara, os filhos cresceram e as próximas memórias registradas foram sobre as dificuldades vividas por seus pais, após a morte de sua avó paterna, D. Anna Cândida de Rezende. À época, coube ao Sr. Thomaz tomar frente nos negócios do pai, sendo o responsável pelo inventário. Tal tarefa lhe trouxe muitos aborrecimentos, conforme se observa nos relatos a seguir.

E não lhe traria isso maior dissabor se a sua estrela o não houvesse levado a dar procuração a um rábula desconhecido e inescrupuloso, para tratar devidamente da partilha dos bens deixados por minha avó. As constantes contas acrescidas que lhe eram frequentemente enviadas pelo referido advogado em um inventário interminável... Vimo-lo afirmar, algumas vezes, que, ante a citação do seu nome, os negros tremiam, e hoje ele é que se punha a tremer ante a letra de um...<sup>113</sup>

Para além do aborrecimento com o advogado, o Sr. Thomaz ainda se viu sob o risco de ter que se mudar da fazenda onde morava com a esposa e os filhos. Parte do terreno pertencia ao seu pai e, por isso, ele não poderia comprar diretamente, já que a lei não lhe permitia, a não ser que o fizesse em praça pública, correndo o risco de que aparecessem outros compradores. O texto não menciona como o negócio foi realizado, mas deixa claro que havia outros “poderosos interessados” e que, somente pela fortuna da família, foi possível manter as terras com os Ribeiro da Silva.<sup>114</sup>

Tão logo essa questão do inventário tenha se resolvida e já usufruindo das terras adquiridas, o casal Thomaz e Ambrosina enviam os filhos Carlos Silva e João Baptista ao colégio, tempo que Sr. Carlos lembra com saudade. Ele estudara no educandário São Luiz por seis meses, que, conforme sua descrição, era um colégio muito conceituado naquela época, e por essa razão, recebia alunos de toda parte.

112 SILVA, Carlos Baptista. **As três mortas**. Manuscrito. Fl. 13-15.

113 SILVA, Carlos Baptista. **As três mortas**. Manuscrito. Fl. 20.

114 SILVA, Carlos Baptista. **As três mortas**. Manuscrito. Fl. 21.

Atraídas pela justa fama de seu clima e pelas águas jorradas do cimo da colina e projetadas pela boca do leão de cimento armado, trabalho manual do diretor, famílias cariocas ali vinham ter, consentindo que seus filhos fizessem o curso primário no estabelecimento. Eram vistas ali crianças de toda a parte, na melhor e mais comunicativa alegria e na boa disciplina, a brincarem no recreio “barras pegadeiras”, “barra manteiga”, “jogo de pelotas”, “vinte e um”, futebol nas suas divisões de “menores”, “médios” e de “maiores”. O diretor animava, às vezes, esses brinquedos com seus saltos de acrobata! Recordo-me com saudade desses tempos e de alguns colegas!<sup>115</sup>

Do educandário, sabe-se que

Collegio São Luiz (Fica no Mun. de S. João del-Rey, à margem da E. de F. Oeste de Minas) Director – Padre Nicolao Badariotti. O collegio tem Intern. e Extern, e só aceita alumnos do sexo masc. Foi fund em 1897 e tem vários cursos: sciencias, línguas, artes, agricultura, trabalhos manuaes etc.<sup>116</sup>

As memórias que conserva do seu retorno para casa, após seis meses no colégio, são registradas referenciando o carinho materno que ele e o irmão receberam na ocasião. Conforme palavras do Sr. Carlos Silva, um carinho como “jamais havíamos deparado na vida” e que prenunciava a partida da genitora. “Havia, nisso tudo, um dedo misterioso do destino, e tão perto estava já o término de sua carreira gloriosa aqui na Terra!”<sup>117</sup>

Tempos depois, já tendo sua mãe falecido, Sr. Carlos Silva ainda estudara no Colégio Chantal, fundado pelo normalista Sr. João Francisco de Chantal,<sup>118</sup> que, auxiliado por sua esposa, Maria Libânia da Silva, atendia aos jovens da região. Maria Libânia fora aluna da escola feminina de São Tiago, em 1911, sendo sua professora, na época, D. Anna Virgínia d’Andrade.<sup>119</sup> O Sr. Carlos Silva era sobrinho-neto de Dona Libânia. Adiante, falaremos mais sobre tal fato.

Na sequência do texto, ele conta sobre a religiosidade da mãe, que exigia que todos fizessem as orações matinais antes de saírem para a labuta, de sua bondade com os indigentes e do quanto ela gostava de cantarolar cânticos sacros. Ele menciona o quanto D. Ambrosina era enérgica com a educação dos filhos, tendo ele mesmo recebido dela uma surra.

115 SILVA, Carlos Baptista. **As três mortas**. Manuscrito. Fl. 23.

116 ANUARIO DE MINAS GERAES: Estatística, Historia, Chorographia, Finanças, Variedades, Biographia, Literatura e Indicações (MG). Minas Gerais: [s. n.], ano 5, 1913. p. 127.

117 SILVA, Carlos Baptista. **As três mortas**. Manuscrito. Fl. 26.

118 O Sr. Francisco Chantal fora casado anteriormente com a Sra. Maria Augusta de Rezende Chantal, com quem teve um filho. Ficara viúvo aproximadamente no ano de 1895, conforme inventário de D. Maria Augusta. Em 1898, o viúvo recorre à justiça para satisfazer a uma exigência da Lei nº 181, de 24 de janeiro de 1890, sobre o casamento civil. Em seu artigo 7º, §9º, a legislação considera como impedimento para contrair novo matrimônio o viúvo ou viúva que, tendo filho do cônjuge falecido, não fizer inventário. Assim, como iria se casar com D. Maria Libânia, precisou fazer o inventário da primeira esposa. Informações disponíveis em: IPHAN. Inventário de Maria Augusta Rezende Chantal, caixa 54, 1898.

119 Arquivo da atual Escola Estadual Afonso Pena Júnior. **Livro de atas de exames**, 1875/1826.

A narrativa sobre a morte de sua mãe segue na íntegra na próxima citação. Escrito em forma de homenagem à mãe, o trecho encerra a primeira parte do manuscrito:

E Deus a recompensou, porque, na manhã do dia fatídico de sua morte inesperada, em ótima disposição de espírito e saúde, pelo menos aparentemente, foi a igreja, ouviu a missa, comungando no correr da qual, e, voltando a casa, distribuiu, com os seus pobres costumeiros, a sobra dos víveres que levava e, despedindo-se das pessoas de sua relação, deixou o arraial, para vir ser arrebatada à vida pela morte, da maneira aí descrita, confirmando, mais uma vez, aquela parábola: “Quem na saúde me procura não o abandonarei no seu infortúnio” ou, melhor ainda, “Eu sou o caminho, a verdade e a vida!” Oh Deus! Que nos escusos caminhos da vida tão bem norteias o teu servo! Aceita, querida mamãe, lá do céu, onde há tantos anos já te encontras, este preito singelo, como a mais legítima demonstração do afeto filial, de quem ainda te pede a bênção... Saudade de Zélia, 21/1/1934.<sup>120</sup>

Sr. Jackson nos esclareceu em que circunstâncias D. Ambrosina falecera, relato que descrevemos aqui.

A família teria vindo para a festa de São Sebastião, com os cargueiros lotados de víveres. Quando passou a festa do dia 21 de janeiro de 1907, trataram de retornar a sua casa. Para chegar na fazenda, era preciso atravessar o Rio do Peixe, que era muito raso. Nesta época do ano, chovia muito, e o rio vivia dando enchente, transbordando pelos vargedos e se tornava um atoleiro. Dona Ambrosina, que era cardíaca, ficou preocupada com isso e falou para Sr. Thomaz sobre sua preocupação. Sr. Thomaz, homem experiente nesses assuntos, respondeu que a tropa já havia passado e que não havia perigo. Assim, saíram depois do almoço, depois que ela distribuía todos os víveres que restaram de sua estadia na cidade. Era uma mulher muito caridosa. Passando pela cava da Pavuna, que era muito estreita e muito profunda, devido aos carros de boi que lá passavam e foram sulcando o solo anos a fio, fazendo com que o lugar ficasse muito perigoso e escorregadio para os cavalos, o cavalo em que iam montados Sr. Thomaz e Sr. Carlos, este ainda menino, escorregou e o Sr. Carlos caiu, tendo o cavalo quase passado em cima da criança, ocasionando um grande susto em D. Ambrosina. Atribui-se a estes fatos: o medo de atravessar o rio e o susto com o cavalo, o mal-estar sentido por ela quando chegou ao Morro da Cruz e que ocasionou sua morte. No morro, ela avisou não estar se sentindo bem. Todos pararam. Sr. Thomaz pegou uma tábua de

<sup>120</sup> SILVA, Carlos Baptista. *As três mortas*. Manuscrito. Fl. 29.

uma porteira, colocou-a deitada nesta tábua, com a cabeça em seu colo e ela morreu. O lugar até hoje tem a cruz que a família colocou em memória da morte de D. Ambrosina, e até hoje é preservada pela família.<sup>121</sup>

FIGURA 31 – Morro da Cruz<sup>122</sup>



FONTE: Os autores, 2022

A segunda parte do manuscrito é dedicada à esposa D. Hormandina, a saudosa Mandica. Sr. Carlos inicia falando de sua dor pela morte da companheira e da saudade que sentia. Em um misto de dor e desespero, ele ora agradece por ela estar na presença de Deus, ora lamenta por não poder juntar-se a ela. Acredita que ela se tornara o anjo tutelar da família, uma espécie de medianeira entre a boa Mãe do Rosário, santa da devoção do patriarca, e de Deus todo poderoso. Outras vezes, deseja acreditar que o espírito dela pudesse lhe aparecer para cessar a saudade. “Não dizem os livros da volta dos espíritos, e por que não me apareces?” Tudo delírio, como ele mesmo descreveu. “Dizem por aí que já estou doido, e é bem possível que o acertem, se me não amparar a tua prece...”<sup>123</sup>

Muitas foram as angústias enfrentadas por ele após a morte da sua Mandica: os pensamentos tumultuados, a responsabilidade de criar os filhos, sobretudo o

121 JACKSON, Antonio Ribeiro. Entrevista concedida a Elizabeth Marcia dos Santos e Saulo Vieira. Arquivo de vídeo. São Tiago, 20 de maio de 2018.

122 Cruzeiro erguido para sinalizar o local onde faleceu D Ambrosina, mãe de Carlos Silva, em 21/01/1907. Até hoje, a família procura conservar o símbolo.

123 SILVA, Carlos Baptista. *As três mortas*. Manuscrito. Fl. 36-37.

pequeno Jackson, que ainda era um bebê. Havia também a incompreensão dos familiares da falecida esposa, que não aceitavam que ele ficasse com o menino. Os seus relatos mostram uma parte dos conflitos que o patriarca amargou por aqueles tempos.

O Jackson, o nosso Jacksonzinho, que tu deixaste tão pequeno e que não tiveste a alegria de poder amamentá-lo como aos outros, vai se criando orfãozinho de teu carinho. Criá-lo, contudo, espero em Deus, sob a fulguração de teu espírito. Querem-me muito mal por aí, por o não ter dado para os outros. O que jamais farei! São nossos os oito que cá ficaram e, estou certo, irão se criar sadios e bons, porque banharam-se em tua bondade, tu que lhes foste Mãe!<sup>124</sup>

Na continuação do capítulo, ele rememora a época em que se conheceram, os primeiros encontros, o casamento, a dor pela morte dos primeiros filhos e a busca pela cura do mal que sofriam e os impedia de se tornarem pais, conforme já narramos no capítulo “Vida Afetiva”.

Já a terceira parte do livro foi dedicada à sua cunhada Maria dos Anjos. “A boa dos Anjos”, como era conhecida, nasceu em 20/06/1879. Era filha do primeiro casamento de D. Rita Clara de Melo com o Sr. Hipólito de Faria, que falecera em expedição a Goiânia, como já abordamos. Maria dos Anjos fora criada como filha pelo Sr. Lindolpho de Mello, que se casara com D. Rita e juntos tiveram mais duas filhas, Maria José e D. Hormandina, a esposa de Sr. Carlos Silva.

Maria dos Anjos era exímia costureira, ofício que exerceu por toda a vida, e não o fizera por necessidade financeira, como nos faz supor os relatos do Sr. Carlos. Talvez fosse mais pelo gosto de ser útil aos outros, característica que parece ter feito parte de sua personalidade. Cobrava preço módico pelas costuras; às vezes, também confeccionava peças gratuitamente para sobrinhos, afilhados e outros familiares, tendo o próprio Sr. Carlos sido beneficiado com muitos ternos feitos por ela, sem custo.

Casada com Francisco Gonçalves, fazendeiro independente, “homem de coração ávido e frio”, não tiveram filhos, o que constituía motivo de muito pesar a Maria dos Anjos. Contudo, ela criara dois afilhados, e isso amenizara a dor por não ter gerado filhos seus.

Ela foi uma figura marcante na história são-tiaguense<sup>125</sup>, pois atuara como enfermeira, ao lado de D. Nanhá Gabet<sup>126</sup>, durante a gripe espanhola.<sup>127</sup> A terrível epidemia varreu o mundo e chegou a São Tiago, vitimando em torno de 4 a 5

124 SILVA, Carlos Baptista. *As três mortas*. Manuscrito. Fl. 37.

125 BOLETIM SABORES E SABERES. São Tiago: Sicoob, n. 2, v. 10, jun. 2018.

126 Maria José dos Reis, apelido D. Nanhá, foi esposa de José Gabet, e ambos foram protagonistas da maior tragédia vivida na cidade de São Tiago, no início do século XX, mais precisamente no dia 13/09/1916. O marido Sr. José Gabet pedira a D. Nanhá que ministrasse vermicífugo aos filhos e ao próprio casal, mas, na verdade, o que ele lhe dera a ser preparado era estricnina e, com a administração do veneno, todos morreram, exceto D. Nanhá, que, a partir de então, banhada pela dor da perda dos entes amados, se entregara a ocupar dos conterrâneos que necessitassem de cuidados. Para melhor conhecer a história da família Gabet, ver: BOLETIM SABORES E SABERES. São Tiago: Sicoob, n. 10, v. 108, set. 2016 e o livro de Maria de Lourdes Reis, *Torrentes de Paixões*. Brasília: Gráfica Brasil Central, [20--].

127 A gripe espanhola, também conhecida como gripe de 1918, foi uma vasta e mortal pandemia do vírus influenza. De janeiro de 1918 a dezembro de 1920, infectou uma estimativa de 500 milhões de pessoas, cerca de um quarto da população mundial na época.

pessoas por dia, entre elas a própria Maria dos Anjos, que acabou se contaminando e faleceu em 26/12/1918.<sup>128</sup>

A conclusão da obra contém o desejo confesso do autor de fazer lembradas essas três mulheres, metaforicamente descritas por ele como flores. “Três mimosas flores de amor crestadas prematuramente pelo ardente sol estival, mas de cujos santos odores (ilegível) outros tanto nos inebriamos em (ilegível) vida; e também suas escusas em relação a sua forma de escrever.”<sup>129</sup>

Era desejo do Sr. Carlos que sua obra fosse publicada, conforme nos contara a filha Maria Ribeiro. Segundo ela, o pai era amigo de Tristão de Ataíde, com quem se correspondia, e a ele teria enviado uma cópia do manuscrito, para que o amigo pudesse opinar sobre os escritos. A opinião do poeta era que Carlos deveria publicá-lo, mas, por algum motivo que nos escapa ao conhecimento, Sr. Carlos acabou não conseguindo realizar seu desejo.

---

128 SILVA, Carlos Baptista. **As três mortas**. Manuscrito. Fl. 125.

129 SILVA, Carlos Baptista. **As três mortas**. Manuscrito. Fl. 102.

## 6 RELATOS DO SR. CARLOS SILVA

Embora não saibamos precisar quando os dois manuscritos deixados por Sr. Carlos Silva tenham sido escritos, acreditamos que este a que demos o nome de “Relatos” seja o primeiro deles. Um poema, localizado no verso da contracapa, datado em 30/01/1927, abre a obra. Contudo, acreditamos que a data não represente o início da escrita do manuscrito, já que, nas páginas seguintes, ao registrar o nascimento dos filhos, parece o fazer na época em que de fato aconteceram. Além disso, há que se dizer que as páginas do manuscrito, já muito gastas; levando-se em consideração pelo menos 100 anos de sua existência; não têm uma numeração confiável; há folhas sem paginação e até numeração duplicada. Em determinados trechos, faltam páginas se considerarmos a numeração feita pelo escritor.

Há também letras distintas, o que pode significar que pessoas diferentes teriam registrado as lembranças do senhor Carlos. As páginas numeradas como 30 e 31 do manuscrito foram escritas a lápis e de forma a aproveitar o papel, sugerindo terem sido redigidas posteriormente, segundo justificativa do próprio escritor. “À míngua de espaço, anota-se resumidamente a data em que nasceram os últimos filhos...”, ou seja, essas anotações foram escritas bem mais tarde, após o nascimento das crianças. Aproveitando o espaço no papel e no intuito de que também fossem lembrados em suas memórias, Carlos não se furtara ao registro dos nomes dos filhos e das respectivas datas de nascimento. Ademais, os assuntos tratados nessas páginas estão destoantes do que vinha sendo escrito até aquele ponto. Nesse caso, página 32 é sequência da 30.

Alguns dos discursos escritos são datados, e as datas se referem ao início da década de 1920. Assim, cogitamos a possibilidade de o manuscrito ter sido escrito como forma de organizar os textos que o autor foi compondo ao longo da vida. Se tal hipótese é verdadeira, ao reuni-los, o autor pode ter seguido uma ordem diferente da cronologia de escrita.

Como já dito, o arquivo pessoal não é algo neutro. Há uma intencionalidade em sua construção, mesmo que inconsciente. Escolhe-se, assim, aquilo que se quer que seja lembrado ou esquecido ou, ainda, aquilo que se deseja evidenciar ou não. Nesse sentido, até mesmo a forma de ordenação dos documentos nos possibilita uma leitura sobre a importância dos fatos para quem escreve ou arquiva. Assim, podemos supor que as memórias mais preciosas do escrevinhador são aquelas relacionadas à família. Ousamos afirmar que o Sr. Carlos desejava ser lembrado pelo amor dedicado aos seus entes queridos, sobretudo à primeira esposa, D. Hormandina.

Assim como há intencionalidade em quem escreve e arquiva, o olhar que observa esse arquivo também carrega intenções. Quando nos propomos a analisar um arquivo pessoal, adentramos a vida de um indivíduo e, a despeito da busca por uma neutralidade, somos formados por experiências e percepções, frutos do contexto em que estamos inseridos, que interferem na leitura e na apropriação do texto. Portanto, muito embora não busquemos uma verdade sobre fatos, tampouco desejemos fazer algum julgamento, é preciso dizer que, quando produzimos este livro, acabamos acrescentando aos fatos nossa percepção.

O que aqui se problematiza é até que ponto a nossa percepção corresponde à

percepção da personalidade analisada? Quem de fato era o escrevinhador? Para não incorreremos no risco de limitá-lo à nossa leitura, que busca evidenciar os seus traços de escritor e poeta, e sem esquecer o sujeito em sua integridade, evocamos também aqui suas memórias de filho, de marido, de laborioso pai de família que retirava da terra o sustento; que se ocupava com as questões financeiras, para garantir aos filhos a provisão para o futuro, e que falava com orgulho de sua fé.

Na primeira página do manuscrito, Sr. Carlos registrou seu amor à pátria em forma de poema. As páginas seguintes contêm apontamentos sobre negócios, relatos da rotina da vida na fazenda, para, sequencialmente, falar do matrimônio com D. Hormandina e das dores e das alegrias advindas do casamento, como a morte e o nascimento de seus filhos. Uma parte desses relatos sobre o casamento já foi tratada no manuscrito *As três mortas*, então esses trechos não serão novamente mencionados.

No caderno aqui nomeado *Relatos do Sr. Carlos*, o escrevinhador registrou os discursos que escrevera e proferira em diversas ocasiões. O primeiro foi feito por ocasião da visita da banda de Capelinha a São Tiago, na véspera do Dia de Reis, em janeiro de 1921. Ainda em janeiro do mesmo ano, proferira discurso por ocasião da formatura de D. Santinha, filha de sua comadre D. Zeca.<sup>130</sup>

Há também registro de discursos proferidos em reuniões, que, para os jovens, eram momentos de prazer e de desenvolvimento intelectual; eram os saraus, que a uns encantavam e a outros escandalizavam. Tais encontros eram um vestígio de atividades de cunho intelectual na cidade, embora não possamos precisar do que se tratassem, mas, nas palavras do escrevinhador,

Senhores, quando ousou afirmar que o rapaz aproveita intelectualmente frequentando tais reuniões, não quero dizer, está claro, que ali exista aula de vernáculo, mas, sim, que o ambiente delicado que o envolve, evidentemente, força-o a ser afável e igualmente cortês: originando-se daí o estímulo para os conhecimentos metódicos de nossa língua.<sup>131</sup>

Nesses relatos, encontram-se também discursos compostos por ocasião do batizado do filho Carlinhos, para a bênção da Fazenda dos Pilões, propriedade de um de seus irmãos, brindes feito em homenagem ao casamento de Malvino e Laura e também do irmão Antoniquinho com a jovem Julita, no dia 31 de maio

130 A formanda era Sra. Maria José Lara, filha de Francisco de Paula Lara e Maria José do Amor Divino. D. Santinha nasceu em São Tiago, no dia 20 de maio de 1902, e adquiriu o título de normalista no ano de 1920. Em 7 de janeiro de 1922, casou-se com Adamastor Alves de Andrade, conhecido como Zizi Andrade. Adamastor era natural de Resende Costa, nascido em 4 de janeiro de 1900, falecido em Desterro de Entre Rios, em 21 de agosto de 1981, filho de Teófilo Alves de Andrade e Amélia Maria de Andrade. Maria José e Adamastor tiveram dez filhos: Geny Lara de Andrade, Osmar Lara de Andrade, Maria Berenice de Andrade Campos, Décio Lara de Andrade, Lucy Lara de Andrade, Maria das Dores de Andrade, Maria Auxiliadora de Andrade Amaral. (Registramos aqui os nomes mencionados nos escritos de D. Santinha. Segundo a neta Daisy, três filhos faleceram. Contudo, não temos mais informações). Maria José cursou a escola primária em Santa Rita do Rio Abaixo. O curso ginásial foi feito no Colégio Nossa Senhora das Dores (internato) em São João del-Rei, tendo se formado no Magistério em 1920; formatura que o Sr. Carlos participou. D. Santinha foi uma mulher de grande atuação na cidade de São Tiago, fora a primeira diretora, por época da instalação do antigo Grupo Escolar Afonso Pena Júnior, atual Escola Estadual Afonso Pena Júnior, em fevereiro de 1927, exercendo, pela segunda vez, o cargo de diretora na década de 1930. Foi professora regente por 27 anos, aposentando-se em 16 de junho de 1952. Faleceu em 24 de setembro de 1975. Os documentos de D. Santinha pertencem ao arquivo pessoal da família e nos foram cedidos para consulta por suas netas, Daisy Mara Campos Villas Boas, Marylaine do Carmo Campos e Maria de Fátima Auxiliadora Campos Serra, filhas da Sra. Maria Berenice de Andrade Campos. Ver figura 38.

131 SILVA, Carlos Baptista. *Relatos do Sr. Carlos Silva*. Manuscrito. Fl. 37.

de 1922, e também reflexões dedicadas ao aniversário do pai Thomaz Ribeiro da Silva, em 15 de junho de 1922.

Após essa sequência de nove discursos, como assim nomeamos esta parte dos relatos, há uma sequência de poemas que foram escritos para alguns dos filhos por ocasião de seus natalícios. O escritor continua suas memórias transcrevendo uma carta enviada a seu pai em comemoração ao aniversário natalício de 70 anos do seu genitor.

Os trechos seguintes são relatos relacionados à morte da primeira esposa, à dor advinda da perda e à necessidade de encontrar uma nova companheira. Pelo teor da escrita, são tormentos enfrentados pelo Sr. Carlos em um período de provações. Também compõem essa narrativa textos que contam como conheceu a segunda esposa e o nascimento dos primeiros filhos do seu segundo casamento.

No manuscrito, o escrevinhador não deixou de especificar a divisão de alguns pertences para os filhos, registrando minuciosamente essas informações, o que demonstra preocupação em ser justo e honesto com cada um deles. É um exemplo a partilha feita após receber uma herança de seu pai Thomaz Ribeiro, presenteado a cada um dos filhos com certo valor, que, segundo suas palavras, teria sido o mesmo “empatado em uma boa e escolhida vaca.”<sup>132</sup>

O seu compadre, senhor Orozimbo de Castro, também fora lembrado por ocasião de seu aniversário, em 5 de novembro de 1933. Nas palavras do escrevinhador, era ele “um homem empreendedor e esforçado, que poderia ser considerado um dos espíritos mais evolutivos e que melhor se adapta às exigências de nosso meio.”<sup>133</sup>

Ele inicia a folha 98 com uma oração que deseja lembrar aos filhos para lhes assegurar uma morte tranquila. Registra um pequeno versinho, por ocasião do aniversário de 17 anos da filha Nilce, na folha 99. Nas páginas seguintes, vemos registrados a nostalgia do escritor, as suas experiências relacionadas às mortes de entes queridos e o seu próprio medo de morrer e deixar os filhos desamparados.

A responsabilidade de pai fez com registrasse, na folha 100, um trato feito com a esposa, embora não haja data para precisarmos se seria com a primeira ou a segunda companheira. Contudo, acreditamos tê-lo sido firmado com D. Hormandina e, posteriormente, mantido com D. Maria da Glória, já que, nos relatos dos bens destinados aos filhos, tanto são beneficiados a prole do primeiro quanto do segundo casamento. O desejo é que cada filho seja apresentado, ao nascer, “com a importância de 600\$000, obrigando-nos a dar-lhes, anualmente, a cada um, a importância de 200\$000, que representam o aumento possível de seu gado no transcorrer do ano.”<sup>134</sup>

E o que segue no texto são os relatos do sentimento quando da morte de sua mãe, as lembranças da cunhada Maria dos Anjos, as mesmas registradas na obra *As três mortas*, e, depois, na folha 111, ele escreve à filha Geny, pelo seu sétimo aniversário, em 29 de novembro de 1924.

Cronologicamente, o texto avança para o ano de 1927, quando ele registra o sorteio dos nomes das vacas destinadas aos filhos. O sorteio aconteceu no dia de São Sebastião, não por coincidência, mas por ser o Santo protetor dos animais e

132 SILVA, Carlos Baptista. *Relatos do Sr. Carlos Silva*. Manuscrito. Fl. 95.

133 SILVA, Carlos Baptista. *Relatos do Sr. Carlos Silva*. Manuscrito. Fl. 96.

134 SILVA, Carlos Baptista. *Relatos do Sr. Carlos Silva*. Manuscrito. Fl. 100.

também o escrevinhador, um homem devoto das coisas do Altíssimo. Ao presentear os filhos, ele também quis assegurar as bênçãos de Deus, para que o presente fosse multiplicado, conforme suas palavras:

[...] invocando a proteção de São Sebastião, como advogado que é das criações junto ao Altíssimo, para que o bondoso Santo impetire, de Jesus e Maria, aos quais todos nós somos consagrados, a bênção que haja de tornar, para eles, os nossos amados filhos, este presente como recurso que mais haja de prendê-los a Deus, pela caridade, pelo conforto santo que, por esse e por outros meios, lhes ambicionamos. Nós, os seus pais, lançamo-lhes a nossa bênção desejosos de ver este presente multiplicar-se e lhes ser útil.<sup>135</sup>

Da folha 113 à 117, há um poema sobre o Natal, de autoria de Berilo Neves<sup>136</sup> e com a assinatura de D. Hormandina. As páginas seguintes também foram por ela escritas. A dor pelo aniversário de um ano de morte da pequena Zélia fora eternizada pela mãe, nas páginas do manuscrito, no dia 27/08/1925.

Com a data de 1920, D. Hormandina registrara o amor que devotava ao esposo e o medo que trazia em seu coração de não ser correspondida. Ele, por sua parte, respondera à amada no mesmo ano, tranquilizando o coração aflito da consorte quanto ao seu amor e à sua admiração.

O manuscrito é finalizado com uma sequência de obras poéticas, escritas por Carlos Silva. O primeiro registro é um poema de amor, datado em 28/11/1923. Na sequência, há um versinho engraçado, um outro intitulado “Operário”, que ele identifica como sendo de Artur de Azevedo; “Místicos desposórios”, com o nome de Padre Adalberto no final, não nos sendo possível descobrir quem seria o referido padre. Misturados aos poemas, há também anotações sobre compras de terras, datadas em 1919, 1926, 1933, e o registro da vaca presenteada a Rozita, em 19/11/1938.

Na última folha, encontram-se registrados três nomes — Cesar Albertini, Mario Alfredo e Alfredo Albertini — e um endereço em Belo Horizonte. Inicialmente, cogitamos a possibilidade de se referir ao médico italiano Alfredo Albertini, contemporâneo de Sr. Carlos. Contudo, o médico não residia em Belo Horizonte, segundo investigamos, o que nos fez descartar essa suposição.

<sup>135</sup> SILVA, Carlos Baptista. **Relatos do Sr. Carlos Silva**. Manuscrito. Fl. 112.

<sup>136</sup> Berilo Neves foi jornalista e escritor brasileiro, nascido na Parnaíba, em 1899. Mudou-se para o Rio de Janeiro, no início dos anos de 1930.

## 7 HISTÓRIAS E CURIOSIDADES SOBRE CARLOS SILVA

### O baile

A neta Mariângela relembra uma história contada pelo seu pai, Sr. Eugênio, sobre a rigidez do patriarca na criação dos filhos. Como o pai, Sr. Eugênio gostava de contar casos, ela ouviu tal história por anos, pensando ser um caso qualquer. Contudo, depois, seu pai confessara ter acontecido com ele e alguns de seus irmãos.

Certa vez, os jovens filhos saíram para ir a um baile sem pedir autorização ao Sr. Carlos. Já na madrugada, quando chegaram em casa, encontraram a porta trancada. O pai deixou-os do lado de fora, não permitindo sua entrada e os expulsando de casa.

Os jovens saíram sem destino, perambulando sem rumo. Passaram fome e frio. Após alguns dias, encontraram com o Sr. José Sales, morador de São Tiago, que os reconheceu e os levou de volta para casa. Então, ele foi intervir junto ao Sr. Carlos para que os filhos pudessem retornar ao lar. O pai relevou a desobediência, e os filhos puderam voltar ao convívio familiar.<sup>137</sup>

### As traquinagens dos netos

Em uma tarde, alguns netos, filhos do Sr. Jackson e do Sr. Eugênio, foram visitar Carlos Silva na Casa da Cachoeira, onde, na ocasião, o patriarca morava com o filho João Bosco. Lá chegando, João Bosco estava assando uma broa de panela, e os netos, ansiosos para comer, foram frustrados em seu intento quando ouviram o chamado do avô, dizendo que deveriam, primeiramente, rezar o terço.

Os netos, nada contentes, mas não ousando desobedecê-lo, seguiram para um quarto da casa e iniciaram a reza. Sr. Carlos rezava com fervor e de olhos fechados. Ao perceberem que ele não abria os olhos e que estava concentrado, os netos foram saindo um a um do quarto. Quando o avô percebeu a traquinagem das crianças, saiu do quarto furioso, mas elas já estavam longe.<sup>138</sup>

### O homem dos discursos

Que Carlos Silva gostava de discursar não é novidade, mas o povo conta que a paixão era tanta, que, às vezes, ele subia no cupim, no meio do pasto, e discursava para a natureza, poetizava sobre o sol, a lua, as árvores. Dizem ainda que era dado à política e que, a cada estrada construída em sua propriedade, ele as nomeava, homenageando políticos e, é claro, discursava na suposta inauguração!<sup>139</sup>

### Um homem de fé

A devoção de Sr. Carlos Silva por Nossa Senhora era tamanha que, diariamente, rezava o terço com a família. Quando construiu a Casa da Cachoeira,

137 História contada pela neta Mariângela.

138 História contada pela neta Mariângela.

139 Histórias que o povo conta.

separou um hectare de terra e combinou com a esposa que essa metragem era doação para a igreja. Nas adjacências da residência, tratou também de construir uma gruta em homenagem a Nossa Senhora. A gruta permaneceu por muitos anos na propriedade.

Tempos depois do falecimento do pai, notando que a imagem da santa estava gasta, o filho Rubens a substituiu por uma maior, que foi, infelizmente, destruída por vândalos.<sup>140</sup>

### **Um homem refinado**

Quem passasse nas proximidades da fazenda onde habitava Carlos Silva, não raro presenciaria a cena de ver os filhos dele enfileirados, equilibrando livros na cabeça e andando sem deixar que os objetos caíssem.

Dizem que era um homem tão refinado para a época, que sonhava um futuro próspero para os filhos e, assim, vislumbrando esse futuro, treinava o andar das crianças, para que, quando fossem para a cidade, soubessem se movimentar com postura e elegância.<sup>141</sup>

### **Cuidado com os olhos verdes**

Esta é uma história sobre a juventude do Sr. Thomaz, escrita pelo professor Antonio de Lara Resende. Na nota de rodapé 22 deste livro, o leitor encontra uma pequena biografia do professor. Segue a história.

Thomaz Ribeiro, já velho e cego, quando visitado por mim, na mesma cidade para onde se mudou depois de ter entregue a Fazenda aos filhos, gostava, também, de rememorar suas aventuras ao lado de papai. E punha-se a contar histórias engraçadas, de quando ia ao Rio do Peixe<sup>142</sup>, fazenda onde papai passou a infância.

Fica aqui a seguinte, que só me contou depois de ter tido licença de D. Olímpia, sua segunda consorte.

Teria ele os seus dezesseis anos e andava apaixonado por tia Maria da Glória, que devia andar pelas suas quinze primaveras. A crer na opinião do narrador — suspeita por estar ele ferido pelas flechas do Cupido —, tia Glória era uma garota encantadora, cujos olhos verde-azuis eram de matar quem os fitasse, como ele vinha fazendo desde muito, até o ponto de viver pretextando necessidades de ir à Fazenda do Rio do Peixe com grande frequência.

E foi firmando-se entre ele e papai uma amizade que nunca desapareceria. Robusto, ágil e corajoso, o jovem enamorado Thomaz montava qualquer potro, por mais brávio e saltador que fosse. Por isso, costumava também laçar garrotes no curral, para montar e apostar equilíbrio e segurança, enquanto o animal saía aos corcovos, para se libertar do atrevido cavaleiro.

De todos que lá ousavam dar-se a esse esporte, comum, aliás, nas fazendas mineiras, era Thomaz o mais resistente, o que menos caía. Corcoveava o garrote

<sup>140</sup> História contada pela filha de Carlos Silva, Maria Ribeiro.

<sup>141</sup> História contada pelo Sr. José Sebastião, conhecido como Tião Viegas (95 anos).

<sup>142</sup> A Fazenda do Rio do Peixe aqui mencionada localiza-se na atual cidade de Resende Costa. Há outra fazenda com o nome Rio do Peixe, localizada no município de Conceição da Barra de Minas, esta pertencente no passado à família Ribeiro da Silva.

por ele cavalgado, até o animal se esbaforir e, de língua para fora, encostar a cabeça à parede ou ao muro, a berrar, esfalfado e entregue.

Certo domingo, os rapazes da fazenda, presente também Thomaz, entregavam-se aos brinquedos de salão usados na época, e tia Glória — é Thomaz quem informa e opina — era a mais bonita, a mais radiante de todas. E ele a derreter-se em agradados.

Num intervalo, um dos presentes arrisca um desafio:

— Oh, Thomaz, dizem aí que não existe garrote ou novilha que você não consiga cavalgar sem cair. É verdade?

— Até hoje tem sido assim — responde ele, de olhos nos olhos verde-azuis da namorada, cuja graça e donaire constituía já um poema de seus quinze anos.

— Pois, então, vamos ao curral, que queremos ver você domar a Gazela...

Era uma linda novilha de propriedade de Sinhá Moça, cujos olhos o estavam enfeitando. O fato deve ter ocorrido aí pelo ano de 1872. Era ainda o tempo em que as meninas fazendeiras traziam o belo nome gentil de “Sinhá Moça”, na boca da escravaria e dos poetas. Que podia dizer Thomaz? Que podia responder, quando sobre ele caíram os dois olhos fulgurantes da namorada, que nem duas estrelas feitas de liga brilhante de safira e da esmeralda?

— Não acredito que esta gazela me venha desmoralizar. — Foi a resposta do jovem enamorado.

—Vamos então ao curral?

—Vamos!

E lá se foram os rapazes laçar e subjugar a Gazela, para que Thomaz confirmasse a fama que trazia de peão e que nenhum animal fazia lambar a terra. Moços e velhos foram para as janelas, enquanto os rapazes desciam para o terreiro. Minutos depois, lá estava o valente e duro peão cavalgando a Gazela, que apenas solta por aqueles que a tinham segura no laço, saiu aos pinotes, a berrar em fúria, tudo fazendo para se libertar do dominador.

Palmas, gritos e aplausos saudavam a dureza e o garbo com que o feliz namorado se mantinha firme no lombo da Gazela. Suavam ambos. Ela para fazê-lo lambar poeira. Ele, para ganhar prestígio diante da graciosa espectadora, de cotovelos finados no peitoril de uma janela.

Já estafada, arquejante, a novilha foi encostar a cabeça à parede, justamente sob a janela em que Glória estava. Certo de duplo triunfo, Thomaz achou poder tirar os olhos do cangote da Gazela, para fixar na criatura que na janela o atraía. E fê-lo cheio de orgulho e vaidade e intimação...

Foi a sua infelicidade. Enquanto ele procurava ler no sorriso da menina-moça o aplauso à sua perícia, eis que a Gazela resolve tentar mais uns pinotes... e lá se foi Thomaz, com toda a sua dureza, com todo o seu garbo... Estatelando no chão, bem diante da janela que o perdera, ele nem pôde ver para que lado estourou a novilha quando se livrara dele!...

— Ah! Parente — terminou o narrador —, você não queira saber a vaia que tomei, o porco em que fiquei e o efeito desastroso que teve aquilo sobre minha sorte. No dia seguinte cedo, nem café esperei. Fui tomar café em casa, a duas léguas de distância. Estava arrasado de vergonha. Até hoje sinto arrepio quando me lembro daquela tarde. E esse nome Gazela é para meus ouvidos o mais danado

que existe no mundo.

— Mas, parente, e o namoro? Acabou?

— Aí é que está o pior! Envergonhado, eu fugi do Rio do Peixe. Morto de vergonha e de saudade, passei alguns meses sem voltar lá! Quando consegui voltar, vi que a desgraça era dobrada, pois confirmou-se a notícia que eu já tinha. O malandro do Zeca de Jacaré (José Cândido), que vivia a arrastar asa para a Glória, conseguiu me derrotar. O diabo morava lá perto. Quando viu que eu tinha fugido envergonhado, caprichou nos agrados e ficou com a minha namorada. Nunca perdoei ao Zeca essa traição. Nunca esqueci a derrota naquele dia e a cor dos olhos de sua tia. Ah, que olhos!... Como aqueles, só os da Olímpia, com a diferença que os da Glória eram verdes e os da Olímpia são duas jabuticabas...

Dona Olímpia estava ali presente...<sup>143</sup>

---

143 RESENDE, Antonio de Lara. **Do Belo Vale ao Caraça**. (Memórias 1). [S.L.]: Edição do autor, 1970. p. 90.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos propusemos a recuperar a obra de Carlos Silva, embora tivéssemos a consciência do tamanho da responsabilidade, não imaginávamos o quão difícil seria levantar dados sobre um habitante de nosso meio. No ir e vir da vida, poucas pessoas restaram de seu convívio no tempo de mocidade. Além disso, com exceção dos familiares que com ele conviveram mais proximamente, as demais pessoas com quem conversamos, por tê-lo conhecido ainda crianças, não se lembravam de muitos detalhes. Entretanto, todos destacavam a paixão do escrevinhador pelos discursos e por declamar poesias.

Dos filhos de Carlos Silva, vinte e três ao todo, doze do primeiro casamento e onze do segundo, apenas cinco ainda estão vivos. Antonio Ribeiro Jackson, do primeiro casamento, foi a nossa principal fonte para levantamento de informações e com quem discutimos as dúvidas que iam surgindo durante todo o trabalho de pesquisa e levantamento de dados. Do segundo casamento, restam quatro: Pedro Ribeiro, Maria Nilza, Maria de Lourdes e Maria Ribeiro, esta última nos brindou com valiosas informações e com as fotos da família, sendo sua ajuda fundamental na etapa final da escrita deste livro.

Mediante a dificuldade de localizar documentação, imagens e mesmo pessoas, foi preciso encontrar um caminho para tornar informações acessíveis ao maior número de leitores, ou, pelo menos, fornecer dados para pesquisas posteriores sobre a vida do escrevinhador e de seus familiares. Nesse sentido, optamos pelo cruzamento de fontes de diversas naturezas, registros cartoriais, entrevistas, inventários e trabalhos de outros historiadores.

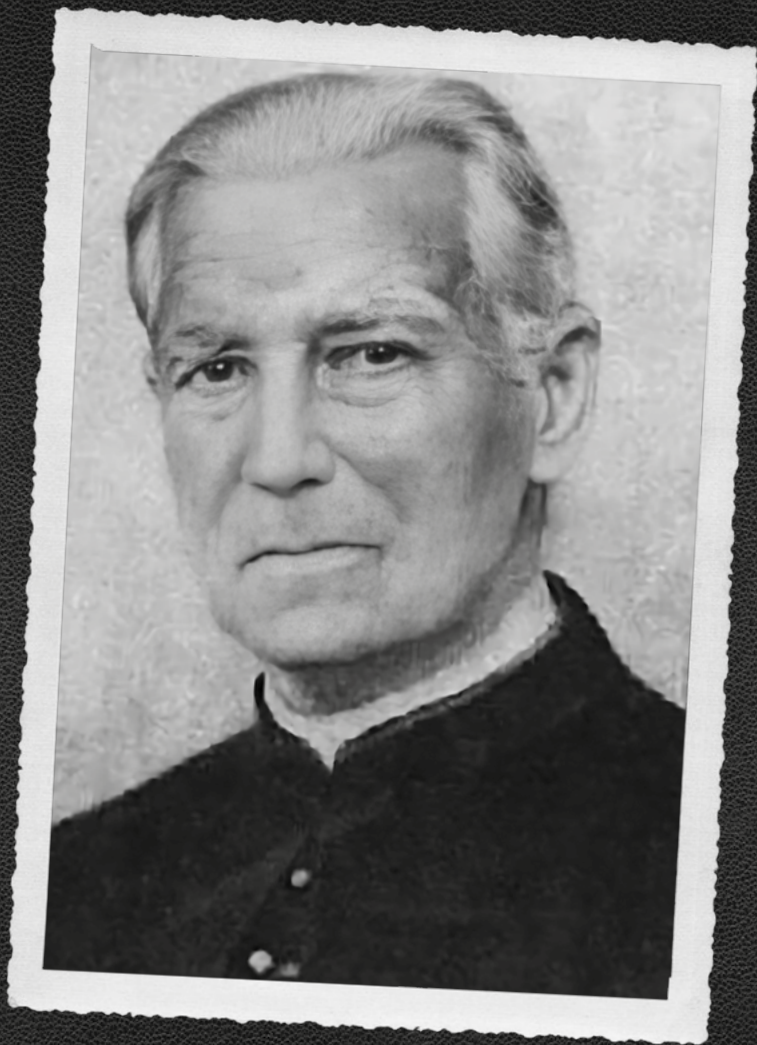
Assim, podemos dizer que todas as fontes, cada uma delas com suas particularidades, foram fundamentais para a reconstrução deste mosaico de ações e emoções registradas pelo Sr. Carlos Silva e que tiveram como cenário as cidades de São Tiago, Santa Rita do Rio Abaixo e Conceição da Barra de Minas. Um passado que ainda se faz presente na memória de Sr. Antonio Ribeiro Jackson e de seus irmãos e que desejamos perpetuar nas páginas deste livro.

Despedimo-nos do leitor, desejosos de que apreciem a leitura dos manuscritos originais. Para justificar, mais uma vez, nossa pouca habilidade de escrita, usamos as precisas e preciosas palavras do escrevinhador: “Se de biógrafo tudo me falta e não tenha condignamente sabido cinzelar-lhes o perfil, resta-me o consolo de que não me escasseara a boa intenção, sempre animada pela flama de amoroso idealismo.”<sup>144</sup>

---

144 SILVA, Carlos Baptista. **As três mortas**. Manuscrito. Fl. 100.

FIGURA 32 – Monsenhor João Alexandre de Mendonça<sup>145</sup>



FONTE: Arquivo Sicoob Credivertentes

145 - Concelebrante do matrimônio de Carlos Baptista e D. Hormandina.

FIGURA 33 – Dom José Maria Parreira Lara<sup>146</sup>



FONTE: Arquivo Sicoob Credivertentes

146 Concelebrante do matrimônio de Carlos Baptista e D. Hormandina.

FIGURA 34 – Pe. Júlio José Ferreira 1844-1916<sup>147</sup>



FONTE: BOLETIM SABORES E SABERES, n. 7, v. 141, jun. 2019

147 Foi o celebrante do batizado do Sr. Carlos Silva.

FIGURA 35 – Pe. José Duque<sup>148</sup>



FONTE: Arquivo Sicoob Credivertentes

148 Pároco em São Tiago no início do século XX, citado nos escritos de Sr. Carlos Silva.

FIGURA 36 – Fazenda São Miguel



FONTE: Os autores, 2020

FIGURA 37 – Sr. Antonio Ribeiro Jackson



FONTE: Arquivo pessoal Sr. Antonio Ribeiro Jackson

FIGURA 38 – Formatura de D. Maria José Lara (D. Santinha)



FONTE: Arquivo pessoal da família de D. Maria José Lara

FIGURA 39 – Uma das casas mais antigas de Conceição da Barra<sup>149</sup>



FONTE: GAIO SOBRINHO, 1990

149 À direita, a casa que pertenceu ao Dr. Cyro Peçanha — médico com quem Carlos Silva e D. Hormandina se consultaram — e onde funcionou, no início do século XX, o Colégio São Luiz onde estudara Carlos Silva.

## REFERÊNCIAS

ALCICI, Fernando. Pe. Júlio Ferreira: um homem de grande personalidade. **Boletim Sabores e Saberes**, São Tiago, n. 12, v. 141, p. 3, jun. 2019.

ANNUARIO DE MINAS GERAES: Estatística, Historia, Chorographia, Finanças, Variedades, Biographia, Literatura e Indicações (MG). Minas Gerais: [s. n.], ano 5, 1913.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Cartas de sesmaria. **Revista do APM**, Ouro Preto, livro n. 90, p. 78-79, 87, 1746-1750.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Cartas de sesmaria. **Revista do APM**, Ouro Preto, v. 3, p. 783-927, 1898.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. **Listas Nominativas da década de 1830**. Organizadas em banco de dados pelo CEDEPLAR/UFMG – Núcleo de Pesquisa em História Demográfica. Disponível em: <http://www.nphed.cedeplar.ufmg.br/poplin-minas-1830/> Acesso em: 27 ago. 2023.

ASSIS, Ailton Alexandre de. **Um lampião dentro da mala**: o arquivo pessoal de Octávio Leal Pacheco – memória e autobiografia. 2009. 264 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2009.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário histórico e geográfico de Minas Gerais**. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas I).

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 5. ed. Tradução: Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Obras escolhidas I).

BOLETIM SABORES E SABERES. São Tiago: Sicoob Credivertentes, 2007-. Disponível em: <https://www.sicoob.com.br/web/sicoobcredivertentes/publicacoes> Acesso em: 20 ago. 2023.

BOLETIM SABORES E SABERES. São Tiago: Sicoob, n. 4, v. 41, fev. 2011.

BOLETIM SABORES E SABERES. São Tiago: Sicoob, n. 8, v. 92, maio. 2015.

BOLETIM SABORES E SABERES. São Tiago: Sicoob, n. 10, v. 108, set. 2016.

BOLETIM SABORES E SABERES. São Tiago: Sicoob, n. 10, v. 113, fev. 2017.

BOLETIM SABORES E SABERES. São Tiago: Sicoob, n. 12, v. 133, out. 2018.

BOLETIM SABORES E SABERES. São Tiago: Sicoob, n. 2, v.10, jun. 2008.

BOLETIM SABORES E SABERES. São Tiago: Sicoob, n. 15, v. 168, set. 2021.

BOLETIM SABORES E SABERES, São Tiago: Sicoob, n. 15, v. 177, jun. 2022.

BRANDÃO, João Lúcio. **Pontes & Comp.** Costumes mineiros. 2. ed. Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira Ltda,1944.

BRASIL. Decreto nº181, de 24 de janeiro de 1890. Disserta sobre o casamento civil. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242347>. Acesso em: 7 ago. 2023.

BRASIL, Minas Gerais, Registros da Igreja Católica, 1706-1999. **Base de dados Family Search**, Disponível em: <https://www.familysearch.org/search/collection/2177275>. Acesso em: 12 ago. 2023.

BRÜGGER, Sílvia M. Jardim. **Minas patriarcal**: família e sociedade (São João delRei – Séculos XVIII e XIX). São Paulo: Annablume, 2007.

CERVANTES, M. de; PORTINARI, C.; ANDRADE, C. D. de. **D. Quixote, Cervantes, Portinari, Drummond**. Rio de Janeiro: Diagraphis, 1973.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 129-149, 1998.

GAIO SOBRINHO, Antônio. **Memórias de Conceição da Barra de Minas**. São João del-Rei: Imprensa Universitária, 1990.

GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. **A princesa do Oeste e o Mito da decadência de Minas Gerais**: São João del-Rei (1831-1888). São Paulo: Annablume, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

IPHAN/SJDR. Processo-crime 33-12 de Romualdo Gomes de Moraes,1873.

IPHAN/ SJDR. Inventário de D. Francisca de Paula Moraes, caixa 441,1843.

IPHAN/SJDR. Testamento / Inventário de Antônio Ribeiro da Silva, caixas 124 e 244, 1863/1865.

IPHAN/SJDR. Inventário / Testamento de Luiz Ribeiro da Silva, caixa 147, 1817.

IPHAN/SJDR. Inventário de Francisco Ribeiro da Silva, caixa 667, 1912.

IPHAN/SJDR. Inventário de Antônio Ribeiro da Silva, caixa 244, 1863.

IPHAN/SJDR Inventário de Ana Antônia de Resende, caixa 64, 1904.

IPHAN. Inventário de Maria Augusta Rezende Chantal, caixa 54, 1898.

IPHAN/SJDR. Inventário de Hormandina Mello Silva, caixa 711, 1929.

IPHAN/SJDR. Inventário de Cyro Teixeira Peçanha, caixa 643, 1927. Disponível em <http://www.projetocompartilhar.org/DocsMgAF/cyroteixeirapeçanha1927.html>. Acesso em: 12 ago. 2023.

IPHAN/SJDR. Inventário de Manoel Coelho dos Santo, caixa 482, 1785. Disponível em <http://www.projetocompartilhar.org/DocsMgMZ/manoelcoelhodossantos1785.html>. Acesso em: 12 ago. 2023.

HILLAIRE, Auguste de Saint. **Viagens às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás**. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1944.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MATOS, Raimundo José da Cunha. **Corografia histórica da província de Minas Gerais (1837)**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1979. v. 1.

MATOS, Raimundo José da Cunha. **Corografia histórica da província de Minas Gerais (1837)**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981. v. 2.

POHL, Johann Emanuel. **Viagem ao interior do Brasil**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo Itatiaia, 1976.

PROJETO COMPARTILHAR. [s. n.], 2004. Disponível em: <http://www.projetocompartilhar.org/> Acesso em: 12 ago. 2023.

RECENSEAMENTO Geral do Império 1872. **Base de dados Internet Archive**. Disponível em: <https://archive.org/details/recenseamento1872bras> Acesso em: 12 ago. 2023.

REGISTRO de Batismo Sr. Carlos Silva. **Base de dados Family Search**. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:66LQ-MHX7> Acesso em: 12 ago. 2023.

REIS, Maria de Lourdes. **Torrentes de paixões**. Brasília: Gráfica Brasil Central, [1976?].

RESENDE, Antonio de Lara. **Do Belo Vale ao Caraça.** (Memórias 1). [S. l.]: Edição do autor, 1970.

REZENDE, Ana Maria Nogueira. A abertura da picada de Goiás – A necessidade da construção de estradas para fortalecimento da infraestrutura e surgimento de novas cidades. In: SEMINÁRIO IBEROAMERICANO ARQUITETURA E DOCUMENTAÇÃO, 5., 2017, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2018. não paginado.

REZENDE, Ana Maria Nogueira. **Fluxos globais no século XVIII:** a produção do *modus vivendi e operandi* no entorno da estrada real picada de Goiás. 2017. 320 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, 2017.

RIBEIRO, Isaac Cassemiro. **Família e povoamento na Comarca do Rio das Mortes:** Os “Ribeiro da Silva”, fronteira, fortunas e fazendas (Minas Gerais, séculos XVIII e XIX). 2014. 218 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, Departamento de Ciências Sociais, Política e Jurídicas, São João del-Rei: UFSJ, 2014.

RIBEIRO, Isaac Cassemiro. Caminhos da Fortuna: mineração e agropecuária – um estudo de caso, comarca do Rio das Mortes, MG (1730-1777). In: SEMINÁRIO SOBRE ECONOMIA MINEIRA, 17., 2016, Diamantina. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2016. v. 3. p. 258-278.

SANTIAGO, Marcus. Antônia Geralda Santiago (Tonha da Percília). **Boletim Sabores e Saberes**, São Tiago, n. 113, v. 142, p. 3, jul. 2019.

SANTOS, Elizabeth Marcia. **Resistência escrava:** as fugas de escravos na Comarca do Rio das Mortes 1871-1888. 2020. 173 f. Dissertação (Mestrado em História) – PGHIS/UFSJ, São João del-Rei. 2020.

VERNANT, J. P. **Mito e pensamento entre os gregos.** 2. ed. Trad. Haiganush Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VIEGAS, Augusto das Chagas. **Notícia histórica do Município de São Tiago.** Belo Horizonte: Imprensa oficial, 1972.

## NOTA EXPLICATIVA

As páginas seguintes são transcrições dos manuscritos do Sr. Carlos Silva. Ao transcrevê-los, optamos pela correção ortográfica, de acordo com as normas vigentes. Procuramos respeitar a paginação das folhas, conforme estavam enumeradas no manuscrito. Para evitar cortes de frases, decidimos antecipar o recorte ou mudar a sequência, considerando o tópico frasal como um todo e também buscando interferir o mínimo na organização original. Desse modo, o leitor ou pesquisador que desejar consultar os documentos originais não terão maiores dificuldades para localizar-se nos escritos. As citações de trechos dos manuscritos feitas no texto seguirão a numeração adotada por nós. Esclarece-se, ainda, que as palavras que não conseguimos ler foram substituídas pela palavra *ilegível* entre parênteses. Já aquelas que tivemos dúvidas foram colocadas entre parênteses.

## ANEXO A - AS TRÊS MORTAS, DE CARLOS SILVA<sup>150</sup>

### Fl. 13

[...] merecer rasgados elogios do “Coronel”, que exultava de contentamento com o resultado obtido.

Evidentemente, (é) do relato feito por meu avô, em que, por ele, o Papai tivera conhecimento da morosidade de seus negócios com “déficit” de ano para ano. Deveria ser mesmo, com grande (ilegível) de sua parte, poder constatar a grande diferença nas colheitas e disciplina impressa ao pessoal.

De fato, era outro o espetáculo observado!

E os próprios cativos, libertos do marasmo e velho torpor, eram como que a imagem viva do valor em evidência. Pareciam exultar-se no regozijo de seus chefes e igualmente se beneficiavam daquela fartura e abundância...

## VI

Num crescente de sadio entusiasmo, aumentava, de ano para ano, a safra de seus canaviais, a lavoura preferida pelos donos e da predileção dos cativos, porque aí podiam fartar-se, à vontade, do grosso melado e emborcarem o seu cuitê de cachaça, nunca, porém, a ponto de se tornarem “pau d’água”.

### Fl. 14,

De modo que, noite e dia, gemiam as moendas de cilindro de seu colossal engenho para darem saída aos amontoados de cana transportada dos canaviais pelos antigos e sempre reforçados carros de boi, sob a guiada do carreiro cativo, cantarolando a meia voz, a modinha tediosa que aprendera com seu velho parceiro...

Enquanto isso, as negrinhas nédias e lindas, sobraçavam grandes lenções de açúcar, arrancando as formas, e estendiam-nos sobre o estendal imenso de taquaras, adrede preparado por pai João, o mais antigo prior daquele rancho!

Eram, como que enxames de formigas, aos quais vinham juntar-se algumas tanajuras, nas pessoas de algumas pretas velhas e equi-disformes. Nesse afã, elas se arrevesavam, nunca, porém, afastando-se do cuidado de massacrar e revolver devidamente o açúcar aberto ao sol do meio-dia.

### Fl. 15

Era justo que alguns quilos se perdessem na deglutição daquela gente laboriosa... Os negrinhos, para “pagar na baía” a ração dos mangas-largas que os havia e até premiados no concurso antigo Johei (e quem o diria serem preciosos anos mais tarde, para que um seu neto viesse a adotar a criação do filho do puro sangue (ilegível) como meio de levantamento do tipo do cavalo nacional para a cavalaria do Exército, mediante o empréstimo do ganhão do psi pelo governo do país?) Como intermediário, vimos aí o Remonta de MB Benfica mandar-nos tenente veterinário Thyrsó, que, registrando os nossos animais, se fez acompanhar do sargento Christiano. Obtivemos o empréstimo do belo ganhão X Raio, com 1m 70 de altura, em 24/12/1933.

<sup>150</sup> Transcrição do que restou do manuscrito de *As três mortas*, de Carlos Silva.

As negrinhas, entretanto, estavam sempre sob o olho vigilante de mãe Joanna, de inteira confiança de S. Velha (quem sabe se não fora esta preta a felizarda mãe de Graciana, a dedicada e insubstituível mucama de mamãe, da qual já fizera eu referências, quando tratei de meu natalício e que me (ilegível) a mim e minha irmã a pia batismal).

Bastava ocorrer alguma reviravolta no tempo, (ilegível) as novamente a recolher a preciosa carga.

#### **Fl. 16**

### **VII**

Para poder se aquilatar a beleza desses serviços, é preciso que se tenha em vista terem sido eles feitos ao tempo em que a Fazenda do Engenho, no seu caráter duplo de duas fazendas em um só curral, era como que duas irmãs caminhando de mãos dadas, na maior intimidade e na mais invejável harmonia, alimentando-se mutuamente do mesmo sentimento, voltadas para o mesmo ideal de progresso, de concórdia e de amor!

Em uma delas, no “arranha-céus”, ao qual subia-se por uma escadaria, trabalho antigo e bem feito e era de fato um magnífico sobrado, moravam meus avós, tendo sido aí o berço e mais tarde o álamo nupcial de mamãe. A outra, que ficava em frente e a pouca distância, pertencia a Cândido Coelho dos Santos, casado em primeiras e segundas núpcias, com duas de minhas tias, com as quais criou numerosa família.

A perfeita inteligência e mútua diferença que (ilegível) causavam pasmo a todos que as conheciam!

#### **Fl. 17**

Na ermida da fazenda, celebravam-se missas, as quais eram ouvidas pela vizinhança, que corria satisfeita a privar-se mais uma vez com aquela boa gente.

Esse costume chegou até nós, que viemos tão depois e que, contudo, pudemos testemunhá-lo.

Havendo sido os moradores de ambas as casas amicíssimos, não o foram igualmente os seus molossos, sentinelas avançadas daquelas fortalezas. Ao contrário, contam ter sido ferrenhos fígadais inimigos!

Com os donos, entretanto, tudo era bem-diverso e podiam, com justiça, ser apontados como modelo de discrição e rara tolerância.

### **VIII**

Entretanto, o bom do velho sentia-se abatido vendo-se a família, muito em breve despojada do seu chefe querido, que ia nos braços da noite repousar das grandes fadigas desta vida (ilegível). Não tive a ventura de conhecer esse avô, mas sempre ouvi as melhores e mais elogiosas referências a seu respeito.

#### **Fl. 18**

Recentemente, para apresentar uma opinião insuspeita, o meu tio Eusébio Ribeiro, tão distanciado da família pela zona afastada que escolhera e que passara a residir, me falara que Francisco Mendes de Almeida parecia trazer nas veias sangue de fidalgo.

Não se enganara Gabriel Mendes de Almeida, um seu irmão chegara a senador do império; e um outro, José Mendes, também seu irmão, fora por muitos anos pároco em São Tiago.

Ao contrário do que acontecia com os grandes senhores feudais, meu avô, que era possuidor de algumas das melhores fazendas do município, possuindo para mais de mil alqueires de terra, era tido, felizmente, como um virtuoso chefe de família e honrado cumpridor de seus deveres sociais.

Quando da sua morte, lá pelas voltas de 77, (faltam linhas na folha não permitindo o término do assunto).

Vovó, a residir em companhia de um dos filhos, deu-se então a retirada de meus pais, que passaram a morar no antigo Retiro, acompanhados por escravos fiéis e dedicados!

## Fl. 19

### IX

Foi aí, sem dúvida, nesse recanto bendito, que eu e meus irmãos vimos o clarão do sol primeiro! E foi aí, igualmente, que mais tarde, me tornei pai de numerosa e adorada família, que a Providência me confiara!

Só depois de passados quatorze anos de casada, teve Mamãe o seu primeiro filho o qual morreria apenas nascido! Não lograva ela, naquela época, boa saúde. Aliás, esse acontecimento veio a contribuir para um prematuro encanecimento por parte de Papai, que tomava muito a sério os achaques de sua amada consorte.

Acentuara-se, porém, aos poucos, a sua melhora e, com ela, a maternidade triunfara, voltando-se papai mui confiantemente a desenvolver o seu ramo profissional, desdobrando a sua atividade.

## Fl. 20

Montou máquinas agrárias, cuidou do cafeeiro, dilatou os seus domínios, viu-se pai de numerosa família; metódico e sempre positivo, teve, contudo, de atravessar uma outra época bastante aguda.

Com a morte de sua mãe, Anna Cândida de Rezende, viu-se à frente dos negócios de seu pai, cujo inventário teve de promover. E não lhe traria isso maior dissabor se a sua estrela o não houvesse levado a dar procuração a um rábula desconhecido e inescrupuloso, para tratar devidamente da partilha dos bens deixados por minha avó.

As constantes contas acrescidas que lhe eram frequentemente enviadas pelo referido advogado, num inventário interminável, molestaram-lhe de muito os seus ágeis (falta linha no xerox). Vimo-lo afirmar, algumas vezes, que, ante a citação do seu nome, os negros temiam, e hoje ele é que se punha a tremer ante a letra de um...

## Fl. 21

Entretanto, como não há mal que sempre dure, veio-lhe ao encontro um grande amigo, na pessoa de seu sobrinho Francisco Mendes de Rezende, culto e inteligente, agente executivo de Rezende Costa, que impusera ao rábula explorador a obrigação de dar-lhe o recibo de quitação.

Foi um desabafo, e as coisas seguiram curso tranquilo se não se tivessem vistos quase constrangidos, por vizinhos abastados e ambiciosos, a terem de deixar o seu teto amigo, o que não se deu, entretanto, por uma boa fortuna de nossa parte.

Parte dos terrenos da fazenda onde moravam meus pais pertencia ao vovô, e, sendo o Papai comprador, não o poderia fazer diretamente, por não lhe permitir a lei, a não ser em praça pública. Daí, todo o receio dos grandes concorrentes, que, segundo notícias, deviam aparecer e poderosos. Aflita, Mamãe, às vezes, punha-se a exclamar: o que vale é que arrumarei a minha trouxa e dali não sairei. Era a outra margem que defronta a fazenda e que já lhe pertencia. Não se deu tal. Em breve, tudo passara a pertencer a meus pais.

## Fl. 22

### X

Já agora, num novo ambiente, desfrutando o bem-estar de sua independência, puderam encarar com prazer a obrigação de mandar os filhos ao colégio, porque, naquela época, já estávamos crescidinhos. Confeccionando os nossos ternos, a amorosa Mamãe já pensava na dificuldade que viria encontrar separando-se dos filhos amados. (ilegível) tivemos de seguir para o educandário São Luiz, em Mama-rosa, sob diretoria do Padre (falta uma linha) Colégios Salesianos, de D. Bosco.

## Fl. 23

Muito conceituado naqueles tempos, o colégio recebia alunos de toda parte.

Atraídas pela justa fama de seu clima e pelas águas jorradadas do cimo da colina e projetadas pela boca do leão de cimento armado, trabalho manual do diretor, famílias cariocas ali vinham ter consentindo que seus filhos fizessem o curso primário no estabelecimento.

Eram vistas, ali, crianças de toda a parte, na melhor e mais comunicativa alegria e boa disciplina a brincarem no recreio “barras pegadeiras”, “barra manteiga”, “jogo de pelotas”, “vinte e um”, futebol nas suas divisões de “menores”, “médios” e de “maiores”. O diretor animava, às vezes, esses brinquedos com os seus saltos de acrobata!

Recordo-me, com saudades, desses tempos e de alguns colegas!

## Fl. 24

Cícero de Sá Lobato, bem como seus dois irmãos Carlos e José Lobato, nosso cabelereiro da cidade de Oliveira. De São João, por exemplo, foram meus colegas Victor Bello e (ilegível) José Lopes Sobrinho, atual escrivão no cartório dali, saíra pouco antes e fora colega de meu irmão José Augusto, apelidado ali o “Juca Gordo”, tendo este frequentado o colégio quatro anos, enquanto que eu e meu mano João Baptista por lá estivemos apenas seis meses.

E quantos outros colegas, alguns entre os quais, depois de haverem constituído família, já não existem! (ilegível) Gentil José de Sousa, Jesus Archanjo e seu irmão José Flávio desapareceram tão moços do cenário da vida...

Em Santa Rita, vemos ainda: Salomão José Archanjo, Altivo e Tiburcinho, cheios de vida, em brilhante atuação! Deste último, era pai um fabricante de

vinho,<sup>151</sup> com quem o diretor negociava anualmente uma boa porção dessa preciosa bebida, que lhe era levada ali pelo vendedor. O padre, de quando em vez, levava a beber no escritório à noite, como se deu de uma feita comigo e meu irmão, por nímia gentileza do diretor, do qual ouvimos muita referência elogiosa “à velha amizade” que o prendia a Papai. E ele não se enganara, porque, realmente, meus pais muito o distinguiam.

### **Fl. 25**

Deu-se, entretanto, um incidente provocado por nós, que ansiávamos ardentemente pelo regresso à fazenda. Sabedores de que os exames concluiriam em fins de novembro, endereçamos a casa um pedido de condução para o dia vinte e oito, quando a verdade é que só obteríamos licença para o fazer em trinta, dia escolhido para a entrega dos diplomas.

Com surpresa do diretor, eis que o Papai nos foi buscar naquela antecedência.

E o Papai não era homem para grandes delongas. Ao avistá-lo, o diretor impugnou, ameaçando-nos de não consentir nossa vinda, e, do contrário, não nos daria os diplomas!

### **Fl. 26**

Pouco se nos importava a nós recebê-los ou não. De resto, pusemo-nos em marcha, na tarde desse dia, em demanda à fazenda, onde a Mamãe, à nossa espera, extravasava-se no seu afeto e na sua ternura.

Vimo-nos alvos de tamanhos carinhos como jamais havíamos deparado na vida!

Teve-nos, por muito tempo, suspensos nos seus braços e cumulou-nos de doces carinhos, contando-nos episódios interessantes ocorridos durante a nossa ausência. Havia passado por São Tiago missionários redentoristas, com os quais aprendera ela este lindo cântico: “Minha fê de cristão no Batismo” etc. pondo-se, em seguida, a cantá-lo para nós. E quantas outras demonstrações de seu extravasante afeto recebemos por aquela ocasião!

Havia, nisso tudo, um dedo misterioso do destino e tão perto estava já o término de sua carreira gloriosa aqui na Terra! Era a Mamãe um espírito eminentemente voltado para as causas do céu e só os que não se privaram com ela poderão duvidar da exatidão dessa verdade.

### **Fl. 27**

Confirmaram-na, de sobejo, as lágrimas de tantos indigentes aos quais, na vida, ela tanto beneficiara!

E que dizer de seus íntimos colóquios com o bom Deus, no decorrer dos quais banhava-se nas lágrimas de verdadeira compunção.

Alimentava sempre o seu espírito com as leituras amenas dos salesianos e outros livros recomendados pelo clero.

Ao contrário dos costumes de hoje, em que as matronas, no desempenho de seus serviços caseiros, o fazem cantarolando canções e sambas carnavalescos,

---

<sup>151</sup> Nesta passagem, Sr. Carlos se refere ao colega José Tibúrcio da Silva, filho de pai homônimo, que, por sua vez, era fabricante de vinhos e membro da Sociedade de Viticultores. José Tibúrcio da Silva foi o primeiro filho do casal José Tibúrcio da Silva e Maria da Conceição e Silva. Nasceu em 30 de outubro de 1894, era casado com uma senhora por nome Amélia. Exercia a profissão de dentista prático e sempre viveu no Arraial de Santa Rita do Rio Abaixo até o ano de seu falecimento, em 1952. Informações fornecidas pelo Padre Thomas Andrade Gimenez Dias, de Santa Rita do Rio Abaixo e sobrinho-bisneto do José Tibúrcio.

ela, qual cigarra, deleitava constantemente a família com sua voz de eleição, repetindo este ou outro dos muitos cânticos sacros, de que ela possuía inúmeros. Cantava com sentimento e com alma. Ao terminar o seu canto, banhavam-se lhe os olhos nas lágrimas de seu afeto.

#### **Fl. 28**

Um filho que se despertasse e caísse na labuta quotidiana, sem que primeiro houvesse rezado as orações da manhã, era logo chamado à ordem! E o catecismo ali na ponta da língua...

Ninguém a tomasse por muito mansa, não, era enérgica, de uma energia construtora! Eu, como muito malandro que fui, encontrei sempre, por esse lado, um formidável obstáculo, direi mesmo intransponível. Contudo, boas diferenças eu tivera. Omito-as para não me parecer garboso. Ademais, eu fui o pajem de Antoniquinho, quando já contava eu os meus oito anos, e era ele o caçula da família.

Era justo que estivesse sempre junto de Mamãe e daí participar ora de suas blandícias e, às vezes, ter de me submeter a uma surra daquelas de que me lembro ainda... e que era, para outra vez, não cair em outra!

#### **Fl. 29**

Os outros irmãos, bem mais ajuizados, não deram a Mamãe esse trabalho.

Como disse acima, o seu espírito integrado nas causas do céu jamais consentiu ela regressar das festas sem que primeiro se aproximasse da mesa eucarística! Tão somente o fazia, como nos obrigava a fazer igualmente.

E Deus a recompensou, porque, na manhã do dia fatídico de sua morte inesperada, em ótima disposição de espírito e saúde, pelo menos aparentemente, foi a igreja, ouviu a missa, comungando no correr da qual, e, voltando a casa, distribuiu, com os seus pobres costumeiros, a sobra dos víveres que levava e, despedindo-se das pessoas de sua relação, deixou o arraial, para vir ser arrebatada à vida pela morte, da maneira aí descrita, confirmando, mais uma vez, aquela parábola: “Quem na saúde me procura não o abandonarei no seu infortúnio” ou, melhor ainda, “Eu sou o caminho, a verdade e a vida!” Oh, Deus! Que nos escusos caminhos da vida tão bem norteias o teu servo!

#### **Fl. 30**

Aceita, querida mamãe, lá do céu, onde há tantos anos já te encontras, este preito singelo, como a mais legítima demonstração do afeto filial, de quem ainda te pede a bênção ...

Saudade de Zélia, 21-1-1934

Carlos Silva

#### **Fl. 31**

À saudosa Mandica, escrito alguns dias após o seu sepultamento.

### **I**

Meu Deus, quando foi que eu pensara que tão cedo houvesse de perder o santo, doce e meigo convívio de minha cara e inigualável Mandica, quando tão florido e próspero era o laço de amor, que, qual seiva bendita, alimentava a nossa existência;

ainda, por assim dizer, em pleno desabrochar, em odor de serenidade e repleta do bafejo celestial que gera, na alma dos bem-casados, a santa ambição de só viverem na compreensão mútua dos deveres oriundos de seu estado, tendo como escopo primordial o bem-servir a Deus e conquistando para sua família posição de descendência em meio a uma sociedade conhecida e portadora dos mesmos nobres predicados!

Quando, meu Deus, repito, ainda imaginara privar-me do alento dessa magnânima criatura, que se chamou Hormandina Mello e Silva, a cujo carinho tanto me habituara e do qual jamais quisera prescindir-me para toda a minha então bem-fadada existência.

### **Fl. 32**

Cheio de tenros e bem-amados filhinhos, aos 35 anos de minha idade, tendo apenas decorrido cerca de 15 anos de casado, vi-te partir, esposa bendita, silenciosa e imponente, com o teu hábito da pulcra Mãe do Carmo, descansada no teu bonito caixão de veludo; e invejoso, não pude, desta vez, acompanhar-te como dantes, porque não era digno de tão linda morte.

Sublime, no transcorrer de tua curta e mimosa existência, em que, dentro do teu lar saudoso, foste o hino mais bendito que a harpa da natureza desferira, uma verdadeira emanação de Deus, para orgulho meu e de nossos filhinhos, que nem bem chorar-te sabemos!...

Santa o foste e os és! Santa para o teu esposo, que se ajoelha em espírito ante a tua suave recordação!... Santa para os mimosos filhinhos que deste a Deus! E, finalmente, santa para tua querida mãe, que te chora ainda!

### **Fl. 33**

Dias já se decorreram desde que voaste à nobre pátria dos eleitos. No entanto, mais negra e tétrica se me apresenta a noite imensa de nossa separação!

Ai de mim! Se me não ampara o baluarte da fé, que me aponta deveres indeclináveis a cumprir, lobrigando, além, a felicidade de nos unirmos de novo, transudando a alegria dos bem-aventurados que contemplam a Deus!

Mas hah! Até que isso se dê!... O que me resta viúvo de teus carinhos, imerso na solidão de meu isolamento, no qual não bruxuleia mais o saudoso crepúsculo do lindo e cáldido sol de teus olhares, dos quais me acostumei a tirar o necessário estímulo para a vida, quanto terei de sofrer o acabrunhamento dessa ânsia e mágoa que me devoram!

Tu gozas da beatífica presença de Deus... Afortunada que és, mas não te esqueças de que te tornaste o nosso anjo tutelar, a nossa medianeira entre a boa Mãe do Rosário e o sólio de Deus Todo Poderoso.

### **Fl. 34**

Decantei-te os méritos de esposa sem igual, com o ardor e a sinceridade de um feliz marido esposo, mal sabendo que tanta delícia e gáudio entravam já no entardecer da vida, na fugace passagem de uma sombra! Morreste, criatura de meus braços, mimo de carinho e de amor, deixando o luminoso rastro em cada filho, que será digno, cada qual, da bela mãe que tanto choram...

Partiste numa aluvião de bênção e de saudade; e o crepe que nos envolve o corpo e a alma atesta, de sobejo, o caos horrendo e sensível em que nos abismamos todos em busca de um lenitivo a tanta mágoa!

Procuro-te em vão por toda a casa, e o meu espírito segue-te no decorrer do dia e da noite, na louca preocupação de um novo encontro, em que volver pudesse ao antigo gozo e em que a minha alma recobrar pudesse toda a força como já outras vezes sucedera, bebendo eu, gota a gota, toda a delícia de teu santo e doce influxo!

### **Fl. 35**

Ah! Tempos benditos, benditos tempos que se foram e que não voltam, tempos de riso e de ventura, quando o sol de minha felicidade rebrilhava o dia inteiro, ao perpassar da doce e fagueira brisa, ferindo a música eólia dos amores!

Como eu era ditoso nesses tempos, aos quais quisera transporta-me agora e sentir, religiosamente, o palpitar de teu terno e imenso coração, oh minha esposa! Choro-te em vão, oh minha esposa. E hei de chorar-te a vida inteira... embora, no céu, como justo, gozas, de nosso Deus, a presença majestosa, ainda assim, conforta-me chorar-te e hei de bem chorar-te sempre... Pois que, nisso, algo de salutar a minha alma encontra!...

No delírio em que me encontro, ansioso para que me apareças, e tu me foges, impiedosamente, como se eu é que fora a esfinge.

Não dizem os livros da volta dos espíritos, e por que então não me apareces?

### **Fl. 36**

Mas, não! Tu me tens aparecido em sonhos! E quantos sonhos lindos tu me hás feito sonhar! Se até em sonhos te encontrei comendo um bolo, e tu me ofereceste, contando-me as belezas do céu!...

Tudo delírio, talvez, desta minha febril e exaltada imaginação!

Dizem por aí que já estou doido, e é bem possível que o acertem, se me não amparar tua prece...

Lembra-te do compromisso que assumiste de não nos deixares em abandono!

E Deus te pagará!

E a medalha de N. S. do Rosário que te dei, chorando para acompanhar-te em meu lugar? Ainda a conservas com o mesmo afeto?!... A do Coração de Jesus que tu mesma, com as tuas lindas mãos, colocaste em meu pescoço ainda a tenho junto a mim e conservá-la-ei até que te possa restituir um dia aos pés de Deus! Sim?

### **Fl. 37**

O Jackson, o nosso Jacksonzinho, que tu deixaste tão pequeno e que não tiveste a alegria de poder amamentá-lo como aos outros, vai se criando orfãozinho de teu carinho. Criá-lo, contudo, espero em Deus, sob a fulguração de teu espírito.

Querem-me muito mal por aí, por não o ter dado para os outros. O que jamais farei! São nossos os oito que cá ficaram e, estou certo, irão se criar sadios e bons, porque banharam-se em tua bondade, tu que lhes foste Mãe!

## **II**

As páginas do capítulo precedente foram escritas logo após o sepultamento de minha amada consorte, e são elas produto de um espírito delirante, num físico com grande tensão nervosa, mas que retratam fielmente o sentimento de que me havia possuído.

### Fl. 38

Por aqueles tempos, tornaram-se me necessários alguns meses para me libertar, em parte, de tais excessos de sentimentalismo, e necessário, igualmente, se me tornaram orações e uma grande concentração do meu poder de vontade na reconquista de meu antigo bem-estar!

Bem haja ao Eminentíssimo D. Cabral, que me encorajara com sua palavra ungida de fé e santidade!

É intento meu rememorar episódios íntimos, num fito de sinceridade, ocorridos entre mim e essa criatura privilegiada, com a qual me associara e que merecera tal preponderância no meu destino, gravando-os para poder legá-los aos meus filhos, como presente patético e de um sabor todo especial. De resto, sendo este livro escrito para a minha família, move-me o desejo de o fazer sem preocupação, valendo-me de pequeninos incidentes, às vezes, para alimento deste escopo.

### Fl. 39

Além de tudo, remove-me cá dentro uma veia de escrevinhador, impelindo-me a pretextar motivos com os quais encontro (ilegível) de satisfazer essa inclinação. Aos que me lerem, entretanto, julgo-me na obrigação de dizer serem nulos os meus conhecimentos em vernáculo, não se tendo ultrapassado mesmo dois anos incompletos a minha frequência às aulas, em colégio com intervalos de seis meses de afastamento, voltando eu, aos quatorze anos, para colocar-me à frente de um movimento em que, até hoje, aos quarenta, ainda me conservo.

E não é ele dos mais próprios a acoroçoar o homem na arena das pugnas intelectuais. Tenho sido, e devo dizê-lo sem reboço, um retireiro, em cujo mister já me habituara para uma estrondosa aposentadoria!

### Fl. 40

E, todavia, não espero aposentar-me jamais... Eu me explico: no desdobrar dos tempos, a vida tende a oferecer-nos maiores compromissos, enquanto que, por outro lado, se veem, no noticiário do intercâmbio comercial, notícias apavorantes, num entrechoques de ideias e de tudo.

Como é que um pobre mortal, que labuta, às vezes, contra a corrente de um vento adverso, pode sonhar sonhos libertadores! Gabo-me, entretanto, quando retrocedo a vista e encaro a guinchalhada branca e líquida da ordenha, arrancada por mim a milhares de leiteiras, no perpassar de minha vida ativa e laboriosa.

E um sentimento íntimo me sacode todo nas asas emotivas de ação de graças a Deus, que me tem ajudado a trabalhar e, com esse trabalho, prover a vida. Graças, pois, vos sejam rendidas, oh! Meu Deus, que me tendes conservado forte para as lutas!

### Fl. 41

## III

Foi num dia de riso e de festas, na poética S. João d'El Rey, a formosa odalisca que abre as portas às regiões do sul de Minas, momentos depois que saíramos da igreja, onde se festejava solenemente a N. S. das Mercês, com a alma nimbada de unção e fé, dirigimo-nos, eu, meu irmão e o Luccas, o nosso velho Luccas de

tia Camilla, para a casa nº 39, na rua Rezende Costa, em visita à família Mello, a quem, até então, não tivera a satisfação de conhecer.

E fora aí que te vi pela vez primeira, santa e inesquecível Mandica!

Parecias feita pedacinho de minh'alma!

A conformidade de teu gentil porte e um não sei quê de garota travessa casaram-se em tamanha harmonia com o meu modo de querer apreciar as cousas ...

#### **Fl. 42**

Eu era mocinho, então fugido do Colégio Chantal e aí em curta permanência, preparando um bom terninho para ir ao casamento de Papai com D. Olympia, em Conceição da Barra, a realizar-se logo após, em 12-10-1907. Até hoje não me desculpo da falta em que me incorrera de ti não haver convidado, a ti e tua família, para ides assisti-lo. Que lindo não seria!...

Entretanto, nos momentos de minha curta visita a tua família, não me fartei de apreciar a suave e gentil maneira de ter sorte...

Todavia, quatro anos se passaram, tornando-nos desconhecidos: tu, nos teus estudos, avolumavas para a vida e esbanjavas, com as tuas fugidas às aulas, na companhia de amiguinhas sapecas, um precioso tempo para os teus conhecimentos!

Era fértil em subterfúgios e encontravas sempre maiores entraves na vigilância de irmã Germania, com quem, de resto, (anhas) por vezes de acertar contas... tu mesma me contaste, e, ainda bem me lembro! Em teatrinhos fizeste os teus recites e representaste no palco a personagem de algum drama. E como deverias sair-te bem.

#### **Fl. 43**

Se tu, Mandica, na sala, como na leitura, no bordado, como no canto, tão bem exercias o teu papel! Onde não tinhas igual e sobressaía incontestavelmente foi quando, mais tarde, te vi no carinho maternal, cuidando de nossa filhinha!...

Oh! Aí, lembravas-me o drama estupendo da gruta de Belém, em que Maria sorria a seu divino Infante! Mandica, são tantas e tão suaves as impressões que guardo e guardarei de ti, que, só por isso, deves achar-te altamente recompensada no céu...

### **IV**

O tempo, no seu transcurso imutável, parecia combinar planos, valendo-se de fatores, às vezes bem-naturais e de aparências banalíssimas, para dar-nos novamente ensejo de nos revermos, firmando, destarte, o nosso mútuo conhecimento, e daí brotando a íntima convicção de que, de fato, éramos duas criaturas, naturalmente tendentes a cederem a um império de irresistível aproximação, como se poderá concluir no decorrer dessa fiel narrativa.

#### **Fl. 44**

Corria o mês de maio de 1911.

Uma oblação pairava em torno de um assunto momentoso e de alta significação em nosso meio social.

Comentava-se animadamente a (ilegível) apoteose que seria feita em regozijo ao enlace de João Pereira Santiago, quase septuagenário, com a senhorinha Mari-

quinha Resende, a realizar-se a 8 de maio daquele ano<sup>152</sup>. Não era, porém, a festa no dia do enlace. Esse já tinha realizado há dias e representava uma estupenda vitória para os noivos, que se viram preteridos e tiveram antes de derrotar formal oposição, movida contra os mesmos, pelo pai da noiva.

Passada, porém, a ressaca de tal intempestiva oposição, os noivos, constantes e morosos, puderam então deslizar o seu batel nas águas azuis e tranquilas do mar de seus amores.

#### Fl. 45

Daí o formoso e oxigenado ambiente que se abriu, mesmo aos amigos dessa ilustre família, pela concorrida e seleta convivência de que iam partilhar!

Viu-se o povo de uma grande zona ali reunir-se, ovacionando o par jocoso, que ia desfrutar, agora, as belezas do lar, em festa com os amigos.

A tarde e a noite daquele dia transcorreram animadíssimas. Diversos oradores enaltecera a significação daquele momento e puseram bem em evidência os predicados morais dos recém-casados.

Músicas escolhidas animam o recinto, entrechocando-se os copos espumantes de cerveja no meio a um vozerio ensurdecedor.

Diversas mesas eram lautamente servidas aos alegres comensais, cada qual mais palrador. No auge de geral contentamento, vimos o nosso gaiato e virtuoso Pe. Duque empunhar um bombardino, solando uma peça que aprendera quando no seminário!

#### Fl. 46

Palmas prolongadas aplaudiram o sucesso, e o Pe., com ar de grande cômico, disse: “Oh! Vocês gostaram, pois então eu toco mais!” E tocara. Nós, os que não havíamos jantado ainda, esperávamos a nossa vez e já nos inscrevêramos para a segunda série e, com as mãos desempicidas, engrossávamos as palmas...

Até aí, minha atenção vagava sem apoio e perdia-se naquele labirinto!

Deliberei prendê-la e julgar melhor o mundo feminino com que me defrontava, visto não o ter olhado senão quase de soslaio.

152 Sobre os casamentos do Sr. João Pereira Santiago veja breve relato. Sua primeira esposa se chamava Maria Pulcena de Resende, com quem teve dois filhos: José Pereira Santiago (que se casou com D. Josina Maria dos Reis) e Maria Cristina Resende (D. Cotinha), que se casou com seu Sabino de Resende. Tendo se enviado jovem, casou-se pela segunda vez. Dessa vez, a escolhida fora sua cunhada Mecias Cândida de Resende, com quem teve onze filhos, a saber: Carlos Pereira, que se casou com Balbina da Mata Santiago; Augusto Pereira Santiago, que se casou com Venância de Alencar Resende; Francisco Avelino Santiago, que se casou com D. Angelina Santiago (filha do Sr. José Severino Gabé, que era irmão do Capitão); João de Deus Santiago faleceu solteiro e teve um filho com a empregada de seu pai, que se chamava Augusta; Henrique Pereira Santiago, que se casou com Adélia da Mata Santiago; José Pereira Santiago (Juca Pereira), que desposou Laura Resende — com o falecimento de D. Laura, o Sr. Juca Pereira casou-se novamente com a filha do Sr. Henrique Barcelos, Maria, (com o apelido de Mulata) —; Carmelina Pereira Santiago, que se casou com Antonio Morel de Campos Lara; Amélia Cândida de Resende (Melica), que se casou com José Ferreira de Resende (Sr. José Custódio); Gabriela (Bela do Sô Pereira) casou-se com João Pereira Sobrinho (filho de José Severino Gabé); Marieta Santiago, que se casou com Hipólito José de Faria; Mecias Santiago, que se casou com João Batista de Sousa (Dico Custódio). No terceiro casamento, desposou a Sra. Maria Luiza de Resende a D. Mariquinha. É a este último casamento, realizado em maio de 1911, que se refere o Sr. Carlos Silva, em suas memórias. O casal teve cinco filhos: José Pereira Santiago (o Pererinha, que foi prefeito da cidade de São Tiago), faleceu sem casar, não deixou filhos; Maria Cristina Santiago (Naná), que se casou com Vicente José Mendes; Alberto Luz Santiago (Beco), que se casou com Valdemira Mendes; José de Alencar Santiago (Dié), que se casou com Odete Mendes dos Santos; Mecias Santiago, que se casou com Antonio Augusto de Almeida (Tonico Vitorino). O Capitão residia na Vila, na Casa da Botica. Era farmacêutico prático. Por um livro chamado *Chernoviz*, manipulava remédio. Tratava pneumonia, qualquer tipo de febre, lancetava tumores e, como não havia dentistas, até dente extraía. Era também parteiro (ele que fez o parto de Conceição, quando nasceu o Padre Tiago Almeida). Para mais informações, ver: BOLETIM SABORES E SABERES. São Tiago: Sicoob, n. 13, v. 147, dez. 2019.

Estava certo de que iria deparar ali duas garotas de longe, capazes de fazer o coração da gente pitorra, e da alma, peteca, como bem disse o imortal Macedo...  
Desejei conhecê-las, eu que já as devia ter conhecido àquela hora!

#### **Fl. 47**

Esforcei-me por descobri-las em meio à multidão. A primeira, via logo, uma interessante moreninha, muito viva e declamadora nos viera de longe, de Araguari, parecidíssima com a Carolina de Augusto.

Mais um esforço e eis que consigo avistar a outra, que se divertia levando à boca colheradas daquela apetitosa sopa.

E, quem o diria, eras tu Mandica, a que, naquele momento, me parecera pálida e, por conseguinte, feia!

Em pouco me informaram de que eras uma sanjoanense, irmã de Maria dos Anjos, pertencente ao nosso meio social.

Quão longe estava eu de supor que tu eras aquela menina tão interessante que me impressionara quando fui a tua cidade. Findo o jantar, que se prolongou até bem tarde da noite, pelo grande número de convidados, deu-se início ao animado sarau, utilizando-se de salas e quartos para que todos pudessem se divertir à vontade.

#### **Fl. 48**

Eu, como mau dançarino que era, preferi dançar na sala de dentro, donde se dançava mais despreocupadamente.

Entretanto, pela madrugada, julgando-me convenientemente ensaiado, flanei em direção à sala de fora, onde, nesse momento, reinava certa quietude. Atravessei a sala e, ao assentar-me em frente, deparei com dois lindos olhos voltados para mim, fitando-me da maneira mais cativante deste mundo.

Contente, fitei-os com o mesmo ardor, e, de resto, tomado de vivo interesse pela dona daqueles olhos, descubro aí não já a menina pálida de pouco antes, mas, sim, uma criatura encantadora, pois que a vira agora bem de perto!

Era, sem mais nem menos, a garotinha da casa n° 39, transformada em moça de dezessete anos, com os lindos ademanos de mademoiselle educada.

Momentos depois, muito lampeiro, tendo-a ao meu braço, formalizamo-nos para uma quadrilha.

#### **Fl. 49**

Dançávamos e conversávamos como dois velhos camaradas, cada qual se esforçava por dissipar o retraimento dos namorados que não lograram ainda certa intimidade. Como conservo ainda viva a recordação daquela nossa primeira palestra!

Elevava-se, do assoalho, certa poeira que vinha então ferir a nossa (ilegível). E ela, a minha Mandica, virando-se para mim com ar risonho, disse-me: “Que poeira! Isto até faz tuberculose!” Não lhe contrariei e disse-lhe de minha parte: “É verdade”. E pusemo-nos a dançar alegremente, despreocupadamente. Confesso, entretanto, que, ao ouvi-la pronunciar a palavra tuberculose, achei-lhe infinita graça, porque ela a pronunciara com um bonito metal de voz e de um modo um tanto dramático.

Continuando a dançar cada vez mais, eu me sentia elevado e atraído por essa criatura, singularmente graciosa e sedutora!

## Fl. 50

E hoje, às vezes, eu me ponho a pensar: no primeiro momento em que a vi ao meu lado, possuído de grande júbilo, ouvi-a pronunciar a palavra tuberculose e lhe achei graça, tal a maneira por que ela a dissera e estava tão longe de imaginar que essa gentil menina me haveria de ser um dia arrebatada dos braços não como dançarina, mas como a mais devotada e santa das esposas, pelo traiçoeiro de mortífero vírus da tuberculose! Tuberculose! Palavra cabalística, que leva à orfandade e à viuvez o santuário de uma família.

## V

Em mil novecentos e onze, eu me ufanava de tuas predileções a meu respeito. Que lasso enorme de tempo, contudo, eu tivera de transpor para que houvesse de ser definitivamente minha! Aluna do Colégio N. S. das Dores em mil novecentos e doze, só no fim desse ano, deixaste o colégio e passaste a lecionar, por algum tempo, para as crianças da Colônia José Theodoro, forçando-te a grande caminhada em dias de aula.

## Fl. 51

Por aqueles tempos, fizeste o teu primeiro passeio à capital do país, em companhia de uma de tuas primas casada com um oficial do exército. Por lá, demoraste apenas dois meses, por se ter abalado, naquele clima, a tua saúde.

Recordo-me ainda do incidente que me contaste e que se deu contigo em véspera de teu regresso para Minas.

De passeio com tuas companheiras, à tarde, na avenida Beira-Mar, na falta de uma bolsinha comumente usada, colocaste um envelope contendo algum dinheiro dentro de tua sombrinha, certa de que a trarias com grande cuidado ao voltares. Porém, em casa, à noite, notaste que o havias perdido! Aflita, tiveste, contudo, de esperar a manhã do dia seguinte para tomares as tuas providências.

## Fl. 52

Valeu-te muito esse teu parente que se prontificou a ir muito cedo à avenida, no momento em que o lixeiro fazia o asseio daquela praça, e, com tamanha sorte de tua parte, fora ali encontrado o envelope perdido, contendo o dinheiro de que tanto precisavas para o teu regresso! Poucos acreditam nessa tua história...

Após meados do ano de mil novecentos e treze, eras, entretanto, nomeada para reger a cadeira do sexo feminino em S. Tiago, vacante pela professora Luizinha Andrade, que fora transferida para a cidade de Candeias do nosso estado.

De tua posse, só vim a ter conhecimento dias depois, tendo sido o momento muito concorrido, e o teu nome, bastante aclamado, segundo notícias que me chegaram.

Esse acontecimento era, então, inédito na família “Fundo da Mata”, que, sendo tradicional e tão numerosa, não dera ao magistério um de seus filhos. É verdade que, naquela época, dois ilustres descendentes da família perlustravam na vigaria, apontados como ilustrados e virtuosíssimos sacerdotes.

## Fl. 53

Padre João Alexandre<sup>153</sup>, do Cláudio, gozando ali do melhor conceito, e José Parreira, atual bispo de Santos<sup>154</sup>. E fora deste último que recebêramos a bênção de nossos esponsais, sendo ele ainda sacerdote secular.

Como professora, ali te demoraste alguns meses, com grande prejuízo da causa do ensino local, pela escassez de candidatas. Uma antítese de hoje que as há em profusão.

A evolução nesse sentido foi estupenda!

## VI

Entretanto, nos fins de 1913, o povo do arraial de São Tiago agitava-se novamente e se vestia com as melhores pompas de seu afeto, acorrendo em massa na demonstração de seu imenso regozijo para acolher, no seu regaço de volta da grande viagem de peregrinação a Roma papal, seu zeloso e querido guia espiritual, que voltava agora unguído das bênçãos do Santo padre, para, de vez, derramá-las na alma rendida, fiel e devotada de seus amados paroquianos.

## Fl. 54

Desse projeto de tão justa homenagem do povo ao seu amado cura, vim ter conhecimento na antevéspera do dia em que era ali esperado o Revdo., num momento em que eu e o Sr. Braz de Siqueira, pai do referido Pe. José Duque, saboreávamos a polpa deliciosa de algumas jabuticabas! Então, inquiriu-me ele: “Carlos, não vais à chegada de seu Pe. José?” — era assim que ele tratava o filho. — Chegada!!! E por que não?

Não sabia que se cogitasse uma recepção ao Padre, porém, conhecedor de tal seria incapaz, naqueles tempos, de me eximir a um convite daquela natureza.

Sem mais preâmbulo, procurei arrear a única dificuldade que se me delineava na imaginação.

## Fl. 55

E venha ser que, por aquela época, eu estivesse um tanto barganhista, e o animal de que dispunha no momento não passava de um mirrado bucéfalo, capaz de expor-me à mais grotesca figura, se acaso nele eu houvesse de exhibir-me.

153 Monsenhor João Alexandre de Mendonça era natural de São Tiago, onde nasceu em 24 de novembro de 1848. Entrou para o seminário do Caraca em 1873 e seguiu depois para o Seminário Maior São José, da Arquidiocese de Mariana, onde foi ordenado sacerdote em 06/02/1881. No mesmo ano, tomou posse como vigário na paróquia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, de Cláudio-MG, ministério e notável apóstolo a qual exerceu, ininterruptamente, ao longo de 53 anos, até seu falecimento, em 08/11/1934. Ver figura 32. Mais informações em: BOLETIM SABORES E SABERES. São Tiago: Sicoob, n. 4, v. 41, fev. 2011.

154 Dom José Maria Parreira Lara nasceu em Resende Costa, em 3 de junho de 1885. Começou a estudar em Resende Costa, no primeiro colégio da antiga “Villa da Lage”, o “Colégio Resende”, no início do século 20. Passou depois para a escola profissional dos Salesianos, em Cachoeira do Campo, onde foi crismado por um cardeal salesiano, Dom Giovanni Cagliero, de passagem por aquela comunidade salesiana. Daí, passou para o seminário diocesano de Mariana, onde sagrou-se sacerdote pelas mãos do famoso arcebispo Dom Silvério Gomes Pimenta. Em 1915, foi designado para Ponte Nova, onde iniciou a construção da atual igreja matriz de São Sebastião, um dos mais belos templos então levantados em Minas Gerais. Com a criação da diocese de Barra do Pirai, monsenhor Lara foi nomeado seu administrador apostólico pela Santa Sé, em 1923. Em março de 1924, foi nomeado bispo de Manaus, no Amazonas. Não chegou a tomar posse, pois, em outubro, por decisão da Santa Sé, foi designado para assumir o recém-criado bispado de Santos, em São Paulo. Sua sagração como bispo foi realizada em São João del-Rei, em 11/02/1925, pelas mãos de Dom Helvécio Gomes de Oliveira, arcebispo de Mariana. Em Santos, ficou de 1925 a 1934 e dedicou-se aos pobres, com importantes trabalhos pastorais, voltados, sobretudo, para os necessitados, que lhe deram o título de “Bispo da Caridade”. Faleceu em Caratinga, aos 8 de agosto de 1936. Ver figura 33.

Urgia, por conseguinte, pôr-me a coberto dessa dificuldade.

E eu tivera já conhecimento de que, na Fazenda S. Miguel<sup>155</sup>, estava exposto à venda um magnífico garanhão, mas que os compradores julgavam caro e, de certo modo, (ilegível).

Passei por alto sobre essas apreciações e, na manhã do dia 24 de novembro, muito (ilegível) do jocoso do meu cavalgar, lá ia eu, no (ilegível), já agora “Panorama”, engrossar a fileira dos quinhentos cavaleiros que iam ao encontro de seu alvo, na pessoa do Pe., que, àquela hora, pela estrada, “Vigia” já se aproximava.

Presenciamos um espetáculo magnífico dos mais palpitantes a registrar, então, na vida daquele povo!

## Fl. 56

Saudou-o em nome do mesmo povo, num substancioso discurso, apresentando-lhes as boas-vindas o Pe. Aureliano, de Passa-Tempo, havido, então, como dos mais inspirados e cultos oradores de nosso meio.

Entre outras manifestações de regozijo, em que cada qual queria, pessoalmente, levar ao ilustre manifestado o seu abraço cordial e votos de boas-vindas, vimos abrirem-se as igrejas para as ações de graça.

Como era natural, nós, rapazes, findo o protocolo de tais festas, tratamos logo de providenciar um animado baile, no qual pudéssemos rever nossas prediletas e, com elas, levantarmos os doirados castelos de nossos amores.

De fato, organizamo-lo e o tivemos estupendo e magnífico!

E, na manhã do dia seguinte, eu já tinha a impressão de que iria, incontestavelmente, me tornar noivo daquela para qual, cada vez mais, era atraído.

Quis, antes de tudo, prestar as minhas obediências ao Papai, que, naqueles tempos, residia em Rio do Peixe, para onde me transportara, narrando-lhe o ocorrido.

## Fl. 57

Não me foi difícil obter a sua aprovação, porque outras causas ele não desejava que eu fizesse.

Já umas muitas vezes, notava-o apreensivo por me ver residindo só, apenas com um empregado, na fazenda, onde estaria naturalmente exposto às tentações do mundo, de modo que, dispondo agora de plenos poderes para agir à vontade, rendi louvores a Deus e era incansável em suplicar de N. S. do Rosário a sua bênção para mim e para aquela que já considerava minha noiva, embora, só um mês após, é que lhe fizera eu o meu pedido de casamento.

Espírito maledicente, desses que se comprassem nas derrocadas, insinuou à minha eleita que eu, em absoluto, não passava de um conquistador e que não me afogaria em pouca água.

Com essa insinuação malévola, tal pessoa comprazia em lançar, no espírito daquela jovem, o gérmen da desconfiança para início de destruição de um afeto tendente a se enraizar sólida e profundamente.

---

155 A Fazenda São Miguel (Figura 36), coirmã da Fazenda Mato Dentro (Figura 13), estando as duas distanciadas uma da outra por 3 km, pertenceu também a um Ribeiro da Silva. Isaac Cassemiro, em sua dissertação de mestrado, trabalha com a hipótese de que a Fazenda de São Miguel tenha sido fundada por Padre Miguel Ribeiro da Silva, irmão de Luiz Ribeiro. Para melhores informações, ver: RIBEIRO, 2014, p. 68.

### Fl. 58

Saudoso por revê-la, estando eu plenamente autorizado por meu pai, que me concitava até a tratar sem mais delonga desse assunto, para mim tão palpitante, aguardei ansioso, contudo, o Dia de Reis, para ir ao encontro de Mandica e expor-lhe, com muita sinceridade e clareza, o meu sentimento a seu respeito, que outra coisa não era senão solicitar-lhe a mão de esposa.

Qual, porém, não foi a minha surpresa ao depará-la arrufada, sentida e indiferente comigo, que já lhe parecia falso, hipócrita e até injusto!

Santo Deus! — bradei eu. Quando ia julgá-la minha e sempre minha, eis que vou encontrá-la assim mudada!

O que é o que não será? Dizia eu de mim para mim, deixando, às vezes, transparecer a pessoas íntimas a angústia de que já me ia possuindo todo.

### Fl. 59

Seria enorme o abalo que me viria causar aquele inesperado contratempo, cujo efeito funesto e fatal eu teria de aparar no escudo de calculada indiferença, ou ter de me baquear, irrevogavelmente, sob o império de suas consequências.

E eu não era homem que devesse expor, nas rinhas do amor, a dinâmica de minha sensibilidade afetiva, porquanto me conhecia sensível e, quicá, impressionável...

Entretanto, uma outra pessoa compassível e sem senão, a quem Deus pagará, entreviu por acaso, espontaneamente, como um anjo da paz, conseguindo desfazer as malévolas insinuações da outra, com quem, de resto, sempre me avisto e nunca a vejo sem que disso me lembre!

Destarte, na tarde daquele dia, vi-me surpreendido com uma visita da pequena, que vinha, em pessoa, entender-se comigo, relatando-me todo o ocorrido.

### Fl. 60

Surpreendido e já ao corrente de tudo, dei-lhe minha razão pela atitude que tomara, uma vez que, contra mim, pairava a malévola influência do boateiro.

Mas, como prova da sinceridade de meu afeto e pureza de minhas intenções a seu respeito, não me foi difícil fazê-la capacitar-se de que jamais houvera eu pensado ou mesmo dito tal coisa a seu respeito, por isso que era o meu maior almejo tê-la por minha esposa, no que, de resto, toda a minha família se regozijava.

Foi inexprimível mesmo a minha satisfação quando constatei a emoção de que fora possuída, ante a evidência de minha afirmação.

Entre outras considerações, disse-me (ilegível) e amorosa: “Carlos, sempre te consagrei uma afeição irresistível, mas jamais julguei que me houveras de querer por tua esposa. Julgo-me ditosa e espero em Deus sermos felizes!”

### Fl. 61

## VII

Esse drama de amor teve por cenário a conhecida Casa do Pombal, ao tempo que aí residiam D. Nanhá e sua família, a quem Mandica era muito afeiçoada e com quem costumava passar as tardes.

No momento em que eu, carregado na totalidade de meu afeto, lhe falara de meu intento, ela trazia nos braços a minguada figura de Rosália, tenra filhinha de

D. Nhanhá, do seu Neca dentista, fadada a uma prematura orfandade, perdendo sua mãezinha querida logo após. Essa criancinha fora, porém, transferida para o regaço de sua madrinha Maria dos Anjos, irmã de Mandica, a qual, anos depois, morrerá também, passando a interessante criança a residir em companhia de D. Clara Alvim, agente do correio dali, com a qual até hoje ainda se acha, e sendo laureada, recentemente, com o diploma da Escola Normal de Bom-Sucesso e já uma graciosa e prendada Senhorinha.

#### **Fl. 62**

Ia dizendo que Mandica trazia então, nos braços, a minúscula figura de Rosália, no momento em que eu lhe solicitara a mão em casamento, dando lugar a que pudesse gracejar com ela, dizendo achar-lhe com um jeitinho todo especial para cuidar de crianças...

E quantas vezes quis o bom Deus que eu a visse cuidando de seus próprios filhos, que lhe vieram, ininterruptamente, de ano para ano, que tanto contribuíram para seu prematuro enfraquecimento!

Foi assim que, obtido o consentimento de seus pais, viemos a nos casar, a 27 de fevereiro de 1914, em S. Tiago.

Era um dia de sol intenso, por isso, só à tardinha, efetuou-se o casamento.

#### **Fl. 63**

As nossas famílias eram quase inteiramente desconhecidas, e, embora não me houvessem os de Mandica autorizado a fazer um amplo convite de meus parentes, alegando não disporem de tempo para se expandirem nesse sentido, dada a pressa com que eu reclamava a celebração do hymineu, houve, contudo, por parte deles, uma completa reunião, mesmo dos mais distanciados.

De minha parte, porém, só o Papai e os meus manos me acompanharam. É natural que eu ficasse um tanto desapontado com esse acontecimento, porque a mim sempre alegavam não se fazer festa em absoluto, por cujo motivo nem mesmo aos meus prezados tios e pessoas gradas eu pudera convidar.

Quis, para contrapeso, que o Papai tomasse a si o encargo de preparar-nos uma recepção quando de regresso, a fim de que aí se reunissem os nossos parentes e pessoas gradas, no que eu, de resto, lhe associaria nas despesas. Ele, porém, objetou tantas obrigações lá em sua fazenda que mais uma vez me constrangi a ver correr tudo como império de circunstância...

#### **Fl. 64**

Como ia dizendo, o 21 de fevereiro fora de sol intenso, e, ao declinar desse dia, eu e minha gentil noiva, ao lado de nossas testemunhas, João Baptista e Antônio Guerra, recebíamos a bênção nupcial das mãos do então Padre José Parreira, que viera propositalmente de longe para esse fim. Findo o ato, fomos até o altar onde Mandica, como ofertório, depositou um bonito ramalhete.

E, ao sairmos da igreja, e já seguindo largo acima, virei-me para ela e disse-lhe na maior satisfação deste mundo: “Então és minha e toda minha santamente!” Ao que ela, muito risonha e sempre linda, retrucou. “Sua só e sempre sua eternamente”.

Poucos dias após, voltávamos à fazenda acompanhados de seus pais, e onde nos esperavam em festa os meus, em demonstração de grande regozijo.

#### **Fl. 65**

Quinze dias após transcorridos, na doce poesia de um terno e imenso amor, bebido gota a gota, no poético sossego de nossa fazenda, embalados pelos réverberos de um sol nascente, ouvindo o afago de terna música de bons discos dos rouxinóis do mato, despertamos e pusemo-nos de viagem para S. João, onde éramos já esperados por João Baptista Navarro, Hermógenes e outros (ilegível), que iam jogar, com o nosso nome, na (ilegível) celebérrima Companhia Dotal. Bons seguros fizeram eles, dos quais nós, os noivos, iríamos participar de pingues e vistosas porcentagens.

Mas já não éramos os primeiros e pouco tardou para que a companhia se declarasse falida, e, se nada despendemos, nada (ilegível) tivemos a ganhar. Quantos incautos e (ilegível) se arruinaram por sonharem com aquela fácil fortuna!

#### **Fl. 66**

Já de regresso à fazenda, em uma tarde de sol poente, relendo alguns livros da pequena instante de Mandica, deparei com um capítulo, cuja leitura me fizera ter novamente desejos de voltar à cidade, para satisfação, em boa hora, de um desejo que foi, talvez, dos melhores e mais acertados de minha vida. E seja que, através da leitura do referido capítulo, tive conhecimento das maravilhas que se operam com os irmãos do Monte Carmelo, por intercessão de N. S. do Carmo!

Tomado de santo interesse, registrei minha segunda viagem àquela cidade para participar das graças que a boa mãe do Carmo derrama sobre os irmãos de seu bentinho. De fato, antes eu era um indivíduo vítima de quedas de animais, cujas conseqüências iam redundando em grandes prejuízos para minha saúde.

Felizmente, no que concerne ao meu físico, a diferença, no confronto, é estupenda!

#### **Fl. 67**

Diariamente, pela natureza de minha profissão, me exponho à grande luta e, às vezes, correndo bastante risco de ser fisicamente atingido, resultando, todavia, sair sempre imune. Há tempos, expusera-me, sem o querer, a um grande perigo. Entretanto, invocando o nome da celestial senhora, safei-me de uma maneira singularíssima.

E no tocante à parte espiritual? Oh, são tantos os benefícios que, diante dos quais, o que me resta a fazer é levar todos os meus filhos para que sejam da irmandade. Por meio da fê (ilegível), a boa Mãe do Carmo tão diretamente nos beneficia. E, nesse sentido, dei ordens terminantes ao Aurélio, que hoje, dia 30 de janeiro de (193?), foi a S. João assistir a um retiro espiritual pregado ali por Frei Henrique, a fim de que esse meu filho aproveite a oportunidade para entrar naquela irmandade...

O mundo anseia por uma felicidade ativa e não a sabe conquistar... É junto com Maria, pois é com a sublime mãe do redentor que a vamos encontrar!

Ave Maria, cheia de graça!

## Fl. 68

### VIII

Quisera gravar, com letras doiro e palavras de santa inspiração e mui pormenorizadamente, todos os lances felizes vividos ao lado daquela criatura, que veio tão brilhantemente regenerar os meus costumes, firmando, de um modo iniludível, as minhas ideias, outrora tão perplexas e vacilantes. Ao mesmo tempo, ela me estimulava, com a influência de seu exemplo, a fazer o controle de meus ardorosos impulsos para metódica e sistematicamente agir nos graves momentos de minha vida.

Santa mulher, que, na manhã de cada dia, por mim orava e fazia orar os filhos (?) que Coração de Jesus, da seguinte maneira: “Jesus manso e humilde de coração, fazei o coração do Carlos semelhante ao vosso!” Quem, como eu, possuía uma esposa assim?

## Fl. 69

Aos cinco anos, numa (ilegível) aula, diariamente começava o filho a privar-se com o livro. O catecismo, sabia-o quase de cor. A sua morte veio surpreendê-la, compondo um drama, cujos personagens eram os próprios filhos. Festejando o nosso casamento em dias de fevereiro de 1914, tivemos, contudo, no fim desse ano, de deplorar a morte do nosso primogênito Walter! E, em setembro do ano seguinte, vimos igualmente morrer Walmer! Notificaram aí as nossas desilusões. A 11 de agosto do ano seguinte, morreu-nos ainda a nossa primogênita Conceição!

Descrever o nosso desapontamento, ao vermos mortos nossos tenros e desejados filhinhos, creio jamais fazê-lo com a devida precisão! Urgia cuidássemos seriamente de nossa saúde, única origem daquele descalabro... Dir-me-ão descurado e desatento, ao encarar assunto de tão alta relevância. Argumentarei apenas da seguinte maneira: no correr de 1914, ministrados por Lafayette Correia, especialista em sífilis, fizemos uma série de 1914.

## Fl. 70

No ano seguinte, como julgássemos bastante incomodadas as constantes viagens à cidade, usamos alguns vidros de Mororó, indicação de Pe. Gustavo.

Dando-se a morte de Walmer, no fim daquele ano, Alves de Senna, farmacêutico da grande clínica, nos aconselhara a usar uma de suas fórmulas medicamentosas (ilegível), acrescentando de que nós nos arrependeríamos, porque jamais viríamos a perder um filho, e, assim, seriam demais. Pois, nem com isso, obtivemos resultado! E foi nesse entremeses que se deu a morte de Conceição, a 3ª na ordem numérica dos filhos.

Tudo nos fazia acreditar que estávamos positivamente atravessando um largo período de provação, consequência fatal da libertinagem malsã dos meus últimos tempos de vida de solteiro, ao esbanjar indignamente grande tesouro de saúde e de moral.

## Fl. 71

Infeliz mocidade que tão incautamente envereda pelo torpe e denegrido caminho da desonra, julgando achar nele a plena satisfação de seu cobiçado anelo! Puro engano, e tudo desilusão! Volte-se para Deus, segue-lhe os mandamentos e poderá (ilegível), com a certeza, do triunfo!

## IX

Entretanto, de decepção a decepção e nenhum fruto logrando tirar, no que concerne à nossa saúde, a despeito de tantos e tão decantados medicamentos de que a terapêutica alopática é tão fértil, veio-nos a ideia de contarmos a um antigo e outrora conceituado médico, Cyro Peçanha. Por residir em fazenda e não se dar a inovações, Peçanha era já um tanto relegado em seu antigo conceito, por isso, muito restrito ia ficando também o meio ambiente de seus minguados consulentes, principalmente em se tratando de moléstias sifilíticas, agora que o bysmuthan e outros sais constituíam a declamação do dia.

### Fl. 72

Em uma bela manhã, pois, de sol causticante, em um 1º de janeiro, lá fomos nós, eu e Mandica, transpondo a considerável distância que separa nossa fazenda da antiga (ilegível) Bom-jardim, de propriedade do referido médico. Quando já havíamos transposto meia caminhada, eis que fomos acolhidos por tremendo aguaceiro, no alto de uma grande serra!

Tolhendo a passo aos nossos animais, diferentes corcéis, sibilava a ventania, espalhando água, jorrada em grosas (ilegível) relâmpagos horríveis, (ilegível) dando com os nervos da gente, em (ilegível) de medo, enquanto trovões formidáveis reboavam por aquelas longínquas quebradas, parecendo antes o bramido da morte! Arre! Jamais na minha vida colheu-me tempestade tão dantesca!

### Fl. 73

Tivemos, por para-raios, a flama invicta de nossa fé! E me surpreendera a coragem e o estoicismo de minha amada e querida Companheira...

Como estivéssemos convenientemente agasalhados, resistimos impávidos o desencadear da tormenta... Receei, entretanto, que a minha amada Companheira, assim exposta, sem o abrigo ao menos de uma árvore, houvesse de se sentir aflita e ofegante, como já se dera com a inditosa Mamãe.

Mandica era, porém, moça ainda e, por isso, deu mostras de grande heroicidade. Graças a Deus! Exclamei e pusemo-nos a caminho. Ao atravessarmos o arraial de S. N. da Conceição da Barra, informaram que o Dr. Cyro fora chamado a Victoria para um caso de grave enfermidade.

Aguardando o seu regresso, vimo-nos forçados a ali passar perto de oito dias.

Foi uma viagem de grande sacrifício e certo, mas coroada dos melhores resultados. Demo-nos otimamente com a mediação prescrita então por aquele facultativo, a quem Deus haja!

### Fl. 74

Mandica era então pálida e não pesava mais de 45 quilos, passando depois a dispor de muito boa cor, ter sempre saúde e atingir 62 quilos!

Em novembro daquele ano, com a alma estuante, vimos nascer para a vida a doce filhinha Geny, fadada a exercer sempre alta preponderância na intimidade do lar. E, assim, sempre de boa saúde, Mandica foi se tornando mãe de Aurélio, Carlinhos, Rubens, Eugênio, Zélia, Inezita, Glorinha e, por último, Jackson, o qual já não pudera amamentar, porque fora logo acometida do malfadado

enfraqüecimento. Foi seu médico assistente o Dr. José Gaudêncio<sup>156</sup>, carinhoso e incedível, e que se mostrara, dia a dia, mais surpreendido com a evolução da terrível moléstia que deveria levá-la, em breve, ao túmulo.

#### Fl. 75

Na manhã do dia 2 de janeiro, ministrando-lhe os últimos sacramentos, cá esteve Frei Oppitato. Às 3 ½ horas da tarde, 16 de fevereiro, sábado, aos 35 anos de idade, tendo, até os últimos momentos, se conservado calma, em presença de espírito, recitando suas jaculatórias prediletas enquanto pôde, iniciou então a agonia lenta, para dar lugar às contrações que precedem a imobilidade do corpo e que são comoventes e horripilantes!

E não menos comovente era este o tal quadro que se desenhava em torno do leito mortuário, em que jazia, para o tranqüilo sono da morte, o corpo da esposa e mãe ditosa em torno do qual, (ilegível) já na funda mágoa de seu desterro, ali se achavam abismados, na vividez e na orfandade, o esposo e os filhos lacrimosos! E a gelidez da morte não conseguira apagar de todo, naquele semblante, os traços característicos de meiguice e superioridade que sempre o animaram!

#### Fl. 76

Morta, embora morta, Mandica conservava ainda um quer que fosse de sublime e de superioridade. Di-la-feis repousante de passageira fadiga!

Como Mandica houvesse sido a ídola da família, dado o seu enfraqüecimento e a sua morte, acusavam-me das maiores torpes e chatas animosidades. Arrostei, é certo, brutais e estólicas indiferenças, cada qual trazendo, no seu bojo, o peçonhento vírus da maledicência mais (ilegível). Um vulcão de ódio e de rancor parecia querer envolver-me a mim e aos meus tenros e amados filhinhos!

Conheci o poder das trevas e o desafiei (ilegível) na minh' alma de crente com o espírito voltado para Deus e para a Santíssima Mãe de seu Augusto Filho.

#### Fl. 77

Qualquer (ilegível) arvorava-se em censor de meus atos, a pronto, a ver neles fereza, despidos de toda e qualquer (ilegível) de sentimentos nobres.

Hoje, o que é (ilegível). Morreu-lhes, na garganta, a voz, como aquelas figuras rouquenhas e gafeirosas.

156 O doutor José Gaudêncio Neto descende da família Gaudêncio, a mesma de Hipólito José de Faria, de quem tratamos mais acima. O casal fundador José de Souza de Oliveira, nascido por volta de 1775, e Joaquina Maria do Espírito Santo, nascida por volta de 1773, ambos naturais de Conceição da Barra de Minas, é que deu origem à família Gaudêncio. Eles tiveram quatro filhos, sendo: José de Souza Oliveira, Patrício Lopes de Souza, Joaquim Gaudêncio de Souza e Maria Thereza de Souza. Joaquim Gaudêncio de Souza, nascido por volta de 1846, casou-se com Maria das Dores Lara, embora tivessem tido vários filhos, apenas cinco chegaram a idade adulta, sendo eles, Francisco Gonçalves de Souza, Maria das Dores Lara (Maria das Virgens de Almeida), José Gaudêncio Júnior e Hipólito José de Faria, este homônimo do tio. José Gaudêncio Júnior, por sua vez, casou-se com Francisca Justina da Silva. O casal teve os seguintes filhos: José Gaudêncio Netto, Hermínia Gaudêncio de Campos, João Batista Gaudêncio, Maria José do Coração de Jesus (Nhanhá Gaudêncio), Hermelina Justina da Silva, Francisca Gaudêncio de Souza, José Batista Gaudêncio, Clara Gaudêncio Caputo, Maria das Dores Gaudêncio, Manoel Gaudêncio, Áurea Gaudêncio de Souza, Dr. José Gaudêncio Netto e ao Dr. João Batista Gaudêncio, os dois últimos exerceram por anos o ofício da medicina, e, por fim, Maria das Dores Gaudêncio, que, após professar publicamente os votos perpétuos em 26/07/1945, recebeu o nome religioso de Irmã Maria de Santa Adelaide. Informações disponíveis em: BOLETIM SABORES E SABERES. São Tiago: Sicoob, n. 15, v. 168, set. 2021. José Gaudêncio Netto nasceu 7/10/1896, na Fazenda Fundo da Mata, no município de São Tiago, formou-se em medicina pela Escola de Medicina de Minas Gerais e atuou como médico residente em São Tiago até meados de 1930. Para maiores informações sobre José Gaudêncio Netto, consultar: BOLETIM SABORES E SABERES. São Tiago: Sicoob, n. 10, v. 113, fev. 2017.

Tudo passa e, ao passar o cortejo da desgraça, é que nos fica melhor (ilegível) das coisas...

Todavia, um ano após, eu me casaria e via nisso a clara proteção dos céus, que vinha colocar-me novamente nos braços de uma jovem e virtuosa companheira, portadora dos mesmos nobres predicados da primeira, relevando notar o seu grande pendor para uma perfeita dona de casa, com conhecimentos aprofundados que a habilitam a um cabal desempenho desses misteres, dispondo de ótimo gênio para viver com os enteados e talhando-lhes a roupa, ao mesmo tempo em que cuida de seus arranjos.

### **Fl. 78**

Vivo, graças a Deus, dias tranquilos e jamais vividos nos outros tempos, quando constantemente tinha de me entregar a graves estafes. Alceu Ibsen e Nilce são (ilegível) anjinhos que a bondade do céu me confiara e que formam, junto de seus irmãos, um animado conjunto para a doce melodia do lar.

Assim, irei galgando o altaneiro pico da existência, louvando a Deus pelo muito que me tem ajudado e por novos estímulos criados para as lutas futuras com as quais possivelmente haverei de me (ilegível).

Os quinze anos vividos com Mandica, creio, jamais poderei olvidá-los e foram eles para mim de grande proveito e elevação! Na escola de seu carinho e (ilegível) de sua virtude, regenerei de muitos meus costumes, tomando um verdadeiro gosto pela vida do lar. Ela era meiga e carinhosa e bastava sua presença para infundir alegria e bem-estar.

### **Fl. 79**

Transladarei para estas páginas um poema de amor, que ela me dirigira em prosa, de grande expressão e lirismo, quando de meu regresso por uma excursão domingueira, intitulado: “Horas tristonhas”

20-5-1925

“Ao meu Carlos

Como são tristes e enfadonhas as horas que passo longe de ti! Sinto-me mal, e um quer que é de desgosto vem turvar meu coração e cobri-lo com o espesso véu da saudade.

Vejo-te a cada instante, afável e risonho, dirigir-se a mim, rodeando-me de carícias e apertando-me nos doces e inesquecíveis amplexos, que só tu, com tua alma de anjo e teu coração bondoso, podes dispensar-me. No meio dessas recordações que me extasiam, de repente, vem, como que trazida por um espírito mau, a ideia de que amas a outra.

### **Fl. 80**

Se é que me amas, avalia o meu aborrecimento e os momentos de angústia que passo, até que meu coração, toado por uma voz sobrenatural, repele esse pensamento e diz:

“Duvidas do esposo que pediste a quem melhor do que ninguém podia escolher.

Não foi à Virgem da Conceição a quem rogaste para dar-te um de seus filhos? Poderia ela, sendo mãe de misericórdia, trair-te, concedendo-te um marido que não amasse e que te fosse infiel?”

Acordando desse pesadelo horrível, depois dessas reflexões, sinto como um bálsamo consolador suavizar as chagas de um coração amargurado pela desconfiança e pela saudade. Desconfiança que só poderá existir no meu coração nimamente incontestável, porquanto, posso afirmá-lo, quis o céu dar-me por marido um homem que faz jus a mais ampla e ilimitada confiança, tanto pela sinceridade e pela nobreza de seus sentimentos.

### **Fl. 83**

Bendigo, pois, a hora em que a providência ligou o meu destino a essa criatura tão cheia das mais puras e sublimes aspirações!

Descansada na esperança de que a Virgem da Conceição haja de conservar-te sempre no conceito em que ora te vejo, finalizo, beijando-te, caro e dileto esposo do meu coração.

A tua sempre amorosa  
Mandica”

Fez ainda esta ligeira crônica em referência ao primeiro aniversário de morte de nossa estremecida filhinha Zélia Ribeiro, em memória da qual substituí o antigo nome de Retiro, com que era conhecida a nossa fazenda, pelo novamente adotado “Saudade de Zélia”, tendo em vista perpetuar para todo o sempre a recordação de tão mimosa filhinha, tão cedo roubada à vida:

“Memórias de Zélia”

### **Fl. 84**

Hoje, 27 de agosto, dia em que minha inesquecível Zélia completaria 1 ano de sua preciosa existência, sinto o coração cheio de saudades e de vivas recordações daquele ente, o belo presente que a Divina Providência me concedeu, para, daí a 10 meses justos, levá-la para junto dos anjos, deixando despedaçados os corações dos pais estremecidos e irmãos carinhosos.

Não podendo hoje beijar-te pessoalmente, querida filhinha, rogo, com todo fervor, a Jesus e a Maria que te cubram de bênçãos, tornando-te mais venturosa na mansão dos justos, onde espero não esquecerás interceder por nós.

27-8-925

Hormandina Mello Silva

### **Fl. 85**

Conservo ainda, com religioso interesse, na sala de visitas, um seu retrato ampliado e, num medalhão, uma bonita madeixa como lembrança de seu cabelo negro, anelado e abundante. E, agora, que cinco anos são já que tu, Mandica, ainda te dás o cuidado de norrear o nosso pensamento, que, ao teu contato, se eleva e se purifica, operando-se a transfusão de tuas graças em nossas, que, com isso, cada vez mais, se enamoram e se embriagam das doces miragens do céu!

Sê tão nossa lá, aos pés de Deus, quanto o foste de abnegação e amor aqui na vida, sim?

Saudades imperecíveis do esposo e filhos!

Saudade de Zélia, 16-2-1934

### Fl. 85<sup>157</sup>

Vou, agora, caros leitores, me ocupar de uma outra criatura que era bem uma joia de mulher. Mulher que sabia aliar os seus raros dotes de esposa exemplaríssima aos de filha submissa e devotada, jamais olvidando seus pais enquanto estes, por acaso da sorte, se viam de braços com dificuldades imprevisitas, levando-lhes, à medida de sua força, aquela palavra que orienta, que anima e que conforta.

E chamava-se essa pessoa, tão rara para o seu tempo, Maria dos Anjos.

Pertenceu ao nosso meio social e viveu rodeada da maior consideração e amizade. Os seus belos dotes Moraes eram ainda realçados por um espírito eminentemente empreendedor, que a impelia a desdobrar-se em incansáveis labutas na sua conhecida e conceituada profissão de costureira.

### Fl. 86

Mas uma costureira que cosia e que imbrava em tornar-se, cada vez mais, perfeita no seu conhecimento, para melhor comprazer à sua numerosa e escolhida freguesia. Quanto “atelier” de costura talvez houvesse, naquele tempo, menos preferido do que a sua incansável máquina Singer!

Tendo sido Maria dos Anjos casada com Francisco Gonçalves e sendo este fazendeiro independente, conclui-se que era apenas por nímia intuição própria e grande pendor natural que ela se dava aquela prejudicial tarefa.

Ou seja, então, que a isso lhe forçavam as insistentes solicitações de suas numerosas amigas...

O certo é que a boa dos “Anjos”, era esse o seu apelido, via-se, de manhã à noite, rodeada de inúmeras pessoas, para as quais tinha sempre uma palavra de meiguice e um sorriso simpático e acolhedor, que a iam consultar quanto à maneira por que ela julgaria melhor este ou aquele detalhe sobre este ou aquele feito, quando não lhe iam fazer diretamente a incumbência da costura.

### Fl. 87

Serões prolongados até alta madrugada em vésperas de festas de 15 de agosto — tão concorridas e tradicionais ali —, constituindo-se, para ela, um verdadeiro esforço, no qual se patenteava o valor de sua tesoura e a perícia de seu conhecimento; resultando realçar, para o freguês, o gosto estético com o bem-talhado da roupa, e o que não é menos uma grande modicidade nos preços, quando não era todo o trabalho feito gratuitamente para sobrinhos e afilhados, que ela contava inúmeros!

Eu mesmo, que ora lhe faço esta crônica, ostentei bons ternos que ela talhara no maior desinteresse, visando apenas ser-me agradável e contribuindo para que sua irmã, com quem me casara, viesse adquirir o mesmo conhecimento, o que, graças às suas explicações, logo se deram, porquanto Mandica apreendia bem as cousas e tinha o seu tanto ou quanto de esforçada.

157 A folha foi paginada com o mesmo número da anterior nos manuscritos, o que mantivemos aqui.

### **Fl. 88**

Muitas tardes, por aqueles saudosos tempos, deixávamos a fazenda e, ainda casados de novo, íamos passar a noite em sua casa e sempre a encontrávamos insinuante e sempre amável. Maria dos Anjos era uma criatura acolhedora, um ídolo digno de respeito, estima e veneração de todos os corações bem-formados. Portadora de tão nobres predicados, ela pertencia à fileira daquelas santas matronas que, de corpo e alma e com grande afã, se entregavam à causa sublime de nossa santa religião, observando, sem a mínima discrepância, os deveres que lhes eram inerentes, já estendendo a mão em auxílio do próximo para encorajá-lo, com palavra cheia de conforto, com o exemplo de paciência e desinteresse, ensinando a todos a sofrerem com resignação as enfermidades de que, por ventura, houvessem de ser acometidas.

### **Fl. 89**

Tanta beleza moral não era, porém, encarnada em um físico robusto, e daí sujeitar-se a boa dos “Anjos” a certas anomalias orgânicas. Na sua mocidade, já se privava com os bons livros, o que lhe valeu sólidos conhecimentos, que vieram a torná-la tão expansiva, de uma expansão suave e instrutiva, deleitando, ao mesmo tempo em que a fazia mais admirada e benquista. Conhecera os melhores romances da época e era assídua e incansável sempre na seleção das boas leituras.

### **Fl. 90**

Daí ser sempre vista dissertando entre as demais companheiras como se fosse a encarregada da distribuição do assunto, o qual versava quase sempre, sobre diversos e variados temas, sem que, contudo, ela se mostrasse enfadada e mesmo fatigada.

Os curtos anos que a tivera por minha cunhada deram-me de seu valor prova inequívoca.

Sendo casada, não quis a Providência dar-lhe nenhum filho de suas entranhas. E, com que pesar, ela se referia a essa circunstância!

Em compensação, deram-lhe a criar dois afilhados com o que se mostrava (ilegível) e contente.

Orgulhava-se tanto desses pupilos como se fossem produto de seu próprio ser. Era um casal de crianças minúsculas, a receber cotidianamente o mais leal e maternal carinho daquela que, não tendo a satisfação de, [...]

**(No manuscrito, faltam as folhas 91 a 96).**

### **Fl. 97**

[...] arriscada aventura.

Em vão, tentou safar-se daquele intrincado labirinto! Quanto mais buscava abeirar-se do caminho, tanto mais se embrenhava pela floresta adentro. Mas Hipólito de Faria era uma verdadeira organização de (ilegível), acostumado às imprevistas contingências arriscadas.

Procurou, em tal emergência, agir com calculada firmeza. Concentrando todo o seu fortíssimo poder de vontade, lutou ainda contra essa força quase sobre-humana, buscando a incógnita de seu árduo e difícil problema.

Com tão heroicos impulsos, andou e andou sempre a esmo, à espera de que o acaso ou a divina Providência lhe deparassem com alguma campina desdobrada no seu tapete luxuriante de relva, ao qual pisaria ele com o mesmo prazer com que o faria se houvesse de beber a taça transbordante de ambrosia, e o seu espírito, certo, viria a embeber-se no diáfano daqueles céus!

#### **Fl. 98**

Coitado... tudo lhe foi ilusão, devaneio e quimera!

Os dias se transcorriam, e as suas forças iam-se lhe fugindo, até que, exangue, acercou-se de um ribeiro, bebendo sedento da água limpa e cristalina que borbulhava nos seios daquela mata inóspita.

Aí, o infeliz Faria quedou-se em profundo letargo e, na sua mente em delírio, via a esposa amiga interrogar-lhe a causa de tão longa ausência, procurando inteirar-se dos pormenores de sua longa excursão; ao mesmo tempo em que a terna e adorada filhinha, cheia de momices e meigas carícias, lhe aflagava a fronte requeimada pelo sol daquelas (ilegível). Outras vezes, porém, o seu espírito doentio volvia à dura realidade que o fustigava!

#### **Fl. 99**

Aqui, era um tigre que lhe vinha ao encaço; acolá, bandos de tartarugas que se assustavam com o seu inopinado aparecimento, e tudo era a desilusão, o terror e a morte!

Acrescia que a sua epiderme inteiramente desnuda era a perfeita imagem do leproso, visto as picadelas das urzes desapiedadas e consecutivas mordidelas dos insetos venenosos que abundam por aqueles sítios ermos...

Foi, nesse deplorável estado, que o foram encontrar seus companheiros, os quais trabalhavam ingentemente para o descobrir. Era um dó vê-lo assim chagado e semimorto! De resto, poucos dias teve de vida e, morrendo, deixou quase louca a esposa estremeçada!

Santa Anna do Livramento vela-lhe o sono derradeiro, no qual não foi pairar mais a lágrima de pessoa conhecida e em que nem sequer foi desfolhada a rosa da saudade...

#### **Fl. 100**

Eis, pois, leitor amigo, a repentina mudança que se operou na sorte do infeliz Faria, que mourejava em pós relativa estabilidade de negócios, dispondo de grande reserva de saúde e acolhido, brusca e impiedosamente, pela traiçoeira mão da morte. Foi isso lá pela remota era de 1880.

Anos depois, D. Ritinha, tratamo-la assim, compreendendo o quanto lhe seria difícil a existência sem o arrimo másculo que era o marido e porque era moça ainda, no verdor dos anos, resolveu contrair segundas núpcias, o que lhe seria fácil, dada a sua boa aparência; a dificuldade estava na escolha.

#### **Fl. 101**

Consultando os escaninhos dos móveis mais íntimos de sua vaidade e delicada tendência de coração, tratou de dar uma piscadinha para o felizardo do Sr. Lin-

dolpho de Mello, que deu pressa em retribuir-lhe tão extraordinária delicadeza e honrosa preferência, dando-se, como resultado, passar a viuvinha a ter um marido à altura de seu gosto e a pequenina e encantadora órfã a ter também o “meu pai”, como ela o chamava.

Ainda como consequência, aparecem lá duas outras garrulas criancinhas, sendo que a segunda, trinta vezes mais graciosa e tentadora, conseguira apanhar, na rede de seus olhares malandros e buliçosos, o “timburé” que rabisca estas linhas, e os dois, por seu turno, deram essa plêiade graciosa e queridíssima de rebentos, que são Walter, Walmer, Conceição, Geny, Aurélio, Carlinhos, Rubens, Eugênio, Zélia, Inezita, Glorinha e Jackson.

## **Fl. 102**

### **Conclusão**

Resumidamente, descrevi um pouquinho do muito que souberam ser em vida essas três mimosas flores de amor, crestadas prematuramente pelo ardente sol estival, mas de cujos santos odores (ilegível) outros tantos nos inebriamos em (ilegível) vida. Pena é que tão palidamente (ilegível) fizesse sentir...

Não importa! Se de biógrafo tudo me falta e não tenha condignamente sabido cinzelar-lhes o perfil, resta-me o consolo de que não me escasseara a boa intenção, sempre animada pela flama de amoroso idealismo.

Que os sábios me desculpem e me não critiquem, embora com (ilegível), estou certo, eu vá provocar-lhes comiseração!

O autor

### Contracapa

Deixa, beijante bandeira, a brisa leda e gentil  
Tu simbolizas, altiva, Nosso Adorado Brasil.  
Na peleja mais (recebida),  
Tens o peito varonil  
Do soldado que te exalta  
Na defesa do Brasil.  
Independência, República,  
Eis a nossa história viril;  
Sublime, tu representas  
Toda Glória do Brasil.  
Quando, no topo dos mastros,  
Flutuas primaveril  
Vibram por tí nossas almas,  
Salve! Pendão do Brasil.  
Carlos Silva  
“Saudade de (Zélia)”, 30 de janeiro de 1927.

### Fl. 1

O que é inteligência, meu amigo?

A inteligência é a faculdade espiritual quando percebe imediatamente; essa mesma faculdade é razão quando deduz uma verdade de outra verdade conhecida.

Assentam-se, neste livro, os dias mais memoráveis da nossa existência; bem como: nascimentos de filhos; perda de amigos e algo de extraordinário.

**Fl. 2: está bastante apagada, o que torna a transcrição difícil. Por isso, optamos por não acrescentar aqui o texto.**

**Folhas 3 e 4 não existem.**

### Fl. 5

Houve um dia em que o Sol, já um tanto inclinado para as bandas do acaso, banhava em profusão de luz argêntea e pura o dorso dos pequenos planaltos e extensas planícies, que se desdobram, majestosamente, ao lado do famoso Rio do Peixe, como a mirarem, no baço espelho das suas águas, o esplêndido verdor das suas suculentas pastagens. Houve também extensos arvoriais, caprichosamente cultivados pela mão do homem, lavrador incansável, que buscava incentivar o viço, revolvendo e adubando quimicamente a terra (ilegível). Alterosas e de amplas copadas, essas árvores abrigavam dos raios (ilegível) penetrantes do sol manadas de vacas que os retireiros não tardavam a volver aos currais, onde eram impacientemente esperadas pelas crias, sedentas por lhes sugar as tetas (ilegível) pela abundância do leite.

Era curioso observar-se o espetáculo imponente que, então, se realizava em torno da fazenda! (ilegível). A relincharem, afagavam os pequeninos (ilegível),

<sup>158</sup> Transcrição do manuscrito *Relatos do Sr. Carlos Silva*.

que, não raras vezes, se englobavam, afastando-se das próprias mães, que se davam aos diabos por distinguir os filhos. Em meio à confusão que se formava, apenas se lhes franqueavam a saída dos currais, onde tinham de possuir uma (ilegível) do dia, à espera que se lhes curassem as crias (ilegível) e respectivo custeio da época.

#### **Fl. 6**

Um forte guincho (ilegível) singularíssimo, por essa ocasião, se fazia sentir, malgrado às pessoas que deveriam ouvi-lo. Era o zurro do célebre luar que chefiava aquele bando de animais e que, não raras vezes, enchia de justo terror o viandante que cruzasse a estrada próxima à fazenda, visto ser de todos conhecidas as façanhas do formidando “bicho”. Como a lhe fazer eco, simultaneamente, o ornejar de dois outros novos jumentinhos, detidos em pastinhos apropriados, e, aos quais, (ilegível), se lhes tiraram as mães. Disseminados, aqui e ali, pelo pomar adentro, pequenos grupos galináceos se espreguiçavam indolentemente à sombra dos jabuticabais; enquanto, na lagoa próxima, grasnava o pato em mergulhos repetidos. Entrementes, porém, ouvia-se o ressonar monótono e cadente da capadaria, estirada à sombra dos muros ou chafurdada nas poças de água, que faziam girar o moinho com assombrosa rapidez. Grupos de libertos suspendiam o eito, enquanto a velha Graciana, de saudosa memória e que merecera da minha mãe (ilegível) pequeninas estrofes de sua (lavra), lhes servia a (ilegível) refeição com que readquiriam gastas no labor (ilegível).

#### **Fl. 7**

Quedava-se um tanto, àquela hora, o movimento da fazenda, porém, logo depois, volvia à sua atividade primitiva. O grande edifício da mesma de construção ligeira e sem gosto e as diversas dependências ou casas em que eram montados os diversos maquinismos da lavoura agrícola e pecuária, já bastantemente afeados, porque longe ia o tempo em que foram construídos e, em parte, retirados, faziam um singular contraste com as lindas perspectivas que a natureza derramara em torno. Mas tinha tanta graça e singeleza essa moradia, feita sem os primores da arte, e mesmo sem a observância dos preceitos simétricos, que era a mais poética e deliciosa morada do mundo.

Dir-se-ia que fora um pedaço do paraíso, a que o espírito arguto e a vontade inamolgável de seu proprietário, de uma administração admirável, imprimiu-nos o cunho da ordem, da exuberância, da perfeição e do amor!... Pouco antes fora feita a colossal safra de café, sob cujo peso gemiam as tulhas atufadas até o telhado. Foi café a granel... Duas mil e tantas arrobas esperavam a alta provocada, tempos depois, por Floriano Peixoto, o homem dos áureos tempos, no dizer de papai. Acolá, via-se também um gigantesco paiol com lindas e vistosas pilhas de milho graúdo, atestando a (ilegível) de suas culturas e como que marcando ponto a esse variado cenário da vida campesina.

#### **Fl. 8**

De fato, o benévolo leitor já deve sentir-se enfadado com essas coisas comuns a toda prenda. Contudo, pelo que tenho o mais sentido prazer é convidá-lo a

rememorar comigo outro fato, bem mais sublime e edificante, ocorrido à mesma hora em que se passava, na (legível) da fazenda, tudo que vimos de (ilegível); a hora mesma em que tudo reverberava a luz desse sol que se inclinava pelas bandas do acaso. Seriam três horas aproximadamente.

Nos vossos aposentos internos, uma senhora de respeitável presença, baixa e bastante gorda, de mãos postas, guardava o leito em atitude de oração, rendendo a Nossa Senhora da Consolação os mais puros e fêrvidos louvores pelo seu bom sucesso, afagando, pela vez primeira, o pequenino fruto do seu amor. O recém-nascido, que disso guarda vivíssimas recordações, retribuía, extremamente sensibilizado, tantas carícias de sua santa mãe, como as saudações de boas-vindas que lhe eram apresentadas pelos circunstantes, beijando, respeitosamente, as (ilegível) ao seu venerando e querido pai, osculando e designando o nome a cada um dos manos que lhe iam apresentando cumprimentos.

Em síntese, esse prodígio aberrante da natureza, por um feio capricho da sorte, não passa de humilde rabiscador destas linhas.

Era o dia 27 de outubro de 1893.

Esta composição é uma modesta e simples flor de maio de 921.

## **Fl. 9**

Com satisfação inexprimível, eu e Mandica unimo-nos pelo elo indissolúvel do matrimônio, (de) no dia 21 de fevereiro de 1914.

Foi celebrante do ato o Reverendo Padre Parreira Lara, a quem foi concedida a necessária licença pelo então Pároco local, Padre José Duque. Paraninfos, por parte do noivo, João Baptista da Silva, e, por parte da noiva, Antônio Guerra.

Graças a Deus! Bendigo a hora em que dei o primeiro passo para a realização de tão auspicioso acontecimento, que veio, assim, tão brilhantemente, regenerar os meus costumes e firmar as minhas ideias, outrora tão perplexas e vacilantes.

Sagrado Bispo, a 11 de fevereiro de 1925, onze anos após, e quem o diria, sabendo-o modesto, qual o era, já então havia perdido o pai, quase um ano antes, Sr. Clodoveu Lara.

## **Fl. 10**

Corria o mês de novembro de 1914, calmoso como só, e acontecer e de grande prodigalidade em nos mandar, lá das nuvens, torrenciais de água. Aguardávamos ansiosos a chegada de Valter Silva, que, em viagem de gestação, já se havia anunciado. E, no entanto, com que dor pungentíssima, vimo-lo chegar envolvido na sua rigidez cadavérica, no dia 25 de novembro desse mesmo ano! Descrever o triste estado em que eu e a minha companheira ficamos é bem difícil. Choramos, por largo tempo, a morte do primogênito de nosso amor, com quem já havíamos, com tanto afeto, partilhado os nossos corações. Ao Valter, pois, a bênção de coração de seus (estremecidos) pais, e as rosas que espargimos por sobre o seu corpinho de anjo.

Nasceu o pobrezinho do José Walmer, no dia 15 de setembro de 1915, cuja sorte, em tudo, quis ser semelhante à de seu irmãozinho. Foi, como o primeiro, ansiosamente esperado e, igualmente, pranteado.

### **Fl. 11**

Tudo nos fazia acreditar que estávamos positivamente atravessando períodos de provação, repassados de cruéis angústias, vítimas indefesas da implacabilidade de um destino cabalístico. Envolvemos o seu cadaverzinho em um manto de bênçãos e de saudades e o perfumamos com o incenso das nossas lágrimas. Walmer foi chorado por largo tempo, até que esse mesmo tempo, poderoso antídoto das grandes dores, estagnasse as lágrimas, para só perdurar, para todo e sempre, esta mímosa planta que se chama recordação!

O conjunto de tantas circunstâncias por que estávamos passando nos induzia a crer que forte e hedionda moléstia se imiscuía em nosso organismo, vitimando, assim, desapidadamente os nossos queridos rebentos, fazendo dos pobrezinhos o bode expiatório. Cumpria, pois, que, sem perda de tempo, buscássemos remédios com as melhores notabilidades de então.

Ah! Quanta decepção nos aguardava! Submetemo-nos a um sério tratamento, observando, com o máximo escrúpulo e interesse, toda a prescrição médica, na doce ilusão de que íamos ser, dentro em pouco, portadores de melhor sorte, de que, em nossas veias, um sangue novo viria, pelo menos, dar-nos melhor aparência.

### **Fl. 12**

A princípio, chegamos a supor que tal coisa se desse. Porém, muito em breve, o tempo quebrar-nos-ia nossa quimera ilusão... Foi nos meados do ano de 1916. Já a minha boa consorte estava ciente de que não se achava só: a divina Providência a mimoseara novamente. Dentro em pouco, daria à luz da vida um novo fruto de seu casto amor. Com que (ilegível), ela contava estreitar nos seus braços, cobrir de carícias mil, apenas o visse nascer!

Pois bem, passaram-se as horas, os dias, escoaram-se as horas; e, eis que soa o momento de vir à luz da vida a gentil criança, tão ardentemente esperada! Ah! Triste contingência da vida! Julgávamos com incontestáveis direitos sobre a nossa querida pupila, e, (ilegível) que se nos fosse, nas asas negra da morte, com a sorte em tudo idêntica à de seus irmãozinhos, em tudo igual: irmãos em sangue, irmãos até na morte!

### **Fl. 13**

Assim, profundamente confundidos e seriamente enleados com esse novo golpe que nos arremessara o destino, contemplamos, com os olhos em rios de lágrimas e o coração atassalhado, o corpinho inanimado daquela que, em tudo, era digna do afeto que lhe estava reservado. Foi, assim, pois, no dia 11 de agosto de 1915, que a boa filhinha nasceu; sendo a primogênita, foi igualmente a terceira na ordem numérica dos filhos.

O infausto passamento dessa filhinha motivara um vácuo sensibilíssimo em nossos corações, fazendo o nosso espírito debater em um oceano de dúvidas. Víamos, de um lado, as nossas energias envoltas com os muitos e tão declamados remédios que a terapêutica alopática nos aconselhava; e, ainda mais, as somas volumosas que havíamos descendido na aquisição dos mesmos preparados: tudo ir de rojo pela água abaixo.

Oh! Isso era uma decepção por demais exigida pelo cruel destino! Com que sacrifício eu procuraria o remédio que, de vez, pusesse em vertiginosa debandada a causa assassina de meus queridos filhinhos; na lua, se me fosse dado encontrar, por certo, que o iria buscar... Tu (sic) partiste filha adorada e, mais afortunada nada que os teus saudosos pais, voaste para a região dos eleitos, na companhia dos teus irmãozinhos, onde contemplas a luz perene e refulgente, nessa mansão celeste, fazendo parte nas legiões dos anjos, que, gostosos, festejam a tua companhia.

#### **Fl. 14**

Não te esqueças, pois, filha da minha alma, de impetrar do Altíssimo a graça de que tanto precisamos para bem viver e educarmos santamente os teus irmãozinhos. De coração, abençoamos-te e, deitando o teu corpinho no caixão mortuário, o confundimos com um punhado de flores de amor e de saudades, desejando que a terra te seja leve.

Adeus! Querida Conceição! Eis, pois, o nome que lhe estava destinado.

Era no dia 1º de janeiro de 1917.

Nuvens densas cobriam o céu e ameaçavam chuvas torrenciais. Era evidente que quem quer que fosse, nesse dia, se deixasse ficar em casa, ao abrigo da borrasca que estava prestes a desencadear-se. De fato, quase ninguém cruzava a estrada em demanda do povoado ou em visita a algum parente ou amigo.

#### **Fl. 15**

Apenas um pobre casal foi visto, atravessando enchentes, galgando morros alcantilados, pisando encostas e quebradas puramente escabrosas, em demanda do Arraial de Nossa Senhora da Conceição da Barra, onde marido e mulher julgavam encontrar um afamado médico, a quem desejavam, por última esperança, expor toda a sua desgraça, na fé de que, o abalizado clínico, lhes ministrasse a fórmula que, dando a saúde do corpo, viesse encorajar-lhes o moral abatido. Pois, dessa vez, a divina Providência condeou-se do inditoso casal e recebeu o sacrifício de tão penosa viagem, permitindo que voltassem curados do terrível incômodo que lhes definhava a existência e lhes cansava a morte d'alma com roubar-lhes os filhos.

Com o correr dos dias, pouco a pouco, um novo sangue parecia recrudescer, emprestando às duas fisionomias uma melhor aparência, atestando, de um modo claro e evidente, que se lhes iam abrindo, de par em par, as portas douradas da saúde; e, por conseguinte, a esperança já começava, travessa, a adejar-lhes na imaginação, e doces sorrisos já lhes brincavam à flor dos lábios. Radical mudança se operou na vida do casal, que já sonhava brilhantes utopias.

#### **Fl. 16**

Efetivamente, uma nova era começara para o casal, que, dia após dia, via, com indizível prazer, a exatidão dessa suposição. Como era de se supor, essa notável transmutação muito contribuiu para a concepção de uma nova estrela, cujo advento seria uma apoteose.

Eis, pois, debaixo de que lindos auspícios, veio a boa consorte dar à luz a esse anjinho mimoso e travesso que se achava Maria Geny; a qual, por seus dotes físicos e atrativos naturais, é a alegria e o encanto de seus pais. Apenas essa boa

filhinha viu a luz da vida, eu e minha mulher a consagramos a Jesus e a Maria, pedindo-lhes humildemente se dignarem recebê-la, debaixo, incondicionalmente, de sua divina e especial proteção. Foi isso no dia 12 de novembro de 1917.

#### **Fl. 17**

Descrever a nossa comoção ao vê-la cheia de vida e de inocência julgo ser tarefa acima de minhas forças; e contento-me em afirmar que os meus olhos não se cansam de fitá-la, e beijo-a sempre com a maior explosão de amor. No momento em que escrevo estas linhas, tu, boa filha, (dormes), descuidosa, e, de quando em quando, bebe um gole do líquido precioso, que é o teu alimento, embalada pela bênção de teu (estremecido) pai.

Em um belo dia do mês de janeiro de 1919, isto é, no dia 25, ao romper da aurora, uma linda criança cheia de viveza e graça, chorava pela vez primeira, reclamando a sua “maminha de açúcar”. Em torno, tudo pulava de contente por vê-la assim, tão graciosa e exigente. Quem era, pois, esta criança que enchia de admiração a todos os presentes (ilegível)? Era o meu querido Aurélio, que veio tornar mais querido o meu lar e fazer companhia à graciosa Geny. Do mesmo modo, o consagramos a Jesus e a Maria, na certeza de que, igualmente, seja acolhido. Mil graças, pois, ao Altíssimo, que torna tão fecunda a nossa vida conjugal. Ao meu Luizinho, as nossas bênçãos envoltas com mil carícias e abraços.

Toda vez que eu me referir a qualquer de meus filhos, faço-o do modo mais patético possível. Não reparem, pois.

Carlos Silva

#### **Fl. 18**

Estávamos no dia 15 de março de 1920. Tudo reverberava à luz de um sol em céu sem nuvens. Na velha casaria do pitoresco Retiro, transparecia um não sei quê de sisudo e grave, que parecia evocar algum feio pressentimento. Porém, essa aparência melancólica tinha os eu tanto, ou quanto, de explicável, dada a agudeza de uma fração desse dia.

Quem cultivasse relações privadas com os moradores desse querido recanto de Minas, saberia ser tudo aquilo naturalíssimo, visto tratar-se da recepção de alguém que era impacientemente esperado. Contudo, esse quer que seja de taciturno e apreensivo tinha a sua razão de ser, porque pessoa muito cara achava-se implicada no caso, correndo um sério risco de vida ou de cruéis padecimentos. Ninguém, por mais destituído que seja de senso comum, ignora os perigos a que se acham expostas as mães de família, por ocasião de darem ao mundo os entezinhos que geram e nutrem em seus maternos seios. Daí, toda essa torrencial de apreensão e de sossegos contínuos que só cessam de existir quando elas podem (mirar-se), orgulhosas, no espelho puríssimo dos olhinhos que entravaram inocência e candura de seus mimosos rebentos.

#### **Fl. 19**

É o nosso caso. O receio que a todos parecia afligir — acha nisto cabal explicação — deixou completamente de existir, logo que nos certificamos de que, por parte da mãe, que é a minha querida Mandica, nada, absolutamente nada, se tinha a recear.

Justo era, portanto, que déssemos largar expansões aos impetuosos transportes de nossos corações. Foram incontestavelmente penosos os momentos por que teve de passar a boa consorte, porém, fartamente compensados com a inestimável paga que lhe deu a generosa e divina Providência. Nada mais nos restava fazer do que tomarmos este querido presente, que, fiquem sabendo, é o meu estremecido Carlos Silva Júnior, e, como já o fizéramos aos seus irmãozinhos, levá-lo ao seu aposento sito no âmago de nossos corações, em que as nossas almas ficaram velando e o abençoando constantemente.

#### **Fl. 20**

Ainda, como os seus irmãozinhos, foi, com toda fê e sinceridade, consagrado aos S. S. Corações de Jesus e Maria, aos quais elevamos os nossos corações gratíssimos, suplicando-lhes (se dignassem) não o abandonarem um só instante de sua vida, emprestando-nos as graças de que muito precisamos para o arredarmos de todo o contágio danoso do mundo e fazê-lo, bem assim, a não se (descurar) da senda luminosa do bem e da verdade.

Termino abençoando de todo o coração esse meu (ilegível) filhinho, desejando-lhe a sorte mais brilhante, invejável; ao mesmo tempo em que deponho, no seu gracioso rostinho, uma (chusma) de beijinhos transcendentais de amor e de entusiasmo.

Carlos Silva

Em noite de 8 de maio de 1921. Rubens Ribeiro da Silva surge na aurora da vida, rodeado das mais fagueiras e prometedoras esperanças, digo, aparências, em torno das quais licitamente se fazem os melhores augúrios e a fantasia, em franca travessura amantética, (ilegível) os melhores proventos.

#### **Fl. 21**

É que o seu pequenino vulto (rechumbado) e tão vivo, inocente e tão meigo, infunde terna e espontânea afeição, que é, ao mesmo tempo, a fonte da qual se origina essa atmosfera de bem querência em que o vemos, já nos seus primeiros momentos de existência.

Assim, queira o bom Deus que o transcorrer de seus dias, nesta vida, seja a (ilegível) confirmação desses prenúncios, alicerçados numa moral sublime e religiosa.

Eu e Mandica, na qualidade de teus estremecidos pais, meu caro Rubens, exultamos de intenso júbilo por ti possuímos e, cheios da mais viva satisfação, cobrimos-te de bênçãos e de carícias, desejando-te os melhores proventos na tua vida, que desejamos seja longa e frutuosa.

Em lugar de teus irmãozinhos, nós te osculamos, apresentando-te as suas fraternais carícias.

Carlos Silva

#### **Fl. 22**

Não foi sem constrangimento que foram tomadas as primeiras deliberações para se definir se devíamos, ou não, cuidar dos preparativos que nos colocassem de modo a não sermos os que timbrassem a destoar do rigor de etiqueta, obser-

vada comumente, por ocasião de festas, como (essa) que se preparava para o casamento de Antoniquinho, a 31 de maio de 1922, na Fazenda da Paciência, de propriedade do Sr. Geraldo Ribeiro.

O fato é que eu, sem que talvez desse pela coisa, parecia propender a dar ouvidos a uma vez, não sei se amiga ou traiçoeira, que me estava a segredar, interiormente, malgrado o dever indeclinável, imposto pelo laço fraternal e amistoso, que, absolutamente, não admitia a menor escusa por minha parte, escusa, sem dúvida, inconveniente em tal ocasião, porque equivaleria ao gérmen fomentador de discórdias e, certo, provocaria murmurações aos maldizentes, resultando daí mal-entendidos e, quiçá, inimizades.

Essas considerações me pareciam muito sensatas, e eu as tomava como ditadas pela razão esclarecida; porém, como não me julgasse bem de saúde, e até não tinha com ela a menor confiança, por isso nutria fundados receios de que a minha ida ao casamento do mano, atentas as múltiplas extravagâncias próprias de tais feitas, viesse trazer-me os mais péssimos resultados. De fato, tal e qual!

### **Fl. 23**

Dir-se-ia até que a minha saúde, já tão abalada, estava como a entrever os dias amargos por que houvesse de passar...

De indecisão a indecisão, os dias se transcorriam, e eu, ora de pleno acordo e como já a antegozar o esplendor e a embriaguez da festa, era todo afã e cuidado a pôr em perfeita ordem o necessário para a viagem. Porém, era logo tomado de súbita mudança de resolução e voltava a encarar a questão pelo lado da saúde, com todo o seu cortejo de apreensão. Então, afirmava não serem lisonjeiras as minhas condições, pelo que me julgava sobejamente desculpado.

Esse estado de coisa, no entanto, durou até o momento em que tivemos a inesperada visita de Antoniquinho, visita que nos pareceu obedecer a um desígnio providencial, porquanto não aceitou ele as nossas desculpas, e ponderou não se prescindir de nossa presença, atendendo a um conjunto de variadas circunstâncias que se nos eram impostas pelo dever de amizade e de família.

### **Fl. 24**

Sem mais nada objetarmos, poucos dias depois, fazíamos de marcha para a colossal Fazenda da Paciência, ponto para onde se convergia o que havia então de melhor naquela zona, uma vez que era ali que se preparavam as grandes comezainas: o banquete afinal. Era tal e tão comunicativa a alegria que reinava em toda aquela (mole) ondulante de inúmeros convivas, que eu, para logo, mandei às urtigas as minhas velhas cismas, achaques e quejandas, de modo a me tornar, em pouco, inteiramente consagrado ou entregue à embriaguez e à sedução da festa!

Sempre tive comigo a fraca natureza de me deixar levar pelo sentir do momento, de modo que aí, nesse ambiente tentador e de requintada festa, perdi, por tal forma, a noção do meu infinitesimal valor moral e físico, que, ao cabo de dois dias, pós noites passadas em bailados animadíssimos, ao som de música variada, bebidas e toda sorte de guloseimas, fui achar-me apreensivo, neurastênico; em suma, a mais molenga criatura que se possa julgar!

## Fl. 25

Acabrunhado com tão inesperado infortúnio e nem bem atinando o que deveria fazer, passei aos olhos de muita gente boa como um indivíduo fadado ao desequilíbrio mental. De fato, a julgar pelas aparências, tinha-se como corolário tão fatal acontecimento! O primeiro facultativo a quem fiz chegar, pelo Juca, meu mano, a minha imediata queixa, muito me encorajou, diagnosticando achar-me com péssimo funcionamento do aparelho intestinal, e que sossegasse o meu espírito, que absolutamente não se daria a hipótese de vir a enlouquecer-me. Usei os preparados de sua prescrição com religioso interesse, adquirindo melhoras, que me iam tornando possuído de íntima satisfação; porém, em mim, perdurava a sombria ideia de que a causa primordial que me arruinava a saúde era a sífilis, que eu não julgava precisamente medicada.

## Fl. 26

Como me achasse no Rio do Peixe, para onde, a conselhos de papai, me deixei transportar, junto de minha família, e onde tivemos de passar três meses aproximadamente, não me foi difícil prosseguir no tratamento, não já o mesmo com que ia eu a princípios tirando os resultados lisonjeiros a que ainda há pouco aludi, mas, adotando-se um mais rigoroso e intensivo, em que tive de me submeter a diversas injeções endovenosas e intramusculares, de (ilegível), (bysmuthare) e sais mercuriais. Esse novo tratamento me fora prescrito por um médico recém-formado, pela Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, e que se dizia prático da grande sumidade que era (Austregesido).

Depois de minucioso exame, opinou o facultativo, a quem, de primeira vista, rendi logo sincera admiração, que seria em vão as minhas tentativas de me esquivar ao tratamento antissifilítico, porque ela estaria sempre a atuar maleficamente na minha formação orgânica, e viria a ser fatal legado aos filhos.

## Fl. 27

Como não era a primeira vez que ouvira de médicos abalizados tal sentença, entreguei-me resolutamente às mãos do novo médico, pronto a tomar os remédios, mesmo os mais extravagantes. Foi então que usei os preparados acima, cujos preços teriam, decerto, sangrado a minha magra bolsa se o médico não fosse caracterizado por grande espírito humanitário.

Reinava, naquela zona, por aquela época, acirrado espírito de política, em que os partidos pareciam arranjar pretextos para se hostilizarem reciprocamente. Era um Deus nos acuda! Eu, com a minha linguinha de palmo e meio, fiz subir à serra a muita gente boa. Com a mania que todos me conhecem de falar de tudo e de todos, quanto não sofri por não poder falar suficientemente, por mo impedissem a doença e ainda a circunstância de estar em casa com pessoa que detestava a nossa política...

A avidez com que buscava beber as notícias nos jornais que nos chegavam e, em seguida, expondo-as a comentários, em que deixava transparecer o meu entusiasmo pelo carro de triunfo em que vogava a causa de que era partidário devotado, foi, pouco e pouco, cavando, em torno da minha pessoa, um ambiente de enfado, de indiferença e de frieza que ter-me-ia, decerto, abreviado a (trouxe-a), se não se interpusse a circunstância de estar, minha Senhora, em vésperas de dar à luz.

## Fl. 28

Eram inapreciáveis os benefícios que a (mancheias) nos cumulavam em casa do papai; porém, como já me sentisse bem melhor dos meus incômodos, e porque, principalmente, pelo meu temperamento, estava como a fazer o sacrifício das pessoas de quem recebíamos favores continuados, que se tornava inadiável a nossa vinda. Antes de a emprendermos, é dever nosso retrocedermos em nossa narrativa, para registrarmos o mais faustoso e relevante acontecimento, ocorrido, ali, em Rio do Peixe, apenas soaram os primeiros momentos do dia 18 de julho de 1922, hora em que, a bom dormir, tudo ressonava tranquilamente...

## Fl. 29

E é até visando gravar com letras d'ouro, para nós, tão auspicioso acontecimento, que nos sentimos encorajados a traçar as desalinhas palavras, que aí ficam, filhas diletas da nossa satisfação estuante.

## Fl. 29

O advento de Eugênio foi o início de nova era a registrar nos (fastos) de nossa vida conjugal!

Se era com impaciência que o esperávamos, não foi, decerto, menos jubilados que o fitamos na pureza imaculada de seus modos infantis.

Era mesmo com desvanecimentos que o observávamos com o seu cabelinho preto e farto, no seu todo de menino sadio e forte. A agradável ideia de vir ele a ser, com Geny, Aurélio, Carlinhos e Rubens, os meus bons e inseparáveis amiguinhos de cada dia, e mais tarde, o meu arrimo, à minha (dentra), me transpunha às endêmicas regiões de inefável ventura e me levava a cobri-lo, constantemente, bem como aos outros, de minhas melhores bênçãos, e, junto à Mandica, consagra-lo, também aos Boníssimos Corações de Jesus e de Maria, para que eles se dignem arredá-los de tudo que é mal, fazendo-os enveredar para o caminho das (ilegível) verdades, que lhes definam a felicidade futura.

Pois bem, meu caro Eugênio, aceita este pequenino trabalho como sincera manifestação de apreço de teu pai, que se atribui feliz por contar-te em o número de seus amados filhos. Que a vida seja, para ti e teus adoráveis irmãozinhos, um hino de graça perene, de felicidades e de amor... Em outubro de 1922; quarenta dias, portanto, depois que regressamos da Fazenda Rio de Peixe.

Carlos Silva

À minguia de espaço, anota-se, resumidamente, a data em que nasceram os últimos filhos: Rosita, 19/11/1938; Maria Celeste, 23/11/1942; Pedro Ribeiro, 07/02/1944; Maria de Lourdes, 29/07/1947; Maria Ribeiro, 29/12/1949.

Continuação Rubens.

E que este agradecimento seja extensivo a Dona Glória, que tanto lutou em condições tão difíceis!... Esperava poder passar essa data (aí) com vocês, mas, o Leonardo, infelizmente, sofreu recaída com a (perna), impedindo que isso acontecesse.

## Fl. 31

Como deve ser do seu conhecimento, eu e os garotos estivemos lá pela Fazenda, em julho último. Por motivo de força maior, não pudemos ir vê-lo, é curioso notar,

naquele vale da promessa, se encontra cheio de más lembranças, lá está o sonho: quase sempre cavando, muitas vezes, arando, em outros, queimando os campos, quebrando o chifre às pobres vacas, expulsando amigos, para, em seguida, voltar sem transtorno e manso como um pôr de sol!...Se ainda eu fosse um índio, diria que muitas luas se passarão antes que elas se desvançam!...

Mas, como sou um prolongamento natural dessas reações em tumulto, só hoje compreendo-as melhor.

Desejaria encontrá-lo para matar as saudades e falarmos de coisas que não fossem tão bobas. Para isso, convido-o a vir aqui. Afinal, o Senhor está agora com folga e disponho de facilidade para dar-nos esse prazer.

### Fl. 32

Zélia Ribeiro é a gentil criaturinha que, a 27 de agosto de 1923, às 2h30, numa aluvião de prazer de nossa parte, veio, gorda e robusta, realçar o encanto de nossa casa, deixando extravasar no ambiente o delicado perfume de sua inocência, o que a fazia mais adorada e benquista daqueles que lhe deram o ser, de quem ela, naquela hora, se constituía legítimo orgulho.

E esse orgulho não era só de nossa parte, os seus irmãos também a festejavam estuamente e se porfiavam em beijá-la e estremecê-la! Não se via senão Zélia em todo semblante, em todo olhar, em cada canto! Zélia era como o anjo de Deus (lançado) na Terra para felicidade nossa... Dir-se-ia que essa interessante criança assim queria e, festejada, viesse exercer qualquer predomínio sobre os seus ascendentes, e, nesse caso, tornar-se-ia a despotazinha dos corações daqueles que a contemplam embebidos do amor que a todos inocentemente inspirara.

### Fl. 33

Como de costume, a bondade do Altíssimo o não se fizera esperar, portadora, como sempre, da verdadeira felicidade que às almas crentes confia. Alto desígnio da Providência! Tudo correu à medida de nossas aspirações. A mãe e a filha, numa seqüência de boa sorte, ou feliz estrela, foram coroadas pela fortuna que as soube conduzir ao posto de saúde que vêm ocupando, louvados e engrandecidos, para todo o sempre, os dulcíssimos Corações de Jesus e de Maria, aos quais, com toda alma e sentimentos, consagramos a querida filhinha, certos de que, pela bondade que nos inspiram, seja ela venturosa e feliz, nesta como na outra vida...

Eis aí, Zélia, os nossos desejos para contigo, e a torrencial de bênçãos que, como pais, derramamos sobre a tua querida pessoa, entregando-te, de todo o coração, à Imaculada Maria e ao seu Altíssimo Filho e Senhor. Cresça e seja venturosa, filha querida, com as flores do afeto, sincero, que nós, pais e irmãos, te atiramos.

Carlos Silva

### Fl. 34

A quatro de fevereiro de 1925, 17 meses e alguns dias, portanto, após o nascimento de Zélia, — a Zélia, inesquecível e adorada, que só lograra viver 10 meses, tendo a ventura de passar dos nossos para os braços seus, divinos Protetores, no dia da festividade do S. S. Coração de Jesus, a 27 de junho de 1924 —, que a divina Providência cumulou-nos de igual benefício, mimoseando-nos com a cópia

precisa e fiel de Zélia, na pessoa de Ignezita, que parece preencher, de algum modo, o vácuo (cavado) pelo desaparecimento de sua irmãzinha, tão prematuramente roubada ao carinho dos que a amavam tanto... Maria Ignez enche-nos de orgulho e viva satisfação, por se nos apresentar tão graciosa, tão mansa, tão robusta e, o que é mais, é que, sendo ela nossa filha muito de coração, já estamos como a entrevê-la fazendo parte da travessura de seus igualmente caros irmãozinhos, enchendo de riso e (alacridade) o nosso modesto e abençoado ninho, por nenhum outro invejado, graça a Deus.

### **Fl. 35**

Era esperada com carinho e, porque em nada falhara à expectativa geral, parabéns, pois, a ela, a sua boa estrela enfim! E, na quietude serena e pacífica de nossas almas, com os corações extravasando afeto e gratidão, viemos render ao bom Deus, por este meio, por nos ter concedido tão insigne graça, os nossos mais sinceros e humildes louvores, tanto pela felicidade com que se houveram mãe e filho, como porque vemos, alimentado o nosso justo orgulho de pais, que se reveem na limpidez imaculada dos lindos olhos desses entezinhos adorados, que são os nossos filhinhos.

Ignezita, tu que vieste em décimo lugar, (ilegível) a teus pais ainda jovens, serás bem-vinda e, por te desejarmos feliz imensamente, inundamos-te de carinhosas bênçãos, consagrando-te, com toda a alma, a Jesus e a Maria, que só eles, e não outrem, poderão alçar-te à felicidade de que te auguramos.

Recebe também, de teus amorosos maninhos, o beijo puro da inocência e as carícias fraternais, que todos se agitam e alvoroçam pela tua vinda.

De teu (estremecido) pai,

Carlos Silva

### **Fl. 36**

A 7 de fevereiro de 1927, eu e minha família tivemos a satisfação de passar a residir em nova morada, que constituiu, para nós, por tanto tempo, motivo de cuidado e preocupação e com que se despendeu o melhor de nosso esforço e empenho para o bom seguimento do serviço, que ora se encaminhava animadoramente, ora se entrava a ponto de se nos assaltarem as maiores dificuldades, que, a custo, eram arredadas. Isso nos forçou a passar perto de 8 meses no (acambocado) cômodo que fora feito para despejo e a utilizar o pequeno galinheiro para instalação do fogão: tempo esse transcorrido na melhor disposição de saúde por todos nós, bendito seja Deus! E do qual, se não nos ficou saudade, pelo menos, resta-nos a mais suave recordação... Ali deitava-se cedo e cedo ainda se levantava, fartos de dormir e prontos aos novos arremetimentos da vida cotidiana e então trabalhara [...]

Faltam as folhas 37 a 44.

### **Fl. 45**

Senhores!

Sinto-me nimiamente desvanecido por poder apresentar, em nome deste bom povo de São Tiago, as saudações de boas-vindas, com os votos de feliz perma-

nência entre nós, a essa plêiade ilustre de abnegados cultores desse conceito harmonioso que se chama música, classificada também como a magia transcendente que penetra fundo na alma e produz nela sensações deliciosas e inesquecíveis!

Senhores, ninguém há que mais aprecie essa emanção divina do que o humilde rabiscador destas linhas, que tem a grata satisfação de os felicitar, neste momento, por virem fazer vibrar de entusiasmo a alma deste recinto. Aproveitando tão azada ocasião, tomo a liberdade de concitá-los, de mais a mais, a desvendarem os arcanos melodiosos dessa tão sublime quão admirável arte! Viva a banda da Capelinha! Viva.

Foi num dia memorável que, cedendo a reiteradas instâncias de anos, tive de pronunciar essa breve oração, em casa do capitão João Pereira, em São Tiago, em presença de numeroso e seletto auditório, por ocasião em que chegara ali, em visitas, a nova banda da Capelinha.

Foi em vésperas dos Reis, em janeiro de 1921.

Carlos Silva

#### Fl. 46

Meus senhores e minhas senhoras,

Eu brindo, com todo entusiasmo e efusão d'alma, a ditosa Santinha que, com insólito brilhantismo, acaba de ser distinguida com o honroso título de normalista, por cujo motivo recebe, naturalmente desvanecida, as mais francas e entusiásticas felicitações!

Colimando, com tão feliz êxito, o seu objetivo, a graciosa diplomada, que é aqui muito admirada e benquista, verte, no coração de seus estremecidos pais, o néctar da mais intensa satisfação, justa recompensa dos sacrifícios a que se impuseram na conquista desse sublime e santo ideal.

Realiza-se, assim, brilhantemente o sonho dourado de toda a família Lara; e, da minha parte, exulto-me por ver que uma auréola de inefável ventura minha, a fronte maternal de Dona Zeca, a boa comadre, vê transformadas em finíssimas pérolas de alto valor as lágrimas de seu patético coração.

Por isso, Senhores, empunho esta taça, fazendo votos ao Todo-Poderoso para que os revérberos da sua ilustração, de par como outros sóis que nos alumiam, adelgacem espesso do nosso obscurantismo. À saúde da nova diplomada!

Em janeiro de 1921, tendo por auditório os comensais do banquete.

Carlos Silva

#### Fl. 47

Senhores!

Esta casa, ora transformada em um garrido Templo de (Terpsícore), freme de prazer franca jovialidade!... A que tudo é riso e festa, tudo é encanto, felicidade e amor... É uma verdadeira reunião de famílias distintas, entrelaçadas por um veemente prazer recíproco.

Porém, ninguém mais se deixa levar pela fascinação dessas festas do que a rapaziada galã e conquistadora. De fato, senhores, elas constituem um agradável passatempo, muito a vigoram os sentimentos amistosos e, conseqüentemente, cooperam para a constituição de novas e porvindouras famílias.

E, no entanto, quantos pais há por aí que proíbem aos filhos frequentarem essas boas reuniões, que tanto concorrem para o desenvolvimento intelectual do rapaz, quebrando-lhe a aspereza da forma e amoldando-o à (lhanza) do trato! Efetivamente, o pai que estabelece essa corrente de repressão ao filho, salvo honrosa exceção, agrilha-o a uma posição retrógrada e pouco aceita pela mesma sociedade.

Senhores, quando ousar afirmar que o rapaz aproveita intelectualmente frequentando tais reuniões, não quero dizer, está claro, que ali exista aula de vernáculo, mas, sim, que o ambiente delicado que o envolve, evidentemente, força-o a ser afável e igualmente cortês: originando-se daí o estímulo para os conhecimentos metódicos de nossa língua.

#### **Fl. 48**

Por isso, é grande o meu desvanecimento por poder augurar a esta numerosa e brilhante sociedade lindas messes de perenes felicidades. Tenho dito (C. S).

Brinde feito por ocasião dos casamentos de (ilegível) e Laura 5-932.

Senhores, tenho a honra de ser ligado à família Ferreira pelos laços de (ilegível) sincera amizade, por isso não me posso furtar ao imperioso dever de concretar, neste brinde, entusiasta a satisfação que me intumesce o peito por presenciar o enlace dessas almas que acabam de consubstanciar-se nesse banho de pureza, que se chama matrimônio. Praza aos céus que uma primavera ridente amenize a estrada da vida que têm de palmilhar e que saibam dar ao mundo o exemplo de uma perfeita união, como manda a mais pura e a mais sublime das religiões, a Católica. Absorvendo este licor, desejo que cada gota se transforme em um prazer para os nubentes.

Carlos Silva

#### **Fl. 48**

Senhores!

Abras-me, sobremaneira, ver conglobadas, em torno desta mesa, pessoas tão queridas, vinculadas pelo parentesco do sangue, pelos laços amistosos e, ainda, estreitadas pela afinidade.

Ora, sendo hoje o dia em que o meu Carlinhos recebe as águas lustrais do Batismo e, portanto, afilia-se a essa sublime e sacrossanta religião de seus maiores, não imaginam os meus amigos o quanto isso faz jus à minha alegria e ao meu entusiasmo.

De fato, senhores! Que festa haverá mais querida e mais tocante para um casal cristão do que essa, por cujo motivo aqui nos reunimos!?

Qual há! Permita o bom Deus que o meu queridinho saiba conservar sempre frescos e rescendentes os aromas da inocência e da candura que, ora, lhe cingem a fronte grácil.

Absorvendo este licor, rogo aos céus derramarem sob os distintos amigos toda sorte de felicidades perenes; (ilegível) sou muito grato, principalmente ao nobre compadre, pelos felizes augúrios feitos ao inocente Carlinhos.

Tenho dito.

### **Fl. 50**

Discurso proferido por ocasião da bênção da Fazenda dos Pilões, em 1920.  
Meus senhores,

Eu vou erguer um brinde ao meu digno mano, que acaba de patentear, mais uma vez, a sua índole ativa e o poder de iniciativa que possuí, edificando esta suntuosa propriedade. Bem sei que o motivo que o levou a empreender esta obra, de tão grande monta, não foi visando ao luxo nem à ostentação de espécie alguma, mas, sim, a um amor acendrado do belo e, principalmente, tendo em vista proporcionar à sua ilustre família mais conforto e bem-estar, o que, estou certo, logrará possuir aqui abundantemente.

Ora que, achando-se em condições de habitar uma casa montada convenientemente como esta, na qual nem se sabe o que mais se haja de apreciar, continuará residindo em uma estreita e desajeitada (casucha) como a que acaba de ser demolida?

Diversos e poderosos fatores interpuseram-se ao meu mano e à sua boa vontade, impossibilitando-o de ter, há mais tempo, coroado este belo torrão de Minas com esta soberba e deliciosa edificação. Que de ingentes sacrifícios não lhe foi preciso desvencilhar-se para chegar a estas cômodas e confortadoras apreciações!

### **Fl. 51**

Todavia, estou bem certo de que a muita gente parecerá tarefa de somenos importância empreender-se a soerguimento de um edifício como este. Porém, se atendermos os múltiplos dispêndios que se fazem na aquisição de todo material, inclusive o muito que se gasta com oficial e operários que vêm trabalhando diuturnamente desde o traçado da vala, que demarca toda a extensão do prédio, até os últimos arrebiques, chegaremos à conclusão de que é tarefa de grande monta e, por conseguinte, demanda grande poder de vontade, aliada a um grande desfalque nas reservas do (mialheiro).

Urge, notar, no entanto, que este cometimento por parte do irmão é um rasgo de otimismo que o nobilita, o que muito lhe admiro e louvo. Por isso, senhores, rogo aos céus permitirem seja esta nova residência, para o meu mano e ilustre família, um ninho de alegria e de ventura, de carinhos e de amor. Tenho dito.

Carlos Silva

### **Fl. 52**

Em uma troca de amigos  
Senhores!

Não encontro palavras com que possa externar o meu sentir jubiloso neste momento, por presenciar que, nesta animada sociedade, a alegria brinca travessa na alma de todos que se acham em torno desta mesa, na qual o capitoso licor, em jarros de espuma, desafia o terceiro e mais irrequieto dos nossos sentidos: o paladar.

A nossa reunião, senhores, é toda de caráter bebitivo, e, por conseguinte, pouco louvável, visto que o líquido que vamos deglutir contenha grande quantidade de espírito ou excitante, cujo efeito, dado o excesso ou o abuso, pode trazer-nos grandes graves inconvenientes morais e mesmo materiais; pelo que ousou adiantar-nos um conselho, baseado na experiência fera e dura, de que se

deve empregar a parcimônia ou temperança, em contrabalanço às tentadoras libações da preciosa bebida.

Sim, preciosa e tentadora, que apanha o camarada na teia de seu fatal engodo.

### **Fl. 53**

Estai alertas, pois, amigos foliões! Não vos deveis levar pelo canto dessa sereia de nova espécie, a fim de que nunca vireis a dar desgostos a pessoas de vossa família e amizade; porém, com a temperança, não laborais em erro e estais certos de que, no embater das taças empunhadas, vibram, em acordes uníssonos de prazer, de vida e de emoções, as cordas mais sensíveis de nossas almas.

Vida a pândega! Viva!!!....

Discurso para o casamento do Antoniquinho.

Não imaginais, senhores, o apuro em que me coloca a pobreza de meu espírito retrógrado e estéril! Em mim, há formada a luta titânica da consciência e do intelecto; da consciência, que me segreda e me incita a externar a minha satisfação e efusão d' alma por presenciar este vínculo florido e santo, que (colea) aos pináculos da ventura os corações adamantinos desses jovens, que de há muito se conhecem e que bem cedo tiveram a intuição de que o Criador os talhara um para o outro.

### **Fl. 54**

Mas como fazê-lo, senhores, se, como disse, a fuligem do obscurantismo por demais tolda os dourados horizontes do intelectualismo, arremessando-me a essa pobreza de psicoses, que nada exprimem, quando o nosso nunca assaz louvado vocabulário as possui em riqueza e profusão... Triste fatalidade do destino! Abafar, porém, essa voz imperiosa do dever que me ordena a vir dar solene testemunho da satisfação que me intumesce o peito é coisa que, absolutamente, não posso e nem devo fazer.

Confiado, entretanto, em que possa contar com a vossa honrosa atenção, não trepidarei em trazer ao vosso elevado conhecimento a ideia de que eu, como a bem poucos talvez, desejava ardentemente ver raiar a aurora do dia feliz, em que o meu querido mano devesse aliar o seu destino ao de uma gentil moça, por ter em conta da mais alta ponderação a vida aos cônjuges, em que, não raro, se formam caracteres, tornando-se, muitas vezes, fonte permanente de honradez e de virtudes.

### **FL. 55**

Não é fácil, pois, aquilatar-se a intensidade de meu regozijo, por ver que se traduzem em auspiciosa realidade os sentimentos que, por dilatados tempos, foram alimentados pelo meu coração, sobremaneira sensível à afeição fraternal; e isso, senhores, tanto mais se dá quanto mais me integro na certeza de que a (ilegível), que lhe cabe por sorte neste dia de gala e de festas, ainda que não fosse portadora das peregrinas virtudes que lhe (escornam) o caráter, bastar-nos-ia, sobejamente, a circunstância de ser ela irmã de Margarida para fazer jus incondicionalmente à nossa estima, ao nosso apreço e ao nosso afeto!

Sim, senhores, Julita será para o meu mano a esposa devotada e querida; aquela que, com o carinho de suas virtudes e a meiguice de seus encantos, haverá de encorajá-lo a palmilhar, enamorado e feliz, a luminosa senda do porvir!...

Tenho dito. Em 31 de maio de 1922.

Por ocasião de sua chegada em Rio de Peixe, a 15 de junho de 1922, dia em que se festejava o aniversário natalício de meu pai, Thomaz Ribeiro da Silva, proferi a (bênção) que se segue.

#### **Fl. 56**

O dia de hoje, senhores, é demasiado caro para que eu deixe passar em silêncio a espontânea expansão do meu afeto, sendo ela assim preponderante, que me leva a esquecer a deficiência de minhas palavras, muito embora seja eu o primeiro a lamentar não poder possuir a eloquência de um Castelar, para vir extasiar-vos com as belezas de seu estilo.

Contudo, senhores, a circunstância de ser hoje o dia em que o meu estremecido pai completa mais um ano de sua laboriosa e profícua existência, e, ainda, o fato, igualmente auspicioso, da volta para o lar paterno e amigo, do preclaro mano, que revê, com desvanecimento e possuído de íntimo orgulho, os belos dotes naturais de sua jovem e condigna esposa, obrigam-me imperiosamente, a vir solicitar, por alguns momentos, a vossa preciosa atenção.

É assim que, na qualidade de filho amoroso, não posso deixar de exultar-me, por ver que o papai, apesar de já haver transposto o seu sexagésimo nono aniversário, graças à sua ótima disposição fisiológica, promete viver ainda dilatados anos, o que Deus permita aconteça tempos, o que esperamos, com a graça do bom Deus, aconteça para seu proveito próprio e a nosso bem comum.

#### **Fl. 57**

Como vos deveis sentir feliz, hoje, papai, por notardes que a vossa missão aqui na Terra se vai coroando de fartas messes! Deus vos confiou esposas diletas, a quem sempre dedicastes a melhor porção do vosso afeto e das quais vos proveio a prole numerosa e querida que ora aqui, e um em parte, vos rodeia, e que será o selo inextinguível que perpetuará para todo o sempre a vossa passagem por sobre este colosso, que se chama Brasil, e a que, cheios de santo orgulho, damos o nome de pátria amada!

A reclusão de vossa consciência, a convicção e largueza das vossas aspirações, e, principalmente, o grande desvelo com que sempre encarastes os problemas, tanto de ordem moral, como os de ordem material em que, por vezes, se envolvam os de vossa família, levam-nos a cingir-vos, hoje, com a auréola do nosso maior apreço, da nossa filial estima e do nosso profundo e acendrado amor.

#### **Fl. 58**

Aceitai, pois, pai estremecido, esta pequenina prova inconcussa do muito afeto que lhe vos consagro, com os votos mais ferventes ao piedoso Jesus para vos deixar viver sempre para nossa inteira felicidade.

Louvido seja Nosso Senhor Jesus Cristo! E em seguida disse:

Agora, senhores, vou dirigir duas palavras ao mano... Antoniquinho!

Bem sabes, caro mano, que sempre te consagrei particular afeição... Pois bem! Hoje, que retornas ao convívio da tua família, tendo ao lado a doce companheira de teus dias, é justo que eu te felicite, desejando que os vossos

dias se transcorram plácidos e serenos, felizes e prósperos, como felizes e prósperas são as bênçãos do Senhor!...

Tenho dito.

Carlos Silva

**Fl. 59**

**Versinhos ao Aurélio**

Faz hoje Aurélio  
Mais um janeiro  
Vivamos, pois,  
Aurélio Ribeiro

Completa os nove,  
E bem viçosos  
Que Deus os faça  
Bem frutuosos

Sendo o primeiro,  
É festejado  
Por ser de todos  
Muito estimado.

Dos filhos todos  
É o mais velho,  
Já borda um (calo)  
Para o seu velho.

E muitas coisas  
De utilidade  
Já ele faz  
Com brevidade

É sempre dado  
A travessura  
Só o não faz  
Por compostura

É mui brioso  
E bem portado,  
Dará um homem  
Bem-educado

És tu, meu filho,  
O meu encanto  
Eu te consagro  
Amor mais santo

Desejo ver-te  
Crescido e bom,  
De Deus graça  
Ganhando o dom!

E como pai,  
Que te quer bem,  
Te aponta o dedo  
Para o além.

Sê bom e justo.  
Honesto e probo,  
Povoa a Terra  
Que viu Colombo.

**Fl. 60**

À Virgem Pura,  
Do Redentor,  
Tomes fera guia  
E único amor

Assim verás  
Com quanta luz  
Se vai da Terra  
Para Jesus.

E que beleza  
Ir-se de pé  
Bem direitinho  
A São José!

Urge encarar  
Com atenção  
O teu livrinho  
A tua lição!

Sê obediente,  
Sê estudioso,  
Aos teus irmãos  
Sê carinhoso.

Se praticares  
O que te digo  
Verás em todos  
Um bom amigo.

É meu desejo  
De coração  
Ver os teus anos  
Em sucessão.

Alegre e festiva  
Seja a tua vida  
De messes cheia  
De Deus querida!

Se fores Padre,  
Como desejas,  
Pertencerás  
Só à igreja.

Mas, se casares,  
Como é possível,  
Que a tua esposa  
Te encontre amável.

#### **Fl. 61**

Então darás  
Um bom filho à igreja  
Que é o que tua mãe  
Muito deseja

Convido a todos  
De nossa família  
A abraçar-te nesse  
Por este dia.

Tivera eu cheia  
A minha burra  
Reunira amigos  
Pra dar-te um (urrah)!!!

#### **Fl. 62**

**Natalício de Geny**  
Vou, minha filha,  
Na falta de bons (panos),  
Dedicar-te uns versinhos  
Em honra de teus anos!

Dez anos, hoje, (olé)!  
Que quadra suave!  
Lembra alegre passagem  
E o doce canto da ave!...

Certo que te invejo!  
Assim nova e garrida,  
És da casa o encanto  
E do papai a querida!

Nada te falta, portanto...  
Já conheces a vida do santo!  
É a mamã na labuta  
Mostras a tua boa conduta!

Para Eugênio e Ignezita,  
Para Rubens e Glorita,  
E mesmo o bom Aurélio  
Mais vales que um prélio!

### **Fl. 63**

Para o Carlinhos e o papai,  
A mamãe e todos de casa,  
Mais do que a boa companhia,  
És um anjo de asa!...

Um anjo caído dos céus  
É vindo das mãos de Deus!  
Brilhando qual doce luz,  
És de Maria e do meigo Jesus

Orgulho de teus pais,  
És a alegria dos manos!  
Saudemos, hoje, saudemos,  
Os teus dez anos!

Que se reproduzam  
À vontade de nosso Deus!  
Pois, neste momento,  
Cubro-te com os beijos meus!

Inspiração da véspera do natalício de Geny.

### **Fl. 64**

**Versinhos oferecidos à Geny, no dia de seu natalício**

Saudemos, hoje,  
Com todo ardor,  
A minha filha  
O meu amor!

Dez anos faz  
Que veio ao mundo!  
A minh'alma enchendo  
De amor jocundo

Nasceu a filha, a menina,  
Muito esperada,  
Talvez, por isso,  
É cobiçada.

Nem sempre os pais  
Têm a ventura  
De possuírem  
Tal criatura!

Embora nova e pequena ainda,  
De tudo cuida com carinho.  
Ama as crianças, pela inocência;  
Ama as flores e os passarinhos...

#### **Fl. 65**

Risonha, alegre, qual manhã de abril.  
Eita, festiva, sempre a sorrir;  
Tudo promete esta criança  
Para ela, sonha-se o melhor porvir!

Que assim Deus o permita.  
E que lhe não mande (pior dita)!  
A mamãe que o diga  
Do seu amor, do seu desvelo!

Mais se lhes encadeia, dia acha,  
O coração em forte elo.  
Viva a Geny!  
Brademos todos!

Viva a Geny!  
E os seus bons modos!  
Dou-te minha bênção  
Filha amada!  
Desfolhando rosas  
Em tua estrada!...

**Fl. 66****À Igeezita, por seu 8º aniversário**

Anjinho como a Igeezita  
Catita, alegre, gentil,  
Raros se pode encontrar  
Por esse imenso Brasil!  
Ditosa, meiga, faceira,  
A vida leva a sorrir,  
A calma que se lhe nota  
É esperança do porvir.

Amando a esta filhinha,  
Com todas veras d' alma,  
Julgamo-la tão fresquinha  
Como do coqueiro a palma...

Quisera poder em verso  
Decantar-lhe a meiguice,  
Pintando-lhe vivamente  
Os traços da meninice.

**Fl. 67**

Estreitando-te nos braços,  
Doidinho por te beijar,  
Quisera sempre contigo  
As horas poder passar!

Transcorram sempre teus dias,  
Na vida com placidez,  
A fim de que nós contentes,  
Possamos chamar-te Igeez!

Sim! Maria Igeez, tu és!  
Orgulho de todos nós.  
Encanto de teus papás  
E gáudio de teus avós!

**Fl. 68**

Caro pai, salve 27-10-963

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

Depois de tanto tempo sem receber notícia aí de casa, chega-nos aqui o simpático Daniel, trazendo-a. Por uma feliz lembrança do senhor, recebi, com igual satisfação, aquela histórica fotografia. Pego, assim de surpresa, custei muito a reconhecer os queridos personagens daquele hoje disperso conjunto!

Bem disse Afonso que a história nem mesmo Deus pode destruí-la. Se pudéssemos colocar em uma rotativa o filme de nossas vidas, veríamos com admiração que realmente aquele quadro existiu e, então, não duvidaríamos dele... Papai, detenho aqui um momento para dar-lhe o meu saudoso abraço, o meu sincero abraço de parabéns pelo seu 70º aniversário, que hoje transcorre. Que Deus lhe pague sua velada proteção dada àquele indefeso grupo de que acima falamos...

### **Fl. 69**

Meu Deus, quando foi que eu pensava que tão cedo houvesse de perder o santo, doce e meigo convívio de minha casa e inigualável Mandica, quando tão florido e próspero era o laço de amor, que, qual seiva bendita, alimentava a nossa existência, ainda, por assim dizer, em pleno desabrochar, em odor de serenidade e repleta do bafejo celestial que gera na alma dos bem-casados a santa ambição de só viverem na compreensão mútua e na satisfação dos deveres oriundos de seu estado, tendo como escopo primordial o bem-servir a Deus e conquistando para sua família posição de decência em meio a uma sociedade conhecida e portadora dos mesmos nobres predicados!

Quando, meu Deus, repito ainda, imaginara privar-me do alento dessa magnânima criatura, que se chamou Hormandina Mello e Silva, a cujo carinho tanto me habituara e ao qual jamais quisera prescindir-me por toda a minha então bem-fadada existência...

### **Fl. 70**

Cheio de tenros e bem-amados filhinhos, aos 35 anos de minha idade, tendo apenas decorrido cerca de 15 anos de casado, vi-te partir, esposa bendita, silenciosa e imponente, com o teu hábito da pulcra Mãe do Carmo, descansada no teu bonito caixão de veludo; e invejoso, não pude, desta vez, acompanhar-te como dantes, porque não era digno de tão linda morte!

Sublime, no transcorrer de tua curta e luminosa existência, em que, dentro do teu lar saudoso, foste o hino mais bendito que a harpa da natureza desferira, uma verdadeira emanção de Deus, para orgulho meu e de nossos filhinhos, que nem bem chorar-te sabemos!...

Santa o foste e o és! Santa para o teu esposo, que se ajoelha em espírito ante à tua suave recordação! Santa para os mimosos filhinhos que deste a Deus! E, finalmente, santa para a tua querida mãe, que te chora ainda!...

### **Fl. 71**

Dias já se decorreram desde que voaste à nobre pátria dos eleitos. No entanto, mais negra e tétrica se me apresenta a noite imensa de nossa separação!

Aí de mim! Se me não ampara o baluarte da fé, que me aponta deveres indeclináveis a cumprir, lobrigando, além, a felicidade de nos unirmos de novo, transudando a alegria dos bem-aventurados que contemplam a Deus!

Mas, ah! Até que isso se dê!... O que me resta!?!... Viúvo de teus carinhos, imerso na solidão de meu isolamento, no qual não bruxuleia mais o saudoso crepúsculo do lindo e cabido sol de teus olhares, dos quais me acostumei a tirar o necessário estímulo para a vida, quanto terei de sofrer o acobramento

dessa ânsia e mágoa que me devoram! Tu gozas da beatífica presença de Deus! Afortunada que és, mas, não te esqueças de que te tornaste o nosso anjo tutelar, a nossa medianeira entre a Boa Mãe do Rosário e o sólio de Deus Todo Poderoso!

#### **Fl. 72**

Decantei-te os méritos de esposa sem igual, com o ardor e a sinceridade de um feliz marido, mal sabendo que tanta delícia e gáudio entravam já no entardecer da vida, na fugace passagem de uma sombra! Morreste, criatura de meus braços, mimo de carinho e de amor, deixando o rastro luminoso em cada filho, que será digno, cada qual, da bela Mãe que tanto choram...

Partiste numa aluvião de bênção e de saudade, e o crepe que nos envolve o corpo e a alma atesta, de sobejo, o caos horrendo e sensível em que nos abismamos todos na ânsia de um (lenitivo) a tanta mágoa ...

Busco-te em vão por toda casa, e o meu espírito segue-te no decorrer do dia e da noite, na louca preocupação de um novo encontro, em que volver pudesse ao antigo gozo, em que a minha alma recobrar pudesse toda força, como já outras vezes sucedera, bebendo eu, gota a gota, toda a delícia de teu santo e doce influxo!...

#### **Fl. 73**

Ah! Tempos benditos, benditos tempos que se foram e que não voltam, tempos de riso e de ventura, quando o sol de minha felicidade rebrilhava o dia inteiro, ao perpassar da doce e fagueira brisa, ferindo a música (eólia) dos amores!

Oh! Como eu era ditoso nesses tempos, aos quais quisera transportar-me agora e sentir, religiosamente, o palpitar de teu terno e imenso coração, oh minha esposa! Choro-te em vão, oh minha esposa! E hei de chorar-te a vida inteira... embora no céu, como justo, gozas, de nosso Deus, a presença majestosa, ainda assim, conforta-me chorar-te e hei de bem chorar-te sempre... Pois que, nisso, algo de salutar a minha alma encontra!

#### **Fl. 74**

Foi num dia de riso e de festas, na poética S. João d'El Rey, a formosa odalisca que abre as portas às regiões do sul de Minas, momentos depois que saíramos da igreja, onde se festejava solenemente a N. S. das Mercês, com a alma nimbada de unção e fé, dirigimo-nos, eu, meu irmão e o Luccas, o nosso velho Luccas de tia Camilla, para a casa nº 39, na rua Rezende Costa, em visita à família Mello, a quem, até então, não tivera a satisfação de conhecer.

E fora aí que te vi pela vez primeira, santa e inesquecível Mandica!

Parecias feita pedacinho de minh'alma!

A conformidade de teu gentil porte e um não sei quê de garota travessa casaram-se em tamanha harmonia com o meu modo de querer apreciar as coisas. Eu era mocinho, então, e, por todo o tempo que permaneci em visita à tua família, que foi breve, não me fartei de apreciar a suave e gentil maneira de teu porte!

**Folhas 75 e 76 em branco.**

**Folhas 77 a 82 faltando.**

## **Fl. 83**

[...] espaço de um ano, pois, logo que me vira viúvo, depreendi o quanto teria de lutar por vencer os obstáculos que se (ilegível), na triste e (desolada) situação a que (ilegível) destino me sujeitava. Posso resolutamente afirmar que o meu temperamento, de maneira nenhuma, se enquadrava, ou melhor se conformava, com essa maneira de viver, sem o sopro vivificante do carinho da mulher, na agradável e emadurecida fase de 36 anos, quando o meu corpo, descansado e robusto, fortalecido por um espírito iminentemente concentrado e refletido, me sacudia para as maiores invocações do prazer, desse prazer que nos sabe reservar o matrimônio, principalmente quando, para tanto, se faz sentir a proteção do céu! De conjecturas e conjecturas, como era natural, atendendo-se a minha superexcitação do sistema nervoso pela minha suscetibilidade amorosa, confesso não ter tido a necessária calma e presença de espírito para medir, com precisão, a nova trajetória que me era aclineada.

### **Fl. Sem numeração 1**

Não me conformando, entretanto, de maneira nenhuma, com o viver sem mulher, e como não o podia conseguir por outro meio lícito que não o matrimônio, a princípio, tornei-me objeto de molejo pelos irrefletidos afãs com que procurava consorciar-me de um para o outro. Três escusas diretas e indiretas, outras tantas eu tomara pelo (ilegível) em que me via.

Pessoas sensatas e amigas constantes em vão me aconselhavam a tornar-me prudente e melhormente refletivo. Seis meses durou esse estado de coisas, até que eu, convencido do ridículo por mim feito, bastantemente auxiliado por boa saúde, consegui acalmar-me, entregando-me mais confiantemente à proteção de Nossa Senhora do Rosário, já por mim tão conhecida e de quem tanto houvera eu despendido no decorrer de minha agitada existência.

### **Fl. Sem numeração 2**

Ademais, eu tinha ainda a desabonar-me torpe e chata bília de meus invejosos e gratuitos inimigos, que souberam (ilegível) ridicularizar-me em minha ausência, buscando deturpar o sentido de minhas ações, por um incontido vem de reles maledicência.

Lá víamos as Ritas, Zeccas, Domingas e Marianas, Lindolphos e quejandas a gritarem de norte a sul, de leste a oeste, que eu, com os princípios de religião, de moral e bons costumes, não passava de um tipo inconveniente e desclassificado, apenas porque, em azada ocasião, soube mostrar-lhes os princípios de educação e de bom senso. E, como o revide foi à altura da bestial tirada que me atiraram, eu já era, no despeito deles, indigno até da luz do sol que nos aquece.

Sabendo esses tais o quanto a veia (amantética) me propelia à mulher, e, por estar viúvo, teria de procurá-la forçosa e indubitavelmente, assentaram de ridicularizar-me o quanto puderam. Deus, porém, que, nos seus santos e inescrutáveis desígnios, tudo aproveita para a exaltação dos méritos daqueles a quem protege, fez redundar, em meu proveito, esse ambiente carregado que me preparam, pois, destarte, não consegui casar assim, sem mais nem menos, com criaturas com quem não viria a encontrar os requisitos imprescindíveis ao meu caso.

#### Fl. 84

Embora conhecedor de minhas imperfeições, nem com isso deixava de nutrir esperanças de que os céus me viessem auxiliar na conquista de uma jovem à altura de meu afeto e bem-fundada aspiração! E hoje que me vejo casado, bastante calmo, descubro, em minha senhora, vantagens que a tornam de mais a mais credora de meu amor e gratidão, o que confirma, mais uma vez, o ditado de que ninguém reza a Deus em vão. Ele não nos atende imediatamente, segundo a nossa inclinação, mas sempre visando ao nosso maior aproveitamento, no que parece glorificar-se. Bendito seja, pois, o seu santíssimo nome!

#### Fl. 85

Registrando de passagem essas ocorrências, não devo deixar de notar o quanto, se dificuldades houve, por um lado, se fez sentir clara e patente a proteção da boa Mãe Celeste, no conhecimento que tive a quem, de primeira vista, de render espontânea e sincera admiração. Vi-a, afortunadamente, em Rio do Peixe, a 18-01-1930, onde eu fora servir de padrinho de Maria (Edir), a convite de seus dignos pais Antoniquinho e Julita. Bendita afilhada que, indiretamente, me proporcionava tão grande ventura! Falando-lhe, pela primeira vez, imaginei o imenso júbilo que empolgaria a minh'alma se a viesse ter por esposa e mãe de meus caros filhinhos! Ligeiros passaram os momentos em que tivemos de estar juntos em casa de papai, mas, ricos de impressões suaves, que o meu coração, ávido de carinho, tornavam repleto de contentamento.

#### Fl. 86

Ao ter de me separar daquele amigo, num dia em que devia achar-me em São Tiago, para assistir às festividades de São Sebastião, pegando-lhe a mão comodamente, declarei-lhe ser (ilegível) a saudade de tão crível despedida. Bebi o seu terno e amoroso olhar, não podendo, infelizmente, aceitar o delicado convite que ela me fazia de adiar para outro dia a minha vinda.

Parti saudoso e, 15 dias após, voltei a vê-la com tal sorte que a encontrei amorosa e (ilegível). Ligeiros episódios interessantes se passaram entre nós, tendentes a confirmar que a Providência nos protegia. Inteirado de que eu a não amava sem ser amado, tive a fortuna de solicitar de seus pais a sua mão; o que foi concedido para a completa felicidade que disponho nesta época venturosa de minha existência. Cantai a pássaros, cantai à Glorinha a minha grande glória! Casamo-nos a 26-02-1930. Hosana! Hosana! (Inselus) Deo! Ave Maria!

#### Fl. 87

Transcorridos que foram 294 dias de prazer e de ventura, após o meu consórcio com Glorinha, essa Glorinha que dos céus me viera como eflúvio de amor e de graça<sup>159</sup>, integrando-me no conceito de que a minha crença não deve sofrer solução de continuidade, mas, sim, deixar-me nortear pelos mesmos princípios a

<sup>159</sup> De fato, pelos depoimentos de alguns netos, D. Glorinha era uma mulher grandiosa. Abraçou não apenas os filhos que Deus lhe concedera, como também os da falecida D. Hormandina com Sr. Carlos. Por extensão, os netos — tantos dos filhos biológicos quanto dos adotivos — a adoravam. E uma de suas netas, Mariângela Silva, filha de Eugênio Silva, relembra, com muito carinho e saudade, os passeios na casa da “Vó Glorinha”, como carinhosamente a chamava, em São João del-Rei, e de todos os mimos que a avó lhe dedicava.

que sempre espossei, dilato os meus braços, para neles estreitar, carinhoso, o lindo roseiral em flor, que viria inebriar toda a minha venturosa existência, em uma quarta-feira, 17 de dezembro de 1930, ano, para mim, cheio de encantamentos e felicidade e que trouxera aos brasileiros a aurora redentora da vitoriosa revolução da Aliança Liberal, encabeçada por vultos de proeminência na política nacional!

Pois bem, foi, naquele dia venturoso, que o meu coração de pai estuou jubilosamente ao doce e inocente contato de Nilce, a minha sempre terna Maria Nilce, nova entre as mais novas, forte e grácil como as que mais o sejam.

### **Fl. 88**

Benditos sejam o bom Deus e a pura e imaculada Sempre Virgem Maria, que, de tanta alegria, inundam os nossos corações! E bendita a minha estrela, que me faz, aos poucos, rodear-me de alminhas e corações mercedores de ardentes anelos de minh'alma reconhecida e amorosa!

Nilce, minha pupila, meu encanto! Aceita, neste custo trabalho, a expressão cordial do fundo e imenso amor que consagramos à tua mega e (ilegível) pessoinha, que tem aventura de vir à luz da vida em quadra alegre e tão festiva do Natal.

Que o Menino Jesus e Sua Santíssima Mãe te tenham sempre como filha dileta e favorecida. A Jesus, Maria e José, do coração, eu e Glorinha, te consagramos, lançando-te as nossas bênçãos!

“Saudade de Zélia”.

Em 25 de dezembro de 1930.

### **Fl. 89**

#### **Versos ao correr da pena sem (métrica)**

Vinte e quatro horas  
Completam-se agora  
Que os meus amores  
Foram-se embora  
Oh! Meu Deus! Quantas restam  
Pra que eu, de novo, cá os veja!  
E os abraçando a todos, um a um  
Beije de Nilce a bocarra de cereja;  
E cante, e pule, salte e grite  
Num entusiasmo a toda prova santo  
Sossegue o meu agitado espírito  
E que do coração afaste amargo pranto!  
E como é dura as horas longas  
Sentir, sofrer e ver passar,  
Sem o carinho daquela  
A quem tão bem eu sei amar  
Vazia, sente-se a alma da gente,  
O coração grandemente descontente  
Faz ao pobre padecente  
Outro ser bem diferente!

## Fl. 90

Vem, oh bela, vem!  
Vem mulher querida!  
Dar-nos o que só tu nos podes dar:  
A alegria, a felicidade e a vida!  
E veio, e veio, e veio ao fim!  
Trazendo o seu tesouro pra mim!  
Viva Deus nas alturas!  
E Reine a paz e bonança  
Entre mim e a bela Glória  
Entre nós e as crianças!  
Ignezita, Nilce  
Pequeninas flores,  
Exalam aromas  
Extravasam amores!  
Ignezita, Nilce  
Duas crianças  
Cheias de vida  
E de esperanças  
Filhas diletas  
De um coração (ilegível),  
em que sobeja  
Amor paterno.  
Ignezita, Nilce  
Gentil meninas  
Mimosas flores  
Purpurinas.

## Fl. 91

Eram 11 horas, menos 20 minutos da madrugada, de 27 de março de 1932, quando já um luar coado por brancacenta neblina substituíra as nuvens carregadas, que, poucos momentos antes, tomaram a si a tarefa de darem aos nossos campos, às nossas lavouras e aos nossos pomares uma verdadeira rega, ou molha, de que tanto careciam, pelos dias de sol abrasador que os mofinara, ouvindo-se o ronco da ribeira, que, a custo, comportava, em seu leito, todo o peso do aguaceiro despejado, horas antes, lá pelas cabeceiras, distantes de nossa fazenda légua e meia, ou 2 léguas.

Nesse instante, tive de defrontar com um acontecimento altamente relevante para nós, o qual poderia revestir-se de suma gravidade, trazendo-nos alegria ou decepção, segundo a sua boa ou má fortuna; sua, ou melhor nossa, porque de tal maneira a natureza desse acontecimento tinha ligação conosco, por achar-se em perigo a pessoa de minha consorte, nas angústias do pasto, no adiantado da hora, impossibilitada de (ilegível) outro que não a minha inexperiência e a uma auxiliar colhida ao acaso, à mercê da proteção de Maria Santíssima e de Nosso Pai Celeste!

## Fl. 92

Ditoso, porém, de quem se coloca sob a égide benfazeja de tão (sublimes) patronos...

Uma confiança robusta e serena dominou a situação e viu-se, então, surgir, para a vida, num dia excepcionalmente raro e grande — o dia das (hoemahs), transcendentemente festivo no orbe católico, de uma festividade do céu à terra, por ser o dia estupendo da ressurreição do divino Mestre — entre flores e bênçãos, nasce o meu desejado, e, ao fim, chegado Sebastião Ribeiro Ibsen, o Ibsensinho cobiçado, para mais deitar encantos no meu rico e jocoso lar, sempre devotado a Deus, cada vez mais consagrava a Nossa Senhora.

## Fl. 93

É deveras justo que nos sintamos jubilados por ver que o nosso sangue se transfunde nesses pequeninos e mimosos seres, que saberão atestar, brilhantemente, o quanto o (ilegível) que se originaram tinha por apanágio o amor a Deus e a santa mútua e sincera afeição do casal.

A mulher vai passear  
À priminha visitar;  
Das (crianças) eu me encarrego  
É o de que mais me arrenego

Transcorrem os dias tão lindos  
Do célebre mês de maio  
Desses, 5 são dos pequenos  
Estando os outros mais taludos

Quando se põem a berrar  
Pespego-lhes bons cascudos  
Mas, só com criança eu ficar  
Oh! Jamais noutra não (ilegível)

## Fl. 94

Festejando o meu aniversário, em dia de outubro do ano passado, mês, portanto, da excelsa Mãe e Senhora do Rosário, como achássemos, eu e minha senhora, em boas condições de espírito e de saúde, estando Sebastião nédio e robusto, aos 7º mês de idade, desejamos a concepção de um outro filhinho, ao qual daríamos de Alceu, por nímia apreciação ao notável pensador católico que tem esse nome, muito conhecido pelo pseudônimo de Athayde.<sup>160</sup>

Eis que os céus abençoaram esse nosso desejo; pois, 9 meses após, véspera das festividades da gloriosa morte da Celestial Senhora, 12 ½ horas, do dia 14 de agosto de 1933, foi vivamente aclamado em nossa casa o robusto e desejado Alceu!

## Fl. 95

Com os olhos nadando em lágrimas de puro gozo, que eram a verdadeira expressão da emotiva alegria que jorrava de nossos corações, no auge de pa-

160 A filha Maria Ribeiro conta que seu pai trocava correspondência com Tristão de Ataíde, e o escritor o incentivava a publicar a obra *As três mortas*.

ternal orgulho e reconhecimento àquele que nos tirou do nada, visando apenas tornar-nos partícipes de Sua Celestial (ilegível), no maior recolhimento possível, consagramos-te, oh, amado filhinho, àqueles aos quais tudo que possuo pertencer; ao bom Deus e à Sua Santíssima Mãe!

Cresce, pois, oh, filhinho ditoso, nos teus atos dignos da grande graça que os céus te reservam e, jamais, te afaste da égide protetora de Jesus, Maria, José, aos quais suplico, humildemente, para ti, os dons santíssimos de sua graça.

Eu, tua mãe e teus irmãos damos-te o (ilegível) amigo, cobrindo-te, nos outros, de nossas melhores (ilegível).

Saudade de Zélia. Agosto.

### **Fl. 96**

Ao fazer este registro, numa fria manhã de Sexta-feira Santa, quando nos vêm à imaginação os sublimes transportes de amor do Divino Cordeiro, que se deixou imolar na redentora salvação do homem prevaricador, sinto-me vazio daquela inspiração com a qual devesse fazer trabalho desta natureza afetiva!...

Não importa! Jamais poderia, por meio da palavra falada, ou escrita, retratar a ventura de uma alma feliz, que vibra dentro em mim, desde que vi nascer para a vida um fruto já dantes consagrado a Deus, sob a intercessão de Maria Virgem, e que veio confirmar plenamente a esperança que me animava de ser ele um homem para receber devotamente o nome de João Bosco, em sincera demonstração de afeto ao ínclito e recente canonizado Dom Bosco.

### **Fl. 97**

E, pois, falho de uma inspiração assaz, vigorosa, que venho desincumbir-me dessa grata e momentosa tarefa, deixando, ao correr da pena, escaparem-se-me estas palavras, que mal traduzem o dinamismo que me sacode todo, nas brancas asas de íntima e intensa ventura, ao me considerar, mais uma vez, pai de tão mimosa e gentil criança!

Desejei-te, meu caro filho, tal qual o és, para receberes o bonito e valoroso nome que tens; por isso, estamos de parabéns, louvado seja Deus. Quero que cresças em todo digno de teu grande e predestinado xará, por isso que és também consagrado à sagrada família, sob cuja celestial proteção confio e espero viverem todos os meus amados filhos.

### **Fl. 98**

Como prova disso, renovo, neste momento, em homenagem às respeitadas festas de hoje, a tua consagração, meu inocentinho, bem como a de todos os teus irmãos, a Deus Padre, a quem se deve toda glória, a Deus Filho ressuscitado e ao Deus Espírito Santo, louvor perpetuado. Assim seja.

O teu nascimento deu-se nos primeiros momentos da madrugada, do dia 24 de abril de 1935, com grande felicidade, tanto por ti como pela mamãe.

Dando-te, em nosso nome, as boas-vindas, assino este momento, envolvendo-te em profusas bênçãos, grande afeto e muitos beijos, como prenúncia de felicidades.

Carlos Silva

Sexta-feira da Paixão de 1935.

**Fl. 99**

À Nilzinha,

Maria Nilza é o nome de mais uma mimosa flor que desabrochou no santuário de meu lar querido, nos primeiros albores do dia 14 de novembro de 1936!

Filha diletta de meu sangue e de minh'alma, ela, em tudo, se mostra digna e à altura do afeto que reservamos para lhe oferecer. E, tendo sido a 7ª na ordem das filhas, teve, contudo, uma particularidade realçando o registro de seu nascimento! É que, das outras vezes, a minha senhora esteve sempre vigiada por alguém habilitada como tal; e, desta vez, estando só, tive eu próprio de cortar-lhe o cordão umbilical, envolvendo-a nos paninhos e dando-lhe a mamar o bico de açúcar.

Tudo, porém, se deu debaixo de grande regozijo e ventura. Nilzinha, recebe de seus pais o afeto extravasante e mil bênçãos, seguidos da imprescindível consagração à Santíssima Trindade e à Sagrada Família.

**Fl. 100**

Apontamento dos pertences de Alceu de Amoroso (Ribeiro)

A vaca (ilegível) 1b, Teteia, 1 b, 1b, 1 b

Anilina vendida,	35\$000
Retinta, presente de Geny Teteia,	100\$000
Teteia e filho mais (ilegível)	255\$000
Para o Sebastião, 1 bezerro	50\$000
João Bosco, 2 garrotes (ilegível)	160\$000
1 vaca "Pose" vendida por e um g.	300\$000
Uberabinha, presente de Geny	55\$000

Maria Nilza

Presente: Graúna f – da Geny – Fineza f

Graúna fora barganhada por Elite m, 80\$000

**Fl. 101**

Apontamento dos pertences de Sebastião Ribeiro (Ibsen)

1 vaca Morgadinha; fêmea, fêmea, e substituída pela Cereja

Meu padrinho já lhe deu Formosa

1 garrote da Cereja	76\$000
Formosa	300\$000
(Rhesana), Morgadinha, Cereja	900\$000
Presente de Geny – Boneca	100\$000
1 bezerro, Boneca	

**Fl. 102**

Maria Nilce

1º presente: "Colina", fêmea e fêmea me foi substituída por Chula e esta Barquinho f

1 bezerro	60\$000
Outro bezerro	100\$000
Magnólia e Barquinho	600\$000
Filha da Magnólia	170\$000
Presente da Madrinha Lourdinha	20\$000

Presente da Geny – Roxinha	80\$000
Bezerro da Luzitana	
1942 – 2 garrotes	300\$000

### Fl. 103

Apontamento dos pertences de Jackson	
Patusca, 1 <sup>a</sup> , 2 <sup>a</sup> Padrinho bez	
Madrinha,	10\$000
10-05-1930 dividendo que lhe 1942 2 b,	270\$000
Cabe de gado vendido até esta data	275\$000
e mais o (ilegível)	50\$000
em 16-01-1931, dividendo em 100 reis	271\$350
em março, dividendo em 100 reis	210\$000
em maio de 1932, dividendo em 100 reis	289\$687
em agosto de 1934, dividendo em 100 reis	208\$125
16-01-1935, dividendo em 100 reis	429\$062
Dezembro de 1935, dividendo em 100 reis	83\$823
Setembro de 1936, dividendo em 100 reis	39\$500
Setembro de 1936, dividendo em 100 reis	94\$125
Mais acréscimo, dividendo em 100 reis	52\$125
Vacas vendidas a Bolivar, dividendo em 100 reis 1	328\$750
Abril de 1937, dividendo em 100 reis 1	437\$250
Janeiro de 1938, último dividendo	806\$250
E mais 1 garrotinho	70\$000
Presente da Geny – Rosadinha	100\$000
Marmelinha bez da (ilegível)	80\$000
Chico Lara e Hugo deram 2 novilhas, 1 lhe pertence e a outra obedece ao princípio imposto aos outros; pertence à (casa), ganhou também 1 (ilegível)	

### Fl. 104

Apontamento dos pertences de Glorinha	
Garça, 1 <sup>a</sup> , 2 <sup>a</sup> Papai Noel,	12\$500
10-01-1930, dividendo e mais	50\$000, 325\$000
Em 16-01-1931, dividendo e mais	5 \$ 0 0 0 , 2 7 6 \$ 2 5 0
Em março, dividendo	210\$000
Em maio, dividendo	379\$687
Em agosto de 1934, dividendo	208\$125
16-01-1935, dividendo	429\$062
Dezembro de 1935, dividendo	146\$823
Setembro de 1936, dividendo	39\$500
Setembro de 1936, dividendo	94\$127
Março de 1937, dividendo	1:028\$750
Abril de 1937, dividendo	731\$250
Janeiro de 1938, último dividendo	806\$250
Presente da Geny, Jardimho	
Bezerro da Pepita,	100\$000

**Fl. 105**

Apontamento dos pertences de Iгнеzita	
Democrata, 1ª, 2ª, 3ª – Papai Noel,	12\$500
10-05-1930, dividendo que Bezerra D.	67\$000
Cabe-lhe de gado vendido até esta data	275\$000
Em tempo, mais	50\$000

404\$500

Em 16-01-1931, dividendo	271\$250
Em março, dividendo	210\$000
Em maio 1932, dividendo	289\$687
Agosto 1934, dividendo	208\$125
(Outubro) 1935, dividendo	429\$062
Dezembro 1935, dividendo	146\$823
Setembro 1936, dividendo	39\$500
Setembro 1936, dividendo	94\$027
	728\$750
Novembro 1937, dividendo	731\$250
Janeiro 1938 último, dividendo	806\$250
Saudade da Geny	100\$000
1 bezerra Chiquesa	
Chiquesa e 1 garrote (1940)	228\$000
Janeiro 1942, 2 garrotes	340\$000

**Fl. 106**

Apontamento dos pertences de Eugênio	
Gaivota 1ª, 2ª, 3ª – Papai Noel	12\$500
1 garrote,	95\$000
Padrinho mais	10\$000
Em 10-05-1930, dividendo e mais	50\$000 / 325\$000
Em 16-01-1931, dividendo	271\$250
Em março, dividendo	420\$000
Em maio 1932, dividendo	334\$687
Agosto 1934, dividendo	208\$125
16-01-1935, dividendo	654\$062
Dezembro 1935, dividendo	83\$823
Setembro 1936, dividendo	39\$500
Setembro 1936 dividendo	170\$125
Março 1937, dividendo 1	078\$750
Novembro 1937, dividendo	431\$250
Janeiro 1938, último dividendo	806\$250
Rolinha – da Geny	

**Fl. 107**

Apontamento dos pertences de Rubens	
Pimpona 1ª, 2ª, 3ª – Papai Noel e Madrinhas	24\$500

Garrotes, 2,	300\$000
Garrotes, 1,	95\$000
Em 10-05-1930, dividendo e mais	50\$000 / 325\$000
Em 16-01-1931, dividendo e mais	160\$000 / Pimpona 431\$250
Extra: março dividendo	420\$000
Em maio de 1932, dividendo	289\$687
Agosto 1934, dividendo	2 08 \$ 1 2 5
16-01-1935, dividendo	384\$062
Dezembro 1935 (feijão de sociedade 45\$300)	83\$823
Setembro 1936, dividendo	39\$500
Setembro 1936, dividendo	94\$500
	1:458\$750
Abril 1937, dividendo	437\$250
Janeiro 1938, último dividendo	806\$250
Presente da Geny, Estimada	
Mangueira vendida por	200\$000
Bezerro da Lembrança	108\$000
Patusca e outro garrote	180\$000
Janeiro 1941, garrote Lembrança	150\$000

#### **Fl. 108**

Apontamento dos pertences de Carlinhos	
Bezerra preta, presente de Orozimbo de Castro	
Laranjinha, 1ª, 2ª, 3ª – Papai Noel	12\$500
Em 10-05-1930, dividendo etc. e mais	50\$000 / 325\$000
Em 16-01-1931, dividendo	271\$250
Março, dividendo	270\$000
Em maio, dividendo	379\$687
Agosto 1934, dividendo	208\$125
16-01-1935, dividendo	584\$062
Dezembro 1935, dividendo	183\$823
Setembro 1936, dividendo	39\$500
Setembro 1936, dividendo	94\$125
Maio acréscimo 1 b	50\$000
Março 1937, dividendo 1	028\$750
Abril 1937, dividendo	431\$250
Janeiro 1938, último dividendo	806\$250
Avinha presente da Geny	
1 b da Beija Flor	100\$000

#### **Fl. 109**

Apontamento dos pertences de Aurélio	
Serra Azul 1ª, 2ª, 3ª – Papai Noel	12\$500
1 garrote	95\$000
Garrote S.	67\$000
Em 10-05-1930, dividendo etc. e mais	50\$000 / 325\$000

Em 16-07-1931, dividendo	271\$250
Março, dividendo	420\$000
Em maio, dividendo	289\$687
Agosto 1934, dividendo	208\$725
16-01-1935, dividendo	324\$062
Dezembro 1935, dividendo	746\$823
Setembro 1936, dividendo	39\$500
Setembro 1936, dividendo	94\$125
Março 1937, dividendo	818\$750
Maio 1937, dividendo	731\$250
Janeiro 1938, último dividendo	806\$250
Mucasinha presente da Geny	
	4:649\$322
21 anos x 200 h	4:200\$000
Presente de nascimento	600\$000
	<hr/>
	9:449\$322

25-01-1940  
Viva! Cristo Rei!

#### Fl. 110

Apontamento dos pertences de Geny	
Rola 1 <sup>a</sup> , 2 <sup>a</sup> , 3 <sup>a</sup> , 4 <sup>a</sup> . 5 <sup>a</sup> – Papai Noel	12\$500
Em 10-05-1930, dividendo etc. e mais	50\$000 / 325\$000
Em 16-01-1931, dividendo	271\$250
Março, dividendo	210\$000
Em maio, dividendo	289\$687
Agosto 1934, dividendo	208\$125
16-01-1935, dividendo	444\$062
Dezembro 1935, dividendo	386\$823
Setembro 1936, dividendo	166\$500
Setembro 1936, dividendo	94\$125
Março 1937, dividendo	728\$750
Abril 1937, dividendo	731\$250
Janeiro 1938, último dividendo	806\$250
	<hr/>
	4:684\$327
20 anos corresponde a	4:000\$000
Mais presente de nascimento	600\$000
	<hr/>
	9:284\$327

Mais ainda Imponência e filho 1:000\$000  
E outras rezes: Lembrança, Boneca 1:000\$000  
Rola e respectivos filhos  
Herança da mãe e avós  
Viva, Cristo Rei!  
Ave Maria!

**Fl. 111**

Em 20 de janeiro de 1927, em virtude de ter o meu estremecido pai, pouco antes, repartido, com a família, os seus haveres, animado, por isso, presenteei a cada um dos filhos certo valor, que melhor julguei ser esse mesmo o valor empadado em uma boa e escolhida vaca. Assim designada: Rola fêmea; Serra Azul fêmea; Laranjinha fêmea; Pimpona fêmea; Gaivota fêmea; isso para os primeiros filhos, em ordem de idade, e, logo depois, nascendo Glorinha, dei-lhe, igualmente, uma vaca chamada Garça, com uma bezerra. Já antes, porém, o Rubens houvera ganhado de sua madrinha uma novilha, que se chama Limeira e foi um presente extra; razão por que consenti em que ela, pertencendo-lhe, passasse a produzir; ficando de pleno efeito o dote igualmente criado a todos pela deliberação tomada em 8 de maio de 1921, cujo desempenho reputo mais do que sagrado, confiando em que Deus me permita o cumpramos à risca.

Julgo melhor especificar separadamente os valores e respectivos donos, como se verá nas páginas anteriores. Dado e passado em 1-28-928.

“Saudade da Zélia”.

**Fl. 112**

Em 5 de novembro de 1933

Senhores,

Bebamos gostosamente a saúde do ilustre aniversariante de hoje, que vos dá eloquente demonstração de seu espírito de requintada sociabilidade e que sente o seu natalício transcorrer-se em meio de um grande conforto e rodeado de amigos leais e dedicados.

Empreendedor e esforçado, Orozimbo de Castro tem sabido patentear a todos os que se deixam levar pela ideia de progredir, por isso que é um observador atento e estudioso; e vem sendo já, com muita justiça, considerado um dos espíritos mais evolutivos e que melhor se adaptam às exigências de nosso meio; e sendo bastante jovem ainda, de seu altruísmo e de sua boa vontade muito se poderá esperar ainda!...

**Fl. 113**

Como compadre e distinto amigo, aceito, nestas palavras desataviadas, a sinceridade de meu afeto, formulando ao bom Deus os meus mais ardentes votos para a longevidade de teus anos, num crescente de profusas (mósses), meus senhores e excelentíssimas senhoras.

**Fl. 114**

Indulgência plenária em artigo de morte. Importantíssima oração. Aquele que, num dia à sua escolha, depois da confissão e da comunhão, rezar a oração seguinte e, em plena saúde, ganhará uma indulgência, que lhe será aplicada à morte. Pio X, 9 de março de 1904.

“Senhor meu Deus, desde agora, conforme vos aprouver, com um coração tranquilo e submisso, aceito, de vossa mão, a morte, qualquer que seja a sua natureza, com todas as suas angústias, penas e dores”.

Que tesouro esta oração, meus filhos! Rezai-a em oportuna ocasião, isto é,

depois que vos houverdes confessado e comungado, a fim de vos assegurardes uma morte santa, o que Deus permita vos aconteça a todos.

É este o mais ardente desejo do vosso extremoso e querido pai.

Em 26 de setembro de 1921.

Carlos Silva

### **Fl. 115**

Pelo quarto aniversário de Nilce

Nilce rosada e bela,

Filha de um terno amor,

Recebe, com meu afeto,

Esta mimosa flor.

Hoje nós te abraçamos

Com intensa alegria

Pelo teu 17,

E assinalado dia!

### **Fl. 116**

Meu adorável Salvador! Perante vós e a vossa Santíssima Mãe, vou assumir uma responsabilidade para com os meus filhos, responsabilidade que, com a vossa divina graça, conto cumprir fielmente. A minha mulher, caso eu venha faltar, morrendo ou inutilizando-me, o que espero em Deus não se realize antes que eu a cumpra à risca, compromete-se também a dar-lhe o exatíssimo complemento. Visando deixar inteiramente livre o campo aos meus negócios, para os quais peço humildemente a vossa divina proteção, e, tendo em vista livrar os meus filhos de prejuízos de toda a sorte que acometem seu gadinho, hei combinado com minha mulher presenteá-los, apenas nascidos, com a importância de 600\$000, obrigando-nos a dar-lhes anualmente, a cada um, a importância de 200\$000, que representam o aumento possível de seu gado no transcorrer do ano.

Não tenho em vista dar-lhes, com essa minha resolução, o menor prejuízo; por isso, peço-vos e à Vossa Divina Mãe a secundeis com a vossa bênção preciosa e divina. Assim seja.

**Estão faltando as folhas 117 a 120.**

### **Fl. 121 duplicada**

[...] amigos. Voltando ao lugar onde a deixara no último (ilegível), viram os meus olhos a cena mais triste e mais (tocante) que tenho presenciado! A minha bondosa progenitora não era mais do que um cadáver! Papai, desolados irmãos, em rios de lágrimas, faziam tristes declamações, justas manifestações de seu pesar profundíssimo. Eu bem quisera permanecer-me junto do corpo de minha pranteada mãe, em oração e recolhimento; tive, porém, de vir à fazenda, donde se acham os cordões de São Francisco, de quem era ela irmã. Isso feito, voltei-me, em seguida, e me admirei da grande massa de povo que, em tão pouco tempo, afluíra ao local da triste ocorrência.

Os seus preciosos restos mortais foram, dentro em pouco tempo, removidos

para o arraial, no meio de uma multidão de pessoas amigas, na maior parte pessoas desfavorecidas da sorte; com as quais, por muitas vezes, a minha bondosa progenitora, em vida, repartira as suas economias. Era triste de ver-se como aquela massa colossal de povo acompanhava, com vivo pesar, envolta com os tristes lamentos da família desolada, imersa num pego de angústia e desalentos, o corpo inanimado daquela que soube tão admiravelmente conquistar simpatias e legar a todos tão magníficos exemplos de honradez e de virtude.

#### **Fl. 121**

Houve, no dia imediato, missa de corpo presente, e procedeu-se, em seguida, ao enterramento com extraordinária concorrência.

Mais um dia, e eis-nos tristes, sorumbáticos e macilentos de volta à fazenda, de onde, poucos dias antes, saíramos sorridentes, unânimes e tranquilos. Encontramos a fazenda com um aspecto triste, que imprimia desalento; o que ainda mais instigava às lágrimas.

Foi assim, pois, que o capricho de um fero destino quis roubar-nos os solícitos cuidados de uma mãe tão terna e boa, — a nós que éramos umas criancinhas, umas avezinhas implumes!...Deus assim o quis! Seja bendito o seu santo nome!

Ambrosina Cristina de Almeida era filha de Francisco Mendes de Almeida e Jesuína Cândida de Almeida, proprietários e moradores da então colossal Fazenda Engenho, situada ao Noroeste de São João, de que distava umas 6 léguas e pertencente ao Distrito de Santa Rita, famosa, sobretudo, pela criação de belas espécies da raça manga larga e pela prodigiosa produção de deliciosa fruta jabuticaba.

#### **Fl. 122**

Essa fazenda, cujo gigantesco edifício era a prova mais convincente da largueza de vistas e poder de vontade de seu proprietário, parecendo antes um arranha-céus, viu germinar e crescer, em seu seio, um sem número de rebentos, que a seu tempo constituíram famílias, quase todas, até a data em que se narram estes acontecimentos, domiciliadas, em disseminação, na mesma municipalidade de São João del-Rei.

A larga extensão de seus terrenos era sobejamente compensada pela numerosa escravatura e (ilegível) da família, dando-se com consequência Mendes, de cujo senhor e chefe recebiam direção e conselho, de modo que todos os ramos de negócios atinentes ao movimento e à exploração da mesma viviam em íntima e constante atividade, o que dava lugar a que os Mendes pudessem encarar, com legítima confiança, um (ilegível) cada vez mais (ricinho) e promissor.

E era, por isso, sem dúvida, que arava ali aquele bem-estar e essa paz inalterável que os tornavam queridos e admirados de todos.

#### **Fl. 123**

Maria dos Anjos era uma dessas criaturas, que, pela bondade de seus corações e delicadeza de sentimentos, fazem a alegria e a ventura das pessoas com quem se relacionam; e tornam-se, por assim dizer, por sua afabilidade, seu atrativo e sua docilidade, o ídolo digno do respeito, da estima e da veneração de todos os corações bem-formados. Era assim, sem mais nem menos, a boa dos “Anjos”.

Possuidora de tão belos predicados, não podia ela deixar de pertencer à fileira daquelas santas matronas que, de corpo e alma, e com grande afã, se

entregam à causa sublime da nossa santa religião; já observando, sem a mínima discrepância, os deveres que lhe são inerentes; já estendendo a mão em auxílio do próximo, encorajando-o com palavras cheias de conforto a que confie e espera; já, enfim, ensinando a todos, com o exemplo de paciência e desinteresse, a sofrer em (ilegível) resignação as enfermidades de que, porventura, forem acometidas. Quantas vezes, vimo-la gravemente enferma, não dando as menores esperanças de restabelecimento, para, dias depois, deixar o leito aparentando saúde, até que, em curto espaço de tempo, tombasse novamente, parecendo igualmente grave o seu estado. Isso sucedia alternativamente, em um prazo relativamente pequeno.

#### **Fl. 124**

Era casada com Francisco Gonçalves, homem de coração ávido e frio, que não conhecia as delícias conjugais, e que não poupava esforços para dilacerar-lhe o coração; preferindo antes a companhia de mulheres de vida airada às carícias de sua santa e virtuosa consorte, que, com isso, concebia profundo desgosto. A Providência não quis dar-lhe nenhum filho, o que lhe fazia pesar. Ultimamente ela se dedicara, com apuro desvelo, a dois afilhados que lhe foram confiados, com o que andava muito gostosa e contente.

Foi no ano de 1918. Uma terrível epidemia, saída lá dos confins do Velho Continente, abrodara as benditas placas da América do Sul; e, com as suas asas de abutre, voou por todo o nosso caro Brasil, de norte a sul, de leste a oeste; até que, enfim, viesse armar a sua tenda no arraial de São Tiago. E, aí, abrindo tão desmesurada boca, tragava as 4 e as 5 pessoas por dia, numa fúria que imprimia terror e desalento.

#### **Fl. 125**

Toda a população fora acometida, e mais de 50 pessoas serviram de pasto à terrível enfermidade.

Foi, então, que essa criatura conceituada e querida, esse escrínio de bondade, depois de muito sofrer e sempre com resignação, depois de Ungida e Sacramentada, evoluiu-se lá para as regiões etéreas, para o seio do Criador, a quem (adora), intercedendo por todos os desolados parentes e amigos.

Foi no dia 26 de dezembro de 1918.

Era filha de Hipólito de Faria e Rita Clara de Mello. Maria dos Anjos perdera, ainda na infância, o seu progenitor, que, então, em (longérrimas) excursões lá pelo fértil e opulento estado de Goiás, trabalhava para o engrandecimento de seu patrimônio material. Reza a história que Hipólito de Faria, viajando à orla de uma mata, em dado momento, desejou penetrar até o interior do local, onde imaginou dar caça a algum antílope ou corsa arisca.

#### **Fl. 126**

Porém, então, na hora o fez, porque a mata (ilegível) de urzes e cipoal, depressa, o fez perder a serenidade do ânimo; e, já tarde, bem tarde, compreendeu ele a sua arriscada aventura. Em vão, tentou safar-se daquele intrincado labirinto. Quanto mais buscava abeirar-se do caminho, tanto mais se embrenhava pela floresta adentro.

Mas Hipólito de Faria era uma verdadeira organização de atleta, acostumado às imprevistas contingências arriscadas. Procurou, em tais emergências, agir com calculada

firmeza e, concentrando todo o seu fortíssimo poder de vontade, lutou ainda contra essa força quase sobrehumana, buscando a incógnita de seu árduo e difícil problema.

Com tão heroicos impulsos, andou e andou sempre a esmo, à espera de que o acaso, ou a divina Providência, lhe desaparecesse com alguma campina que desdobrasse o seu (ilegível) tapete relvoso; o que ele pisaria com o mesmo prazer com que o faria se houvesse de beber a taça transbordante de ambrosia e o seu espírito se embeberia na pura serenidade daqueles céus. Coitado! Tudo lhe foi ilusão, devaneio e quimera!...

#### **Fl. 127**

Os dias se transcorriam, e as suas forças iam-se-lhe fugindo, até que, exangue, acercou-se de um ribeiro, bebendo sedento da água limpa e cristalina que borbulhava no seio da mata. Aí, o infeliz Faria quedou-se em profundo letargo e, na sua mente em delírio, via a esposa amiga a interrogar-lhe a causa de tão longa ausência e, com minúcia, procurar inteirar-se dos pormenores de sua longe excursão; ao mesmo tempo em que, com ternas momices e meigas carícias, lhe afagava a cútis bronzeada a terna e adorada filhinha. Outras vezes, porém, o seu espírito doentio voltava à dura realidade, que o fustigava!

Aqui, era um tigre que lhe vinha ao encalço; acolá, bandos de tartarugas que se assentavam com o seu inopinado aparecimento: e tudo era a desilusão, o terror e a morte!... Acrescia que a sua epiderme, inteiramente desnudada, era a perfeita imagem do leproso, visto as picadelas das urzes desapiedadas e consecutivas mordidelas dos insetos venenosos que abundam por aqueles sítios ermos.

#### **Fl. 128**

Foi, nesse deplorável estado, que o encontraram seus companheiros; os quais trabalhavam ingentemente para o descobrirem. Era um dó vê-lo assim chagado e semimorto! Também poucos dias lhe restaram de vida. Morreu, deixando quase louca a esposa enternecida.

Repousam os seus restos mortais no então arraial do Sacramento, hoje opulenta e industriosa cidade Goiânia. Eis, pois, leitor amigo, a repentina mudança que se operou na sorte do infeliz Faria, que mourejava em pós relativa estabilidade de negócio, dispondo de sólida saúde e colhido, busca e impiedosamente, pela traiçoeira mão da morte. Foi isso lá pela remota era de 1880.

Anos depois, Dona Ritinha, tratamo-la assim, compreendendo o quanto lhe seria difícil a existência sem o arrimo másculo, que é o marido, e, posto que era moça ainda no verdor dos anos, resolveu contrair segundas núpcias, o que lhe seria fácil, dada a sua boa aparência; a dificuldade estava na escolha. Consultando os escaninhos dos móveis mais íntimos da sua vaidade e deliradas tendências de coração, tratou logo de dar um “piscadinho” para o felizardo Senhor Lindolpho de Mello, que se deu pressa em lhe retribuir tão extraordinária delicadeza e honrosa preferência.

#### **Fl. 129**

Foi um pesca-pisca terno e apaixonado, que deu, como resultado, passar a viuvinha a ter um marido à altura de seu gosto, e a pequena e encantadora órfã a ter, também, o “meu pai”, como ela o tratava. Ainda, como consequência de toda essa brincadeira final, aparecem, lá, duas outras gárrulas criancinhas, sendo que a segunda, trinta vezes

mais graciosa e tentadora, tanta arte empregou e tanta trama urdiu, que veio, mais tarde, apanhar, na rede de seus olhares malandros e cobiçosos, o “timborê” que rabisca estas linhas; e os dois vão dando, por seu turno, numa fecundidade exuberante, essa plêiade, graciosa e queridíssima, de rebentos, que são: Walter, Walmer, Conceição, Geny, Aurélio, Carlinhos, Rubens, Eugênio, Zélia, Ignezita, Glorinha, Jackson!

E mais não deram, infelizmente, porque a parca cruel veio entrar, na sepultura, essa graciosa, santa e, sob todo ponto de vista, cara e bela criatura — a minha jamais esquecida esposa Hormandina Mello e Silva, a 16 de fevereiro de 1929.

Carlos Silva

### Fl. 130

Meiga e cara Geny,

É com o coração em transporte do mais alto apreço e justa alegria que vejo completar-se o teu 7º aniversário de bem-cara e adorada existência...

É inexprimível mesmo a satisfação que empolga a alma de teu ditoso pai, que vê, desvanecido, desabrocharem-se em ti as mimosas flores do conhecimento e da razão; o que te fará, sem dúvida, não mais cara e benquista, mas, sim, bem mais útil a ti mesma e àqueles que tanto te estremeçam e idolatram.

Deixe-as, querida filha, a quadra da inocência, sem que, contudo, tenhas de perder o tesouro que és de inocência, para entrares para a outra não menos amada da razão. Que a Virgem da Conceição e Seu Bento Filho e Senhor Nosso, retirando-te as angélicas asas douradas, cubram-te com a auréola da graça e da virtude, da santidade e do amor.

É este, pois, amada filha, o anelo mais ardente que constitui o sentimento mais leal que inunda o coração de teu querido paizinho; sentimento que desejo te converta em torrente de bênçãos sobre tua linda e adorada fronte. Em nome de teus pais e irmãos, recebe o ósculo de sincero amor.

Salve, 29 de novembro de 1924.

Carlos Silva

### Fl. 131

Hoje, 20 de janeiro de 1927, dia da festividade de São Sebastião, em cuja honra se procedeu a sorteio dos nomes das vacas que havíamos destinado aos nossos amados filhos: Geny, Aurélio, Carlinhos, Rubens, Eugênio e Ignezita, como um presente que, de coração e gostosamente, fazemos-lhes, invocando a proteção de São Sebastião, como advogado que é das criações junto ao Altíssimo, para que o bondoso Santo impetre, de Jesus e Maria, aos quais todos nós somos consagrados, a bênção que haja de tornar, para eles, os nossos amados filhos, esse presente como um recurso que mais haja de prendê-los a Deus, pela caridade, pelo conforto santo, que, por esse e por outros meios, lhes ambicionamos. Nós, os seus pais, lançamos-lhes a nossa bênção, desejosos de ver esse presente multiplicar-se e lhes ser útil. Da Geny: Rola, fêmea, 1ª bezerra; Aurélio: Serra Azul, fêmea, 1ª bezerra; Carlinhos: Laranjinha, fêmea, 1ª bezerra; Rubens: Pimpona, fêmea, 1ª bezerra; Eugênio: Gaivota, fêmea, 1ª bezerra; Ignezita: Cuiabana, fêmea, 1ª bezerra.

Carlos Silva

### **Fl. 131 (numeração duplicada no original)**

#### **Natal dos pobres**

Na pulverização da tarde que adormece,  
Palpita, levemente, o ritmo da prece...  
Enfloram-se de riso as bocas das crianças  
Na divina alegria azul das esperanças!

Brilhava, no alto céu, a estrela aurifulgente  
Seguiam-lhe a derrota os Reis Magos do Oriente  
Cobertos de brocados, esplêndidos, serenos,  
Deslumbrando, ao passar, os tristes nazarenos.

Essa estrela gentil, como um vivo diamante,  
Era o olhar do Eterno, a luzir no levante!  
Vinham de longe os Reis; da Numídia e d'além  
Ver um Deus a sorrir numa choça em Belém

Resplandecendo, enfim, na curva do caminho  
Eis Belém, a sorrir, aromal como um ninho!  
Os Reis Magos, então, entraram, reverentes,  
Na pobre manjedoura onde rezavam crentes.

Entre palhas deitado, o Menino Jesus  
Tinha a beleza etérea, imaculada, da luz!  
Era um astro a sorrir, um pequenino (ilegível)

### **Fl. 133**

Um Deus feito matéria, um mistério profundo

Viva palpação eterna do Infinito,  
Mensagem em forma humana em que brilhava escrito  
O Evangelho do amor, a Bíblia da Bondade,  
Que vinha redimir a pobre humanidade!  
Era um Deus que se dava em holocausto à gente,  
Um símbolo do Bem, dado divinamente  
Aos filhos do pecado! Era um profeta e um santo,  
Nascido de Maria, assim como um helianto.

Nasce virginalmente em solo virginal,  
Sem resquício de crime ou sombra de algum (ilegível)  
Era um beijo de luz, impresso pelo Eterno  
No seio imaculado, imensamente terno.

Da Virgem Nazarena, era síntese pura  
D'um consórcio ideal entre Deus e a criatura!  
Um misto singular de espírito e matéria  
Lírio da Eternidade, emanação etérea.

De um Deus feito de amor. Divina florescência  
Do jardim aromal que se chama Inocência!  
O balsâmico nardo, o odorífero incenso,  
(ilegível) orientais, joias de preço imenso,

**Fl. 134**

Obras d'arte sutis, em fulgidos presentes,  
Ofertaram os três Reis ou Príncipe das gentes  
Mas o olhar de Jesus entrementes dizia,  
Sob o vivo docel da face de Maria:

Eu não quero o tesouro, ó príncipes pagãos,  
Que me trazeis de longe em vossas régias mãos  
Eu não venho reinar nos palácios reais  
Nem vestir o brocado e as púrpuras fatais.

Venho, apenas, salvar os pobres pecadores,  
E aos bálsamos prefiro a oferta dos pastores!  
O meu Pai é senhor dos astros rutilantes  
E os mundos não são mais que míseros diamantes.

Dessa coroa imensa, esplêndida, infinita  
Que compõe o universo a catedral bendita!  
Eu podia nascer no palácio dos reis,  
Entre a glória da força e a glória vã das leis.

Entretanto, prefiro a choça dos mendigos  
Aos berços senhoris, aos tépidos abrigos!  
A choupana do pobre é mais velha que o sol,  
E cintila antes Deus como um vivo arrebol!

Esmeraldas, rubis, safiras peregrinas

**Fl. 135**

Não valerão jamais essas bênçãos divinas  
Que perfumam cantando os simples corações  
Desses filhos dos céus, sem dotes nem brasões.

Oh, pobres que sofreis, sem sorte e sem pousada  
Alegrai-vos que surge a rútila alvorada!  
Vinde ver a Jesus, numa palhas deitado  
Mais belo que se fora em colchas de brocado!

Sois humilde e sois bom? – Oh, pobres tristes,  
Vinde sentir, então, que esta verdade existe,  
Um Deus onipotente arquiteto dos mundos  
Que sonda os corações e os abismos profundos.  
Que dá perfume às rosas e às aves melodia,  
E mergulha na treva a púrpura do dia,  
Que domina o tufão, a tempestade e o raio,  
E faz brotar, da terra, as cravinas em maio.

Que, dentro em nós, enfim, paz a chama do (ilegível)  
E de saudade — um mal — faz um terno esplendor  
Esse Deus, como a luz, desceu embalsamado  
(ilegível) glória de um Natal, sem mancha e sem pecado.

(ilegível) que respirais nos míseros caminhos

### **Fl. 136**

Entre pedras hostis e estúpidos espinhos,  
Fitando para o céu um olhar desolado  
O tristíssimo olhar febril do desgraçado!

(Ruminando, talvez, uma ideia blasfema!)  
Vinde afogar em lugar a vossa triste pena!  
É Jesus que vos chama... Olhai! Ele é menino  
Tem a graça gentil de um Deus que é pequenino.

E não sabe senão sorrir como um rosal  
E depois, e depois... É dia de Natal!  
Jesus nada recusa aos tristes pecadores!  
Contai-lhe vossa magna, os desgostos e as dores

Dizei-lhe que sofreis quais cães escorraçados,  
Eternamente atrás de um osso ou d'um abrigo  
Na agonia infeliz de nunca ter amigo!

Vinde, pobres, cantai, com as vossas almas puras  
É dia de Natal! Glória a Deus nas alturas!  
E então, pobres, vereis que o divinal Jesus  
Estenderá, sorrindo, os seus bracinhos nus.

Por Berilo Neves  
Hormandina Mello e Silva

### **Fl. 137**

Memórias de Zélia

Hoje, 27 de agosto, dia em que minha inesquecível Zélia completaria 1 ano de sua preciosa existência, sinto o coração cheio de saudades e de vivas recordações daquele ente, o belo presente, que a Divina Providência me concedeu, para, daí a 10 meses justos, levá-la para junto dos anjos, deixando despedaçado o coração dos pais estremecidos e irmãos carinhosos.

Não podendo hoje beijar-te pessoalmente, querida filhinha, rogo, com todo fervor, a Jesus e a Maria que te cubram de bênçãos, tornando-te mais venturosa na mansão dos justos, onde, espero, não esquecerás de interceder por nós.

Hormandina Mello e Silva  
27-08-1925

**Fl. 138**

Horas tristonhas  
Ao meu Carlos

Como são tristes e enfadonhas as horas que passo longe de ti! Sinto-me mal e um quer que é de desgosto vem turvar meu coração e cobri-lo com o espesso véu da saudade.

Vejo-te, a cada instante, afável e risonho, dirigir-se a mim, rodeando-me de carícias e apertando-me nos doces e inesquecíveis amplexos, que só tu, com tua alma de anjo e teu coração bondoso, podes dispensar-me.

No meio dessas recordações que me extasiam, de repente, vem, como que trazida por um espírito mau, a ideia de que amas a outra.

Se é que me ama, avalia o meu aborrecimento e os momentos de angústia que passo, até que meu coração, tocado por uma voz sobrenatural, repele esse pensamento e diz:

“Duvidas do esposo que pediste a quem melhor do que ninguém podia escolher? Não foi à Virgem da Conceição a quem rogaste para dar-te um de seus filhos?”

**Fl. 139**

Poderia ela, sendo mãe de misericórdia, trair-te, concedendo-te um marido que te não amasse e que te fosse infiel?”

Acordando desse pesadelo horrível, depois dessas reflexões, sinto, como um bálsamo consolador, suavizar as chagas de um coração amargurado, pela desconfiança e pela saudade. Desconfiança que só poderá existir em meu coração nimiamente incontentável, porquanto, posso afirmá-lo, quis o céu dar-me por marido um homem que faz jus a mais ampla e ilimitada confiança, tanto pelo carinho com que me rodeia, como pela sinceridade e nobreza de seus sentimentos. Bendigo, pois, a hora em que a Providência ligou o meu destino a essa criatura tão cheia das mais puras e sublimes aspirações!

Descansada na esperança de que a boa Virgem da Conceição haja de conservar-te sempre no conceito em que ora te vejo, finalizo, beijando-te, caro e dileto esposo do meu coração.

A tua sempre amorosa

Mandica.  
Em 1920.

**Fl. 140**

Boa Consorte,

Já nem sei o que dizer que possa externar a minha gratidão às tuas dulcificantes e consoladoras palavras. Ditaram-nas, certamente, as belezas épicas do santuário do teu nobilíssimo e generoso coração, fonte da qual promana a abundância intuitiva de ilibados sentimentos, a que, incansavelmente, busco amoldar-me. E, todavia, querida companheira, de quantos feios serões se acha eivada a minha humilde e fraca individualidade...

Não é menos certo, porém, de que, na escola de teus (ilegível) carinhos, no doce lampejo das luzes de tuas virtudes, e, principalmente, sob o céu sereno e puro do nosso agradável e diuturno convívio, muito hei regenerado; e, se me não avantejei mais, não foi, decerto, porque falhasse o teu constante e abnegado apoio. Tudo háis feito em prol à minha pessoa refratária sobre muitos pontos de vista.

### Fl. 141

Estou certo, porém, de que, na delicadeza de teus nobres e elevados sentimentos, encontraste sempre indulgências às minhas faltas, se não de todo involuntárias, ao menos impulsionadas, quase sempre, por um temperamento, cuja culpa é toda da minha ingrata formação. O que, entretanto, não posso consentir é que te assista o direito de me acoimares de infiel sobre este ou aquele ponto de vista, uma vez que, jamais, no mínimo que fosse, concorresse para isso.

Em tais condições, porém, é absolutamente necessário que abafes, de vez, essa voz traiçoeira que faz pender o teu espírito sob tão feio sentimento — o sentimento da desconfiança, que gera o despeito e a desarmonia. A meu favor invoques sempre o auxílio do céu e descansas na certeza de que possuis um marido que te preza e idolatra sobre todos os pontos de vista.

Em fins de 1920.

Carlos Silva

Geny, Aurélio, Carlinhos, Rubens, Eugênio, Zélia, Ignezita, Glorinha, Jackson

### Fl. 142

#### Obras Poéticas

Minh'alma é triste como a flor pendida  
Sem viço e sem (matiz)!...  
Mas.... se teu coração quisesse amar-me,  
Se, em teu sorriso, quisesse consolar-me  
Como eu seria feliz!...  
Como, então, o meu viver seria doce!  
Sim; eu seria feliz, fosse onde fosse.  
Vivendo ao lado teu!  
Onde quer que o destino me levasse.  
Contanto que eu te visse e te adorasse  
Aí seria o céu!...

Contigo não seria um (ermo) o paraíso!  
De amores povoara um teu sorriso.  
E de luz um teu olhar...  
Minh'alma (enchera-se) de doces harmonias  
E eu vivera de doces alegrias,  
Contente por ti amar!...  
Oh! Ser amado por ti, acredita-me.  
Nem ventura maior, nem maior dita  
Peço a Deus que me dê!...

### Fl. 143

Ele que sabe o amor que por ti sinto  
Pois bem; que me castigue se te minto,  
Ele que tudo vê!...  
Na hora em que te digo, ou que te escrevo,  
É tão profundo o meu pesar e a minha dor  
Que eu mesmo não sei dizer!

Sei que choro!... E que (as bagas) de meu pranto,  
Lentas, a cair, me queimam tanto.  
Como a lavra a correr!...  
Ah! Não me deixes assim a dor entregue!  
Pede ao teu coração que não me negue  
Um teu sorriso!...

Sei que és de minh'alma terna rosa!...  
Vens fazer-me feliz, vem flor mimosa,  
Que espero por ti!...  
Quantas horas eu passo triste, embebido  
Na luz perdida dos céus! Quantas horas eu passo  
Oh! Mulher querida, sentindo quase extinguir-me a vida  
Sem um sorriso sequer dos lábios teus!...

#### **Fl. 144**

Nesta hora saudosa, só tu, meiga, me ofereces o sorriso  
És a minha crença, minha esperança!...  
És a glória inteira que sonhei, criança.  
És a estrela tutelar de meu porvir!...  
Bravo, bravíssimo!!!...  
Sei que és de minh'alma tenra rosa!...  
Vem fazer-me feliz, vem flor mimosa  
Que espero por ti!...  
Quantas horas eu passo triste, embebido na luz perdida dos céus!  
Quantas horas eu passo, ó mulher querida! Sentindo quase extinguir-me a vida  
Sem um sorriso sequer dos lábios teus!..

Carlos Silva  
28-11-1923

Oh! Que mísera cabeça!  
Vejam só que desconsolo  
Por fora, não tem cabelo  
Por dentro, não tem miolo!

#### **Fl. 145**

Num consultório médico,  
Venho, doutor, fazer-lhe uma consulta.  
A doença que me punge e esteriliza a mocidade e o espinho  
Resulta de uma chaga que me nunca cicatriza!...  
Muito embora comum a toda a gente de que sofro atroz hipocondria  
Tanto me torna pensativo e doente que não sei o que é paz nem alegria!  
Sendo o mais sábio clínico do mundo, sois também um filósofo notável!  
Do peito humano auscultador profundo,  
Curareis esse mal (inexorável) que me esmaga

O organismo fibra a fibra, que me corrói o cérebro e o condensa!  
Tenho um coração que já não vibra  
Suporto uma cabeça que não pensa!...  
Refletindo responde o médico ao cliente:  
O amigo tem razão, padece realmente!  
Contudo, a enfermidade, o (ilegível) que o devora  
É um produto fatal do século de agora!  
Uma emoção vibrante, um abalo violento,  
Pode curá-lo, creia, apenas num momento.  
O tédio é uma sombria, uma fatal loucura,  
A treva interior, a grande noite escura  
Onde se esquece tudo: a sorte, a nossa vida amada,  
O nosso próprio ser, e só nos lembra o nada!

#### **Fl. 146**

Esse tédio mortal, tédio agoureiro  
Que me envenena, me escurece  
É como os beijos dados a dinheiro  
Numa noite de orgias.

Diga-me, alguma vez amou? Nunca restringiu (ilegível)  
O temporal desfeito das vagas de um mar que se agita e (ilegível)  
Ao soturno rumor do vento e da (procela)?!  
Nunca!  
Pois, meu caro, procure a agitação constante  
Um prazer esquisito, um gozo triunfante.  
Já visitou a Grécia, o Oriente, a Terra Santa,  
Os sítios onde hoje tudo evoca e decanta as glórias de uma idade  
Imorredoura eterna, que amesquinha e deslumbra a geração moderna?!...  
Em híbridos festivos passei a mocidade!...  
Percorri, viajando, o mundo e a humanidade  
Como o judeu da lenda  
E entre as mulheres todas cujos lábios beijei  
Em bacanais e boda,  
Mulher nenhuma eu vi sobre a Terra tamanha

#### **Fl. 147**

Que para mim não fosse uma ilusão (ilegível)  
Como parti, voltei, sem encontrar lenitivo,  
Para esse mal, doutor, que assim me traz cativo  
Frequente o circo, amigo! A figura brejeira  
Desse famoso arlequim que a essa cidade inteira  
Palmas e exclamações constantemente arranca,  
Talvez lhe restitua a gargalhada franca!  
Vejo, agora, doutor, que o meu caso é perdido!  
O (truão) de que fala, o palhaço querido

Que anda seu coliseu assim tão aclamado  
Tem um riso de morte, um riso mascarado,  
Que encobre a dor sem fim do tédio e do cansaço  
Sou eu, doutor  
Sou eu esse palhaço!  
Cópia feita em hora de  
Imperdoável “(mamendência)  
gostosa”, saiu o feior possível.  
Mas belíssima poesia de um  
Fundo filosófico.

08-12-1923  
Carlos Preguiça da Silva

**Fl. 148**

**Operário**

Poesia de Arthur de Azevedo  
O meu papel nesta vida  
Nem eu mesmo sei qual é...  
Folha morta ressequida,  
Que o tufão leva perdida  
Sem lar, sem luz, sem fé!...  
Sou um pária, um deserdado,  
Um João Ninguém!  
Parasita desgraçado  
Que do mundo escorraçado  
Morre de fome e de frio!...  
Entre pompas e festas  
Gasta a grandeza fidalga!  
Eis o pão que te resta  
Para a miséria que esgalga!  
Vede a roupa que me veste!  
Rendas de furos...  
Fui pelo tempo da peste  
Roubá-la, sob o cipreste,  
Entre os funéreos (monturos)!...  
Tenho filhos pequeninos  
Vivendo da mesma esmola,

**Fl. 149**

Nem os meus dias (mofinos)  
Permitais que os meus meninos  
Bebam as luzes da escola!...  
Lá só entra gente rica,  
Bem-vestida e bem-calçada!  
Enquanto à minha (pequenada)  
A educação que lhe fica  
É ir roubar pela estrada!...

Nesse lodo deletério, onde não há nem resquício  
De rico com bom ofício,  
De político sério,  
Só me resta o benefício  
Da negra (ilegível) do hospício  
Da laje do necrotério!...  
Perdoai, Senhor, o clamor dos prantos meus  
Concedei-me uma esmola, pelo santo amor de Deus!  
Mas tu quem és?  
Eu sou aquele infeliz operário,  
Aquele que paga imposto  
E que o suor do seu rosto  
Corre em vastos borbotões

### **Fl. 150**

Para sustentar a canalha  
Dos (sécios) e dos doutores,  
Dos pulhas e dos comedores  
Dos reles politicões!  
Eu sou o operário laborioso,  
O operário soberano,  
O operário que um dia (ufano)  
Deixara de ter servil.  
Para num surto de liberdade  
Correr a metralha,  
Toda esta torpe canalha  
Que faz do operário um infeliz!

Em 10 de janeiro de 1924.

Retiro

Carlos Silva

Compras de terra: João e A

Em abril de 1919

25:000\$000 e 2:050\$000

Em julho de 1926

32:000\$000 e 2:050\$000

Em março de 1933

18:000\$000 e 900\$000

Jesus seja sempre bendito e louvado

Porque seu sangue nos tem resgatado.

### **Fl. 151**

Esta página abre-se para registro do Paulo, que nasceu a 23 de outubro de 1940, queridinho e robusto, abençoado e meigo, como uma afirmação de amor e de graça de Deus. É o meu 2º filho a quem abençoo e beijo amorosamente. Foi batizado em São Tiago pelo meu Sacerdote Francisco E. de Oliveira, Padre José Geraldo, Maria Caputo e Nilce. Presente que lhe fiz “Giz” e bezerro.

Rozita 19-11-1938 – Presente que lhe fiz uma vaca Camponesa f.

**Fl. 152**

Místicos desposórios

1º

Ungidos do Senhor, deixai que a moça cante  
O doce epitalâmio em vossos desposórios,  
Quando de nós em torno, em celestial (descante),  
Do mais (húmil) tugúrio aos mais altos (zimbórios)  
O júbilo palpita.

2º

Oh! Sim, deixai a moça em cauta inspiração  
Librada ao céu profundo, erguer a sua voz,  
A terra aos pés deixando e a sua vil caução...  
Porquanto, só no empíreo, um hino para vós.  
Se encontra. Feliz dita!

3º

De El Rei, cidade augusta, um vosso gorjeio  
Erguei bem alto a ponte, acima de vós mesma!  
Vossos filhos saudai em doce devaneio!  
Golfando nova luz as trevas e a (avantesma)  
Dos erros dissipai!

4º

Não só a vós, cidade, a minha voz dirijo...

**Fl. 154**

A Minas toda inteira alcance o meu sentir!  
Do humilde (vate), oh! Brado, ecoai, bem forte, rijo!  
Aos filhos desta terra, em busca de um porvir,  
Dizei: (Marahai)! (Marahai)!

5º

Luz busca luz. No mundo, um dia a luz raiou  
Nela não se banhou a escolhida nação.  
No entanto, a luz benigna ao céu não recuou.  
Em onda densa, densa, o mais pobre rincão.  
Em feixes percorreu!

6º

De outrora a mesma luz inflama os corações,  
Chamando-nos a Fé, nos aclarando os passos.  
(Santelaco) luminoso em doces radiações  
Aos bons do mal guardai! Salvei do crime os laços,  
Oh, clara luz ao céu!

7º

Levitas do Senhor, dessa luz sois vestais!  
Cuidai do lume santo, aceso na ara imensa  
Da multidão humana, a cuja frente estais!  
Cuidai dos pobres entes!

**Fl. 155**

8º

Se a Fé se (explande a flux), (alandando-nos) a Deus,  
Não quer peias, não quer, — a sua ação extensa  
Libertos sois do século e dos horrores seus,  
Irmãos de Tiradentes!

9º

Lustosa, sois farol que Deus no alto firmou!  
Vossos filhos guiai pelas (sites) da Terra!  
Por onde as ondas do erro, aos que o mal (ilegível)  
Sede o faval bendito!

10º

Parreira, a fonte sois do mais fino licor,  
Que os (lábios) purpureia, e os corações descerra!  
De santos dissipai das dores o travor!...  
Sede o pai do proscrito!

11º

Com tal adoro parti! Levando na vossa alma  
A deuses deste clero amigo, aqui presente...  
De (Helvécio) a bênção pura... Ide colher a (palma)  
De esplendente vitória.

12º

No campo do dever, atletas do Senhor!  
E quando a vossa (destra) o chão cair tremente  
De dar bênçãos causada, um anjo, em belo alvor,  
Aponte-vos a glória!  
Padre Adalberto (ilegível)

**Fl. 156****Exaltação**

Saudade, graça, afetos e doçuras,  
E o que no mundo de mais santo houver,  
Isso tudo, e carinhos e ternuras.  
São atributos do anjo, que é a mulher.  
Tudo que Deus formou de mais perfeito,  
Todos os seres que ele fez sagrados,  
Nada excede a mulher, que é o ser eleito  
A grande perfeição dos seres criados.

A mulher no universo é, como a aurora  
Festiva luz, depois da madrugada escura  
A flor da natureza nela mora.  
Porque há nela a suprema perfeição  
Como estrelas de brilho fulgurante,  
Centelhas lá do céu clareando a Terra  
Ela tem a brilhar-lhe no semblante  
A luz de Deus, que nela (acham) se encerra.

## **Fl. Contracapa frente**

Cresce em torno do Calvário a treva (ilegível)  
(ilegível) (fulvo) do Sol em negror se transcenda  
E, no meio daquela enorme noite muda,  
Ouve-se a grande voz do Cristo agonizante.  
(ilegível) perdoai-lhes! Exclama; e aos céus volve o (ilegível)  
Que sangue aos borbotões lívido e (ilegível)  
E depois, numa angústia incrivelmente aguda,  
Deus por que me deixais? Murmura soluços  
Mas Deus não lhe responde, é (ilegível) o firmamento  
(ilegível) lhe responde em pranto, a pobre mãe mesquinha  
Que, apoiando-se a cruz num longo desalento,  
(Contempla) o filho amado; olha a plebe (escarinha)  
Que vitupera; e geme em tom quebrado e lento  
Dizei vós que passais, se há dor igual a minha!  
Em agosto de 1932.

## **Contracapa verso**

César Albertini  
Rua da Blenda, nº 168  
Bairro Santa Efigênia  
Belo Horizonte

Mário Alfredo  
Alfredo Albertini

---

Copyright © Elizabeth Marcia dos Santos, João Pinto de Oliveira.  
Este livro, ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio  
sem autorização escrita dos autores.

*Editoração de texto e revisão de provas:*  
Sara Ferreira Marcenes Pozzato/Aponto Revisão

*Normalização bibliográfica:*  
Sara Ferreira Marcenes Pozzato/Aponto Revisão

*Ficha Catalográfica:*  
@cervus.doc - Consultoria e Assessoria

*Projeto gráfico e formatação de miolo:*  
Mapa de Minas Comunicação

*Capa:*  
Mapa de Minas Comunicação



1  
 2  
 3  
 4  
 5  
 6  
 7  
 8  
 9  
 10  
 11  
 12  
 13  
 14  
 15  
 16  
 17  
 18  
 19  
 20  
 21  
 22  
 23  
 24  
 25  
 26  
 27  
 28  
 29  
 30  
 31  
 32  
 33  
 34  
 35  
 36  
 37  
 38  
 39  
 40  
 41  
 42  
 43  
 44  
 45  
 46  
 47  
 48  
 49  
 50  
 51  
 52  
 53  
 54  
 55  
 56  
 57  
 58  
 59  
 60  
 61  
 62  
 63  
 64  
 65  
 66  
 67  
 68  
 69  
 70  
 71  
 72  
 73  
 74  
 75  
 76  
 77  
 78  
 79  
 80  
 81  
 82  
 83  
 84  
 85  
 86  
 87  
 88  
 89  
 90  
 91  
 92  
 93  
 94  
 95  
 96  
 97  
 98  
 99  
 100



ISBN 978-65-998995-2-0

9 786599 959523